

hele na

ano 1
número zero
junho 2012
uma publicação da
Secretaria de Estado da
Cultura





EDITÓRIA **h**elena Simplesmente

Poderia se chamar Vitória, forte, síntese de desejos tantas vezes repetidos: vencer, chegar lá, vencer, conquistar, vencer, vencer. Múltiplas possibilidades, muitas personalidades, infindáveis vitórias. Vitória é a materialização do poder. Não, não viemos em busca de poder; o combustível que nos move é o saber.

Poderia se chamar Glória, mais emblemática, mais elevada que Vitória, na hierarquia que nos impõe a escala(da) social. Algo assim: a glória é a vitória das vitórias, o estágio supremo. Acima, só o infinito – e se é infinito não cabe aqui. Mas também não queremos as alturas; preferimos a terra firme – e se houver um corrimão, tanto melhor.

Talvez pudesse se chamar Joana. E já nos vem à mente a Joana das Joanas, d’Arc de guerras, santas guerras, inúteis guerras. A fogueira consumiu-lhe os sonhos e a vida aos 19. Pobre moça, trocou o posto de guerreira pelo de Santa. Que nos guie. Mas tampouco buscamos a guerra; queremos apenas incendiar mentes preguiçosas e despertar corpos dormentes – mas sem violência.

Marias, muitas há. São todas merecedoras de nossa atenção, nosso respeito. São nossas mães, irmãs, primas, professoras, íntimas de nossas confissões, cúmplices de nossos pecados. E são Santas, como a curitibana Bueno, a Maria que nos protege hoje e sempre.

Mas não, definitivamente, não queremos problemas; às Marias guardamos nosso amor infinito, nossa reverência formal. Que aqui não estamos para multiplicar a discórdia; viemos para somar as diferenças. Queremos todos-ao-mesmo-tempo-agora-aqui-*forever*.

E o que dizer de Helena?

Helena é, a um só tempo, regra e exceção: o que sempre desejamos para nós mesmos, o que mais invejamos nas outras, mas tudo o que não admitimos para nossas filhas.

Helena é, a um só sabor, doce e picante: nas duas hipóteses aumenta, provoca a salivação.

Helena é, a um só olhar, luz e trevas: brilha quando deve, ofusca quando merecemos.

Helena é, a qualquer tempo, para todos os paladares e sob diferentes olhares, simplesmente Helena.

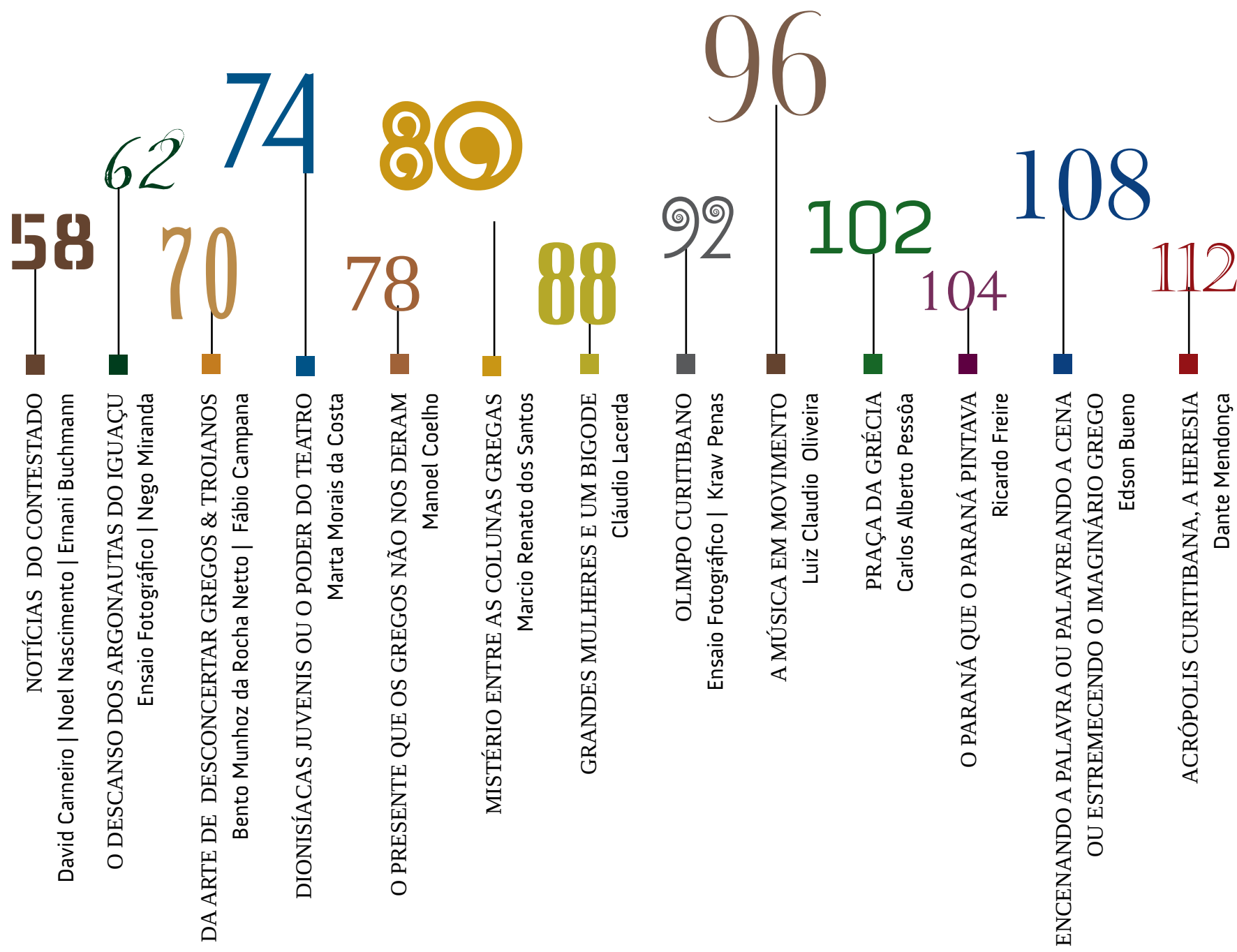
E, em sua simplicidade, Helena será – temos certeza disso – um novo meio de difusão de ideias, um fórum para o debate de temas paranaenses, uma fortaleza para a razão e uma barricada para as tolices. Plural, aberta e inteligente, Helena vai abordar a cultura, a nossa gente, a história, a economia, a gastronomia, a geografia. Vai nos levar à reflexão, e esta – esperamos –, à ação. Que é nossa razão de ser.

Boa leitura.

ÍNDICE

3	EDITORIAL	Paulino Viapiana
7	SAGA	Helena Kolody
9	HELENA KOLODY	Eduardo Rocha Virmond
10	HELENA ENTRE JOAQUIM E NICOLAU	Adélia Maria Lopes
16	REGISTRO BIOGRÁFICO DE HELENA KOLODY	Adélia Maria Woellner
20	POESIA DE SUBSTÂNCIA: Helena Kolody	Paulo Venturelli
24	O CAMINHO SUAVE DE HELENA	Eloi Zanetti
30	DA EUROPA CENTRAL A CRUZ MACHADO	Ulisses Iarochinski
36	ENTRE OS BUCOVINOS	Nicolau Bley Josef Zipperer
40	A NAVEGAÇÃO DO RIO IGUAÇU	Arnoldo Monteiro Bach
48	RIO IGUAÇU: VAPOR, CHARQUE E ARROZ	Carlos Roberto Antunes dos Santos
54	O CAMINHO DE PALMAS	Alvir Riesemberg
56	UMA LASCA DA HISTÓRIA DA MADEIRA	Nilson Monteiro

Este número inicial da revista Helena navega em dois oceanos: as trajetórias, poética e geográfica, de Helena Kolody, 100 anos após seu nascimento, e os ecos infinitos da influência grega no Paraná. Foi o que nos pareceu apropriado, ao dar vida a um projeto batizado com nome tão significativo. Feminino por se tratar de revista, Helena pela beleza que o nome traz.







Saga

No fruir secreto da vida,
atravessei os milênios.

Vim dos viking navegantes,
cujas naus aventureiras
traçaram rotas nos mapas.
Ousados conquistadores,
fundaram Kiev antiga,
plantando um marco na história
de meus ancestrais.

Vim da Ucrânia valorosa,
Que foi Russ e foi Rutênia.
Povo indomável não cala
a sua voz sem algemas.

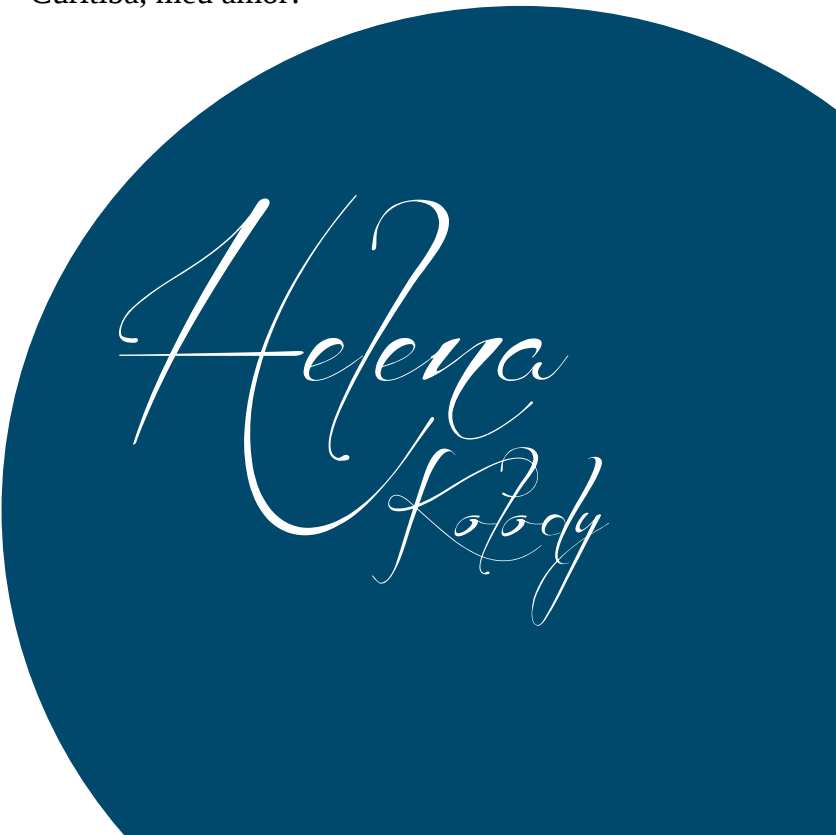
Vim das levas imigrantes
que trouxeram na equipagem
a coragem e a esperança.

Em sua luta sofrida,
correu no rosto cansado,
com o suor do trabalho,
o quieto pranto saudosos.

Vim de meu berço selvagem,
lar singelo à beira d'água,
no sertão paranaense.
Milhares de passarinhos
me acordavam nas primeiras
madrugadas da existência.

Feliz menina descalça,
vim das cantigas de roda,
dos jogos de amarelinha,
do tempo do “era uma vez...”

Por fim ancorei para sempre
em teu coração planaltino,
Curitiba, meu amor!



Helena
Koby



Helena Kolody

Foi Helena muito mais que simples poeta. Era um guia para tantos que com simplicidade procuravam o modelo de generosidade, de franqueza, de bondade, de um proceder incensurável, tanto como poeta, como pessoa, muito mais que provinciana, muito mais que tradicionalista.

por EDUARDO ROCHA VIRMOND

Por este seu permanente querer bem, foi também sujeita a ações de invejosos, que procuravam instruí-la a fazer esta ou aquela poesia, já que não poderiam impedi-la de ser poeta. Essas maldades atingiram de certa maneira a sua vulnerabilidade, com a ideia que manteve sempre de que todos que circulavam em torno de si estavam bem intencionados.

Mesmo assim, o cerne de sua poesia, de seu ser-poeta, continuou inabordável, com a sua qualidade de estar livre para atingir todas as suas aspirações da grandeza de sua imaginação, refletida não só nas pequenas quadrinhas – que não gosto de chamar de haicai – até as suas mais desdobradas composições. Era preciso que fosse assim e que esses poemas mais longos fossem mais enriquecidos pela sua experiência espiritual de vida concentrada em seu pensamento, em sua permanente criação. Como Vinicius, Helena não

só escrevia, mas falava poesia, em seus mais corriqueiros diálogos, o que dava a imaginar a sua própria identidade borbulhando permanentemente em sua imaginação.

Em homenagem a outrem, Helena escreveu:

Os astros brilham eternamente.

Mas só a sombra da noite revela o seu brilho.

Eu sou aqui apenas a sombra da noite

Que realça o brilho que surge no horizonte.

Totalmente pertinente que, agora que a Secretaria de Estado da Cultura teve a grandeza de lançar esta publicação em seu nome, seja lembrado este verso, que simboliza, em suas palavras candentes, o que a própria Helena Kolody representa para a inteligência daqueles que a tem como verdadeiro culto.



HELENA

entre JOAQUIM *e* NICOLAU



por ADÉLIA MARIA LOPES

HELENA, NASCIDA KOLODY POR PARTE DE PAI IMIGRANTE UCRANIANO, NO DIA DA CRIANÇA DE 1912, NA PEQUENINA CRUZ MACHADO, NUM RANCHO DE PAU A PIQUE ÀS MARGENS DO RIO PALMEIRINHA, TORNOU-SE POETA POR PARTE DE UMA CENTELHA DIVINA, DE MUITO SUOR E DE LÁGRIMAS.

QUARENTA ANOS DEPOIS NASCIA EM CURITIBA A REVISTA JOAQUIM, QUE ENTRARIA PARA A HISTÓRIA PELOS LEGADOS LITERÁRIOS, A COMEÇAR POR SEU DONO E DIRETOR DE REDAÇÃO, DALTON TREVISAN. E BEM DEPOIS, EM 1987, A SECRETARIA DA CULTURA DO PARANÁ SURPREENDIA O PAÍS COM O ADVENTO DE NICOLAU, TABLOIDE MENSAL QUE TEVE VIDA ÚTIL ATÉ 1999.

Arco-íris

*Arco-íris no céu.
Está sorrindo o menino
Que há pouco chorou.*

Prisão

*Puseste a gaiola
Suspensa dum ramo em flor,
Num dia de sol.*

Felicidade

*Os olhos do amado
Esqueceram-se nos teus,
Perdidos em sonho.*



Por que *Joaquim*, tão pródiga em combater o passado artístico (Andersen) e literário (Emiliano Pernetá) para enaltecer os “novos”, não reparou na existência da poesia enxuta de Helena Kolody? Dalton Trevisan editou 21 números da revista, de abril de 1946 a dezembro de 1948, quando (em 1941) já havia saído do prelo da Escola Técnica os 420 números de *Paisagem interior*, primeiro livro de Helena contendo, entre os 45 poemas, os três haicais que fez de sua autora a pioneira dessa “joia japonesa” no Brasil.



E mais: em 1942, esse mesmo livro conquistava o segundo lugar no Concurso de Poesia da Sociedade de Homens de Letras do Rio de Janeiro. E escândalo: o certame foi anulado porque os escritores da metrópole indignaram-se com o fato dos dois primeiros lugares serem de autores desconhecidos. Além disso, quando *Joaquim* veio à luz, Helena já havia publicado (em 1945) *Música submersa*, livro que traz o haicai

Pereira em Flor

*De grinalda branca,
Toda vestida de luar,
A pereira sonha.*

Humilde, se *Nicolau* um dia lhe perguntasse a razão desse descaso, Helena responderia: “Por timidez, nunca me fiz conhecida. Nunca tive uma editora que me divulgasse. Eu era popular num círculo restrito. De tão tímida, quando o livro *Paisagem interior* ficou pronto e ia para as livrarias, eu fugi de Curitiba, saí da cidade”.

Cada vez mais lacônico, Dalton não responderia a questão nem mesmo se perguntado fosse. O interessante é que tanto ele quanto Helena nasceram literariamente sem economizar parágrafos. Com o tempo, contudo, lapidaram tanto a palavra que foram canonizados pela concisão, pelo flash, pela síntese.

Mas era o caso de *Joaquim* ter reparado na poesia de Helena? – poderia *Nicolau* questionar. Combativa, vivendo o pós-guerra, é de se estranhar que a revista não percebesse que *Música submersa* (de 1945) traz uma Helena dialogando com o mundo presente, ora “Torva, a ampulheta goteja sangue” ora “Já não crê nos heróis o menino sem terra/ Que cresceu oprimido entre os braços da guerra”.

Carlos Drummond de Andrade, presente nas páginas da revista curitibana e admirado por seus editores, sabia da poesia de Helena. E, a propósito de *Música submersa*, em carta à autora, diz ter encontrado uma poesia “simples”, “discreta”, aliada a “uma fina intuição dos ‘imponderável’”. Andrade Muricy, filho da terra com vida carioca e já famoso, também frequentava as mesmas páginas. Torna-se guru da poeta, já em fins dos anos 40, ao lhe alertar, numa carta: “Você é muito feliz nos poemas curtos, são os mais bem realizados”.



Guido Viaro, fiel ilustrador ao lado de Poty dos textos de Dalton nas páginas de *Joaquim*, sabia de Helena. A turma de alunos da professora de 1943 pediu ao pintor que ilustrasse os três haicais de *Paisagem interior*. “Tenho esse quadro comigo até hoje”, aprazia-se Helena.

Além disso, a poeta situava-se: “Sou do tempo de *Joaquim*”. Chegou até mesmo a observar: “Na década de 40, as pessoas se reuniam na casa do professor Erasmo Pilotto”. E ele, que estava no expediente da revista como diretor, foi quem a convidou para lecionar na Escola Normal.

Sem nenhuma amargura, com a palavra Helena Kolody: “Em 1941 não se conhecia o haikai. Os intelectuais não perceberam os três haicais de *Paisagem interior*. Ao saber deles, Paulo Leminski, então com 20 anos e meu vizinho de apartamento, admirou-se”. Tanto admirou-se que a proclamou a primeira poeta brasileira a publicar haikai e a entronizou como padroeira da poesia paranaense.

Ou, estando na casa dos 30 anos, Helena já estaria na lista das desconfianças dos “moços”, uma “qualidade” tão decantada pelos redatores e leitores de *Joaquim*? Dalton Trevisan estava na casa dos 21 anos e se sentia poeta em 1947. Nos versos dela, uma explicação:

*Quem,
entre os jovens,
acreditará
que fomos jovens também?*

Mas apesar da “idade”, Helena não chamaria atenção se não fosse pelos olhos azuis, não seria pela castidade? Ou o Vampiro naquela época ainda não se sentia desejoso de sangue de virgens?

A infância de Helena foi em Três Barras e em Rio Negro, onde estudou o curso primário. Filha de pai e mãe europeus, ela aplicou-se nas leituras, no piano e na pintura. Aos 16 anos, seu primeiro poema, *Lágrima*, é publicado em jornal infantil e, com o decorrer do tempo, ganha espaço na revista *Marinha*, de Paranaguá. Normalista linda, dedica-se ao magistério – por toda uma vida. E nessa vida ela, já septuagenária, só relacionava duas paixões, sendo uma delas decisiva em sua vida, aos 32 anos de idade: “Como professora de Biologia, sabendo os males causados pelo álcool e querendo ser mãe, desmanchei um noivado de dois meses. Ele era intelectual, escritor, mas alcóolatra”. A confissão saiu em jornais e tevês, algumas vezes com uma certa rima de arrependimento, ao meio do júbilo de ter-se tornado mãe de “quatro mil alunos”.





foto | MACAXEIRA

Solteira, viveu em Curitiba com os pais a partir de 1927, depois passou vinte anos em Ponta Grossa, um recolhimento que também pode explicar a fama tardia. Com um sorriso marotinho, pouco usual em sua face radiante, certo dia, já morando apenas com a irmã Olga (hoje com 96 anos), num agitado apartamento central de Curitiba, confidenciou ser “a última virgem de Curitiba”.

Em *Nicolau*, edição de fevereiro de 1988, admitiu: “Eu venho de uma época em que a mulher solteira tinha que ser virgem”. Portanto, concluía, “eu não tenho experiência nesse lado”.

Contudo, já amargando as rugas e as mãos enrijecidas, por ela derramaram-se em paixões platônicas Sylvio Back, Alberto Cardoso, Hamilton Farias, Miguel Sanches Neto, Roberto Gomes, Tonicato Miranda, Hélio Leites. Leminski Filho, diante daqueles olhos azuis, chegou a lamentar que em 1911 deveria ter nascido ele e não o Paulo Leminski pai. (A declaração foi correspondida: *A casca espinhenta guarda a macia doçura da polpa*).

Casando-se com a poesia, Helena popularizou-se ao ponto de um poema protagonizar, primeira vez na história da Loteria Federal, um bilhete da sorte (extração da última semana de novembro de 1997). Com ilustração de Denise Roman, sabe-se lá que bicho deu para o doce haicai:

*No silêncio luminoso da tarde,
As árvores desfolham-se em pardais*

Antes, sua popularidade ganhou os altares. A Igreja Católica, solicitada por uma ex-aluna de Helena que desistiu do suicídio diante dos versos da poeta, concedeu o *imprimatur* (selo de oração) para

Prece

*Concede-me, Senhor, a graça de ser boa,
De ser o coração singelo que perdoa,
A solícita mão que espalha, sem medidas,
Estrelas pela noite escura de outras vidas
E tira d'alma alheia o espinho que magoa*

Em 2003, um ano antes de sua morte, a Universidade Federal do Paraná a homenageia com o título de Doutora Honoris Causa. Se *Joaquim* a ignorou (“nunca fui nem mesmo combatida, eu era desconhecida”), *Nicolau* poderia ter sido mais justo com quem levava as palavras tão a sério. Um dia ela revelou: “Escrevi *Pintou estrelas no muro*. Mas só dois anos depois consegui concluir”. Afinal, estava ciente de que “a palavra é o sangue e o nervo do poema”.

Missivista generosa, Helena Kolody pondera e a revista curitibana *Todavia*, de nove números apenas, registrou um ensaio sobre Fenollosa e seu estudo dos ideogramas, vistos por Haroldo de Campos. Três frases luzes pinçadas da longa análise: “Esse ir além das palavras constitui a verdadeira força da poesia, em qualquer língua. A metáfora nos leva do material para o espiritual, do concreto para o abstrato. (...) A poesia é muito mais irmã da ciência do que da lógica. (...) Nos ideogramas chineses, tão sugestivos, tão ligados às raízes da vida, cada símbolo acumula um potencial de energia vital”.

Nicolau, em onze anos de vida, publicou apenas uma entrevista com ela (em caso de contestação, cartas para *Helena*, por favor) e seus poemas, incluindo inéditos. A poeta recebeu o nome de Reika (“fragrância de poesia”) da sociedade nipo-brasileira, em 1993, “em reconhecimento à dedicação, divulgação e grandiosidade que deu à poesia de origem japonesa, haikai”. E entre os inéditos, na edição de dezembro de 1992, figuram em *Nicolau* quatro tankas. Um deles:

Pirilampejo

*O sapo engoliu
a estrelinha que piscava
no escuro do brejo.
Ficou mais sombria a noite
sem o seu pirilampejo.*

Foi com Fanny Luíza Dupré, poeta paulista que em 1939 preparava *Pétalas ao Vento*, que Helena soube de haikai. E para a paranaense, nesse pioneiro livro, Fanny dedicava:

*À Helena Kolody
Vastos pinheirais!
É clara noite de lua...
Mais abaixo, o mar!*

Na edição comemorativa dos 50 anos da vitória das forças aliadas contra o nazismo, o tabloide chegaria a publicar os dois poemas de Helena Kolody, escritos em 8 de maio de 1945 e editados em *Música submersa*. Mas nunca percebeu a Helena intelectual, capaz de tecer críticas e fazer análises. “Sou do signo de balança, emotiva quando escrevo, mas fria quando analiso”. Ela perdoou:

*Quem bebe da fonte
que jorra na encosta,
não sabe do rio
que a montanha guarda.*





No dia 12 de outubro de 1912, em Cruz Machado, no sertão paranaense, nasceu Helena Kolody, filha primogênita de Miguel e Vitória Kolody, ucranianos. Passou a infância na vila catarinense de Três Barras; ainda criança, voltou ao Paraná e, em Rio Negro, aluna do Grupo Escolar Barão de Antonina, concluiu o curso primário, em 1922. No ano seguinte, já em Curitiba, estudou no Colégio Divina Providência e na Escola Intermediária, hoje Instituto de Educação do Paraná. Em 1924 passou a residir em Mafra, Santa Catarina, onde escreveu os primeiros versos, estudou piano e pintura. Transferiu-se a família para Curitiba, em 1927, onde, na rua Itupava, esquina com Sete de Abril, Miguel Kolody se estabeleceu com uma casa de secos e molhados.

REGI

Em 1928 aconteceu a primeira publicação de poema seu, *A Lágrima*, na revista *O Garoto*, editada por um grupo de estudantes. Tinha, então, apenas 16 anos de idade. Também nesse ano começou a cursar a Escola Normal Secundária (hoje Instituto de Educação do Paraná), durante o qual os poemas de Helena Kolody passaram a ser publicados em jornais e revistas, em especial na revista *Marinha*, editada em Paranaguá. Concluído o curso, logo foi nomeada professora do Grupo Escolar Barão de Antonina, de Rio Negro. Em seguida, foi designada para a Escola Normal de Ponta Grossa e, após, em 1937, transferida para a Escola Normal Secundária de Curitiba, onde lecionou por 23 anos, período somente interrompido por um ano, em 1944, quando prestou serviços na Escola de Professores de Jacarezinho (PR).



Nasci a 12 de outubro de 1912, às 8 horas da manhã de um dia de
geada forte e muito sol. Isso aconteceu no recém-fundado sítio
colonial de Cruz Machado, em pleno sertão paranaense. Estava
aberta a 1ª estrada naquela região e um pau batallava com
muitos práticos, sob as ordens do Sr. Arthur Martins Franco, que
engenheiro responsável por aquela obra. Nasci num rancho
chamado batido, feito de taboas toscas, morada provisória de meus
pais. Emília de sangue espanhol, nasceu com uma síndia e orgulho. Na
Antes de morrer, milhares de pássaros se punham a gorjejar
e eu me acordava e ficava ouvindo aquela canção. Imprescindível
de natureza desde os primeiros dias de minha vida. Talvez, isso
explique o aspecto técnico de muitos de meus poemas.



STRO

DE HELENA KOLODY

por ADÉLIA MARIA WOELLNER

Foto: MARCOS CAMPOS | acervo CASA DA MEMÓRIA



Em 1941, faleceu Miguel Kolody. Não conheceu o primeiro livro de Helena, *Paisagem Interior*, que era preparado em segredo e a ele dedicado. Como para compensar a dor da perda, o livro *Paisagem Interior* foi classificado em segundo lugar no Concurso de Poesia promovido pela Sociedade de Homens e Letras do Rio de Janeiro, em 1942. Prestou concurso público em 1947 e, aprovada em 4º lugar, foi nomeada para a função de Inspectora Federal de Ensino Secundário, em 1950. Em 1949 recebeu o prêmio *Ismael Martins*, por obter o 3º lugar com os originais de *A Sombra no Rio*, no Concurso de Livros, gênero poesia, do Centro de Letras do Paraná. Em comemoração dos seus 50 anos, foi homenageada por seus alunos, que editaram *Poesias Completas*. Seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som, em 1989, resultou na publicação de *Helena Kolody: poetisa*, Cadernos do MIS, nº 13. Em 1993 foi apresentada a primeira dissertação de mestrado a respeito de sua obra, por Antônio Donizetti da Cruz, na PUC, Porto Alegre, publicada, em 2010, com o título *Helena Kolody: a poesia da Inquietação* (Edunioeste, Marechal Cândido Rondon - PR).

Recebeu honrarias pelo seu reconhecido trabalho poético: *Diploma de Mérito Literário*, conferido pela Prefeitura Municipal de Curitiba; títulos de Cidadã Honorária de Curitiba, Cidadã Benemerita do Estado do Paraná e de Cruz Machado; título de Vulto Emérito de Curitiba; *Medalha Rocha Pombo*, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná; instituição do concurso de poesia, com o seu nome, pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, realizado anualmente; nomeação com seu nome de escolas e diversas bibliotecas escolares de Curitiba e de outros municípios do Paraná. Recebeu o diploma de *Doutor Honoris Causa* da Universidade Federal do Paraná, em 2003.



foto DENISE ZANINI | acervo CASA DA MEMÓRIA

BIOGR



acervo | INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ

Sua vida e obra foram tema dos espetáculos teatrais, *Helena, uma mulher* (1990) e *Encontros* (2002), unindo vida e obra de Helena Kolody e de Júlia da Costa; do filme *A Babel da Luz*, que Sílvio Back realizou em homenagem aos 80 anos de Helena, e que foi vencedor do 25º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, como melhor curta-metragem e melhor montagem; e do documentário *Helena de Curitiba*, de Josina Melo. Helena Kolody pertenceu a inúmeras entidades culturais do Paraná. Foi a segunda mulher eleita, em 1991, para a Academia Paranaense de Letras e é Madrinha de Honra das Cadeiras Poéticas da Academia Paranaense da Poesia.

Em 2011, dando início às comemorações do seu centenário de nascimento, é editada a antologia *Infinita Sinfonia*, que inclui um CD com poemas de Helena Kolody, musicados por compositores do Paraná. E o Ministério da Cultura lhe outorga o prêmio da *Ordem do Mérito Cultural*, classe *Grã Cruz*. Helena Kolody faleceu em Curitiba, no dia 14 de fevereiro de 2004. Na hora derradeira, ao reconhecer que o grande e magistral poema de sua vida estava sendo concluído, testemunhou a colocação do ponto final, cantando a música preferida na mocidade. Colocou em prática o que confessara ao encerrar o poema

Cantiga

Chegar ao porto
da vida finda,
cantando sempre,
sonhando ainda.

ÁFICO

PUBLICAÇÕES de Helena Kolody

Paisagem Interior, 1941; **Música Submersa**, 1945; **A Sombra no Rio**, 1951; **Trilogia**, separata de *Um Século de Poesia*, editado pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1959; **Poesias Completas** (editado por seus alunos, como homenagem aos seus 50 anos), 1962; **Vida Breve**, 1964; **20 Poemas**, 1965; **Era Espacial e Trilha sonora**, editados em um único volume, 1966; **Antologia Poética**, 1967; **Tempo**, 1970; **Tempo II – Viagem no Espelho**, 1970; **Correnteza**, 1977; **Infinito Presente e Saga**, 1980; **Poesias Escolhidas** (22 poemas), tradução de Wira Wowk, para o ucraniano, 1983; **Sempre Palavra**, 1985; **Poesia Mínima**, 1986; **Viagem no Espelho**, 5 edições: 1988, 1995, 1997, 1998, 1999; **Ontem Agora**, 1991; **Reika**, 1993 (na série Buquinista, da Fundação Cultural de Curitiba); **Caixinha de Música**, 1996; **Luz Infinita**, edição bilíngue português/ucraniano, 1997; **Helena Kolody por Helena Kolody**, 1997 - CD, Coleção Poesia Falada; **Viagem no Espelho e Vinte e Um Poemas Inéditos**, 2001, edição comemorativa dos sessenta anos de lançamento do primeiro livro, *Paisagem Interior*; **HaiKais**, 2001; **Memórias de Nhá Mariquinha**, 2002, prosa (reconstituição de episódios de vida narrados por Nhá Marica Barbosa, em Castro-PR, em 1944); edição/patrocínio do Museu Tropeiro de Castro; **Poemas do Amor Impossível**, 2002; **Viaggio nello specchio**, traduzione dal brasiliano di Domenico Corradini H. Broussard, 2003, editado pela Tipografia Editrice Pisana, Pisa, Italy.

ADÉLIA MARIA WOELLNER, advogada, ex-presidente do Centro de Letras do Paraná, é poeta com dezenas de livros publicados. Entre suas obras destaca-se *Infinito em Mim*, lançado nos Estados Unidos, Canadá, México e Cuba. Em 2011 foi responsável pela edição da antologia *Infinita Sinfonia*, de Helena Kolody, por quem foi recepcionada na Cadeira nº 15 da Academia Paranaense de Letras.

HELENA KOLODY PARTE DE UMA POESIA DISCURSIVA, ENCORPADA, DE ACENTO TRADICIONAL, USANDO METÁFORAS PALAVROSAS, PARA UM TRABALHO VERBAL DE SUPREMA SÍNTESE EM SEUS ÚLTIMOS LIVROS. NESTES, TEMOS UMA CRISTALINIDADE INVEJÁVEL, AO LADO DE UM ACENTO MELANCÓLICO DE QUEM SE SENTE SOB A AÇÃO DO TEMPO.

POESIA

DE SUBSTÂNCIA:

HELENA KOLODY

por PAULO VENTURELLI

Sem dúvida, nesta trajetória, a presença do haicai avulta de importância. Com ele, a poeta aprendeu a compressão da palavra. Com ele a poeta absorveu a pincelada rápida. Com ele a poeta assimilou a visão instantânea que se resolve num breve flash em que a profundidade não se faz ausente. Fugindo da grandiloquência, Kolody avança pelo campo minado do pouco dizer, sem cair em hermetismos.

Realiza poesia simples, nunca simplória. Consciente antes de tudo de que o poema é artefato verbal, ela o burila com o cuidado de quem tem a língua como argila plástica que aos poucos toma a forma a que ela aspira.

Sem pretender grandes voos, alça voos de grandeza no diminuto, no mínimo e por esta via atinge a modernidade segura de quem sabe onde põe os pés. É como se Kolody se fosse despidendo aos poucos do supérfluo, dos adereços, para atingir o núcleo fundamental à poesia que é a iluminação, o satori, em que a visão filosófica ou existencialista não se derrama em considerações, mas deriva para o porto seguro do poema que diz de modo telegráfico.



foto MARCOS CAMPOS | acervo CASA DA MEMÓRIA

Manejando a língua com rigor, a poeta não vai em busca de seus preciosismos. Fica no terreno da linguagem conhecida, aquele patrimônio que é de todos e que, em suas mãos, ganha coloração especial, sobretudo porque esta é a função do poeta: arrancar da simples palavra sua luminescência, sua nebulosidade, seu teor de dizer e significar num novo contexto em que ela, a palavra, aparece revivificada.

Trilhando caminhos diversos e neles absorvendo vários discursos e visões, Kolody não deixa de apresentar em sua produção um traço existencialista, que podemos pinçar aqui e ali. Vejamos:

*O que penso,
O que digo,
O que sou...
Pingo de chuva no mar.
(Pingo de chuva)*

O eu-lírico que desponta neste poema se investe de uma autovisão quase monacal, em que percebe sua fragilidade, o frugal da vida, porque suas ações se caldeiam para a compreensão de que a vida, com todos os seus contextos, não passa de um “pingo de chuva”, perdido na infinidade do mar. Há aqui uma clara tensão entre a consciência de si e a consciência drummondiana do vasto mundo. Ou ainda:

*Algo que falta
Puxa raízes,
Sobe no caule,
Rebenta em flores,
No intenso impulso
De ir mais além
Vida é carência.
(Carência)*

Vemos a consciência do fazer puxando as raízes, subindo pelo caule, rebentando em flores. O impulso é superar os limites – ir mais além. Um eu inconformado cava fundo na substância da falta para não se submeter a esta e constata que vida é carência. Vida é reino do limite. Por mais que façamos, somos o frágil ser acossado pela insuficiência, pela busca do absoluto, busca limitada lá na frente pela morte que registra nossa carência de efetividade. Noutro poema:

*A cada oscilar do pêndulo,
Algo se apaga
Ou para nós termina.

De segundo em segundo,
Algo germina
Ou para nós floresce.
(Oscilação)*

Se a cada oscilar do pêndulo algo se apaga, este fato redobra nossa condição de finitude. Em contrapartida, algo germina na dinâmica dos segundos, e assim se distende a tensão entre nossas possibilidades e impossibilidades. O jogo é inteligente porque evita o niilismo. Ainda que de barro somos feitos, mesmo nesta situação-limite podemos lançar mão de realizações.

O homem é, antes de tudo, o *homo faber*, e fazer, criar nos constituem como humanos, porque o apelo ao crescimento (florescer) está inscrito em nossa natureza social. Sem isto, teríamos ficado nas cavernas. Mas o homem abriu os caminhos da civilização, germinou como o construtor do próprio destino, justamente por causa de seus limites. É a percepção de sermos carentes que nos leva a elaborações e a poesia é mais uma destas porque, sendo criação/arte eleva o homem ao lidar com as filigranas da palavra.

Outro poema segue a mesma trilha:

*Ensimesmados
Olham a vida
Como exilados
Fitando o mar.*

*Não estão no mundo
Como quem o habita.
Estão de visita
Num planeta estranho.
(Exilados)*

Quem somos aí? Profundamente passageiros. Se fitamos o mar – movente, símbolo de vida e morte, o eterno refluir – o fazemos como exilados. Por que exilados? Porque não pertencemos de todo a nós mesmos, no sentimento bakhtiniano de não coincidirmos com o nosso presente. Isto nos traz o desconforto e o desafio do estranhamento. Afinal, não estamos no mundo como quem o habita, somos meras visitas advindas de planeta estranho. Quer dizer, a desterritorialização é nossa marca. Vivemos num presente que já é passado, somos transeuntes. Confrontando-nos com o entorno, nunca encontramos nossa casa, porque fluímos pelas frinchas do tempo, materializado naquele mar a que contemplamos perplexos, porque nossa natureza se esboroa justo no contato com aquilo que mais nos afirma.

Helena Kolody, ao lado de suas preocupações que de um modo didático podemos chamar de existencialistas, também se mostra a poeta consciente do seu fazer – o poeta como *artifex* – em poemas em que se debruça sobre o próprio ato de escrever, como fica demonstrado no seguinte texto:

*Em que fuma,
Em que torre,
Em que cisterna funda
Dormia o poema
Em mim?
(Onde?)*

Sua percepção fazedora/criadora leva-a a perguntar onde dormia o poema. Numa primeira leitura, parece que este é autônomo,

independente dela, que não precisa de sua ação porque está pronto num lugar qualquer. Acontece que ela cita fuma, torre, cisterna *em mim*. Isto quer dizer, a voz que fala neste texto sabe que é sua ação fazer o poema, que depende de sua consciência, de sua racionalidade indutiva construir. Se a palavra é social, ela não pertence ao poeta, é da comunidade. E é tal comunidade que ressoa naquela fuma, torre e cisterna. Noutras palavras: o poema não dorme numa fatal subjetividade egocentrada. O poema só é, porque nele ressoa o social com os seus desdobramentos. Cabe à voz poemática ordená-los em busca da originalidade, para aí adquirir sua dicção de arte. Nenhum poeta se fecha na torre de cristal. O poeta tem as antenas ligadas nas circunstâncias para dali extrair seu sumo com que enforma o texto que levará o selo que o poeta lhe quer imprimir.

Do mesmo modo em:

*Não.
Não era isso.
O que eu queria dizer
Era tão alto
E tão longe
Que nem consegui soletrar
Suas palavras-estrelas.
(Não era isso)*

A poeta se encontra numa situação de desafio quase absurdo. Sabe que o que pretendia dizer era não somente alto, mas *tão alto* que não foi possível soletrá-lo nas palavras-estrelas. Há distância entre a intenção e a realização. Este é o desafio que todo criador precisa enfrentar. Não adianta acalentarmos idealismos. Necessário é colocar a mão na massa, sujar-se com os entretons da vida e mergulhar no ato de fazer/criar. Kolody sabe disto e aceita o desafio. Começa com a negação. Segue com a afirmação do que queria dizer e isto plana em alturas intocáveis. Não desiste. Armada com sua arte, ela percebe que não logra soletrar as palavras. Entretanto, vai além do soletrar. Ela *compõe* as palavras. E extrai delas a matéria que é o próprio poema consciente do seu fazer-se no vir-a-ser. Isto é poetar. Isto é fugir da ingenuidade romântica da inspiração e encarnar o escrever como trabalho, aquela luta vã de Drummond e, ao mesmo tempo, fértil, porque resulta numa obra nova, acrescenta algo ao mundo.

Até chegar a uma de suas obras-primas:

*Do longo sono secreto
Na entranha escura da terra,
O carbono acorda diamante.*
(Gestação)

Talvez este seja um dos poemas mais primorosos em nossa língua a decantar a mágica da criação verbal. Se do sono secreto o carbono acorda diamante, do pensamento em ebulição, do envolvimento de sua voz com a voz de milhares de outros autores, o eu-poético sabe trançar sua rede. Sua rede pesca o lírico. E o lírico contido vem conformado na joia deste poema que é em si mesmo uma homenagem a todos os que criam em todas as áreas da arte.

E para concluirmos esta rápida leitura dos últimos livros de Kolody, ressaltamos outro tema constante em seus versos: aquele que de modo arriscado podemos chamar de traço filosófico-reflexivo, em que a poeta pensa o mundo e os homens.

Vejamos um primeiro exemplo:

*Em vão, percorro a cidade
Com meus claros olhos de antes.
As ruas não são as mesmas...
E são outros os passantes.*
(Olhos de antes)

Os olhos claros percebem a mutação das pessoas. Feito um Heráclito moderno, a poeta contempla as ruas, vê as pessoas passarem e elas são outras. A turbulência da cidade grande onde todos somos estranhos a todos. A multidão que se espalha em todas as direções e dentro delas um eu vão, dotado dos olhos de antes. Se as ruas têm sua geografia mutável, as pessoas também mudam a cada lance de olhos. Do encantamento à decepção, vamos indo e vemos o silêncio da incomunicabilidade. Somos multidão desumanizada, emparedada por estruturas alienantes que nos tiram de nós mesmos e dos outros. Ninguém se encontra. Ninguém tem para o outro uma palavra. Vivemos numa sociedade de consumo que nos esteriliza e embrutece. Nos centros de compra pretendemos cobrir o vazio com entulhos. Não sabemos que somos animais gregários, que só no estabelecimento da relação com o outro podemos encontrar um sentido para a vida. As ruas são apenas lugares de passagem, não encontro. Neste estado, vida e morte se banalizam na violência que tem como base o desconhecimento de si e do outro.



ilustração | JOSÉ MARCONI

Ou no poema de lastro profundo:

*Tudo converge
Para o ser.
É em mim que o mundo existe
Para mim.*
(Convergência)

Claro que tudo converge para o ser. É só sendo que estamos no mundo, transformando-o. Se é em mim que o mundo existe, eu existo nele e para ele e minha ação é reconhecer que o mundo é meu lugar e nele devo agir em ética relacional, porque a convergência para o ser implica a ação. Ação comunal. Não posso me encapsular em meu *statu quo* porque isto é a vigência da morte. Como o poema é um artefato de transformação do mundo, meu eu no mundo deve estar impelido para isto: transformar, pois um mundo paralisado seria o desfile dos cadáveres adiados que procriam, dos quais fala Fernando Pessoa.

Encerramos aqui. Ao selecionar três temas, é óbvio que fomos arbitrários. Escolhemos aqueles que mais nos tocam. Esperamos com isto colaborar para a releitura de Kolody. Seus cuidadosos textos devem pertencer ao nosso cânone para que o revisitemos sempre, extraindo não só beleza, como também laivos de percepção e reflexão para a vida. Pretendemos encontrar algumas chaves de sua estética. A poeta não merece só homenagem. Merece revisita constante, pois seu legado é pleno de caminhos que podem nos levar ao

“Pintou estrelas no muro
E teve o céu
Ao alcance das mãos.”

PAULO VENTURELLI é escritor, professor concursado da UFPR, na área de literatura, doutor pela USP. Lecionou Literatura Dramática, História do Drama e Estética do Drama, no Curso Permanente de Teatro, do Teatro Guaíra, e manteve o grupo “Todo dia tem neblina no horizonte”. Com seus atores, dirigiu as peças “Mulheres de Atenas”, de Chico Buarque, “Yerma”, de Lorca e “O verdugo”, de Hilda Hilst.



A MINHA VIDA PROFISSIONAL ME FEZ CONVIVER COM MUITOS POETAS: MARIO QUINTANA, THIAGO DE MELLO, CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, CORA CORALINA E HELENA KOLODY. COM A NOSSA POETA ESTIVE EM ALGUMAS REUNIÕES A COMPRAR OS DIREITOS DE ALGUNS DOS SEUS POEMAS PARA INSTITUCIONAIS DE EMPRESAS. ELA ME CONTAVA COISAS, COMO OS POEMAS NASCIAM, COMO ELA TRABALHAVA, E TAMBÉM PEDACOS DA SUA VIDA. CERTA VEZ FICAMOS UM BOM TEMPO A ESCOLHER “POEMAS OUTONAIS” - ELA LISTOU OITO. NO TEXTO ABAIXO, PROCUREI ENTRAR NO SEU MUNDO, VIVER A SUA VIDA E FALAR DOS NOSSOS PINHEIRAIS. RECORRI À MEMÓRIA DAS HISTÓRIAS QUE OUVI DA PRÓPRIA HELENA E DOS MEUS AVÓS PTERNOS, TAMBÉM IMIGRANTES, E QUE MORARAM AO TEMPO DE HELENA EM CIDADES MUITO PRÓXIMAS. O QUE ELA TERIA VISTO, ELES TAMBÉM VIRAM E ME CONTARAM EM CONVERSAS AO REDOR DA MESA.

O caminho

Sua vida

de Helena

por ELOI ZANETTI

A primeira vez que me dei conta da imensidão do mundo foi quando meu pai nos levou por uma estrada de terra - eu deveria ter uns sete anos - para visitar parentes que moravam distante. Naquela época tudo parecia distante e Três Barras, o centro do mundo. O lento andar do carroção com o barulho das rodas envoltas em aros de ferro a quebrar pequenas pedras pelo caminho, ao mesmo tempo em que incomodava, acalentava meus ouvidos. Enquanto isso o pessoal conversava animado, ora em ucraniano, ora em português, antecipando o encontro com primos e primas e aguçando o apetite para o almoço prometido, eu, quieta, olhava a mata ao nosso redor. Via passar, nos lados da estrada, enormes pinheiros que alinhados, cruzando seus galhos, pareciam formar um caminho sem fim. Curiosa, tentava enxergar floresta adentro, mas essa era tão espessa que a vista só alcançava alguns metros. O emaranhado de cipós e a galharia baixa teciam uma cortina impenetrável aos olhos. O escuro da floresta nos metia medo, a ideia do lobo mau e das bruxas veio com nossos avós de uma Europa cheia de histórias e lendas. Para me distrair, acompanhava o saltar dos pássaros de uma árvore para outra. Pulavam conforme o andar do carroção. Cada vez que alguém enxergava uma gralha azul ou um tucano era uma festa.

Como era cedo e o sol do inverno ainda não esquentara, o orvalho cobria as plantas nas beiradas da estrada. Teias de aranha e seus rendados umedecidos brilhavam à luz da manhã. A névoa matinal espessa à nossa frente, como a entrada de um túnel do tempo a ser transposto, fascinava minha imaginação. Qual seria o destino daquela menina sensível?

Ao final de um subidão, onde a parelha de cavalos sofreu para dar conta da carga, meu pai parou girando rápido o freio travando as rodas. “É para os cavalos descansarem um pouco”, disse ele. “Salta todo mundo, não se afastem muito que tem onça no mato e ela adora pegar criança.”

O lugar oferecia uma vista privilegiada; subi em uma pedra e fiquei olhando para a imensidão de árvores que sumiam no horizonte. Meu pai se aproximou e disse: “Helena, olhe que maravilha, o Brasil é inteiro coberto por matas. Está vendo os trechos mais escuros, aqueles que se alongam? São as copas dos pinheiros. São milhares e embaixo deles cresce a erva mate, correm as cutias, as pacas e os porcos do mato. Em cima, as gralhas e todos os outros passarinhos. Não sei se até a gente morrer eles ainda estarão de pé. Tem muita gente cortando pinheiro.”



Serraria

Longo estilete, o agudo som das serras

Transpassa o silêncio.

O coração da mata estremece

Ao eco desse uivo prolongado.

Branco cadáveres mutilados,

Toras no pátio jazem ao sol.

[]

Distante, o coração da mata estremece

Ao choque dos pinheiros derrubados.



Morávamos em Três Barras, uma vila em volta de uma grande madeireira a *Southern Brazil Lumber*, que devastou a região por mais de 20 anos. A palavra ecologia já fora inventada, mas demoraria quase um século para chegar até nós. Enquanto isso, derrubar pinheiro para formar pasto ou terreno de lavoura era o que tinha a ser feito. Os imigrantes, como a minha família, enganados por promessas de ambos os governos - Ucrânia e Brasil - precisavam tirar o sustento de alguma forma, e cortar madeira para a serraria seria uma delas.

Feliz, naquele mundo minúsculo, só fui me dar conta dele muito tempo depois, quando nossos antepassados já haviam migrado para moradas superiores e eu para cidades maiores. A cidadezinha qualquer da minha infância, centro das minhas memórias, foi a inspiração da maioria dos meus poemas.

As casas de madeira, nas noites frias, depois do jantar e das histórias, por mais que as mata-juntas entre as tábuas fossem bem colocadas, deixavam passar um filete de vento pelas frestas que nos fazia agarrar com firmeza as escassas cobertas. Um dia, minha mãe conseguiu juntar penas de ganso, o suficiente para fazer um grande e macio acolchoado. Nós, meninas, acompanhamos animadas a costura e a escolha das penas mais leves para o recheio. Foi uma festa, cada qual querendo inaugurar a nova peça. Os acolchoados de pena de ganso nas colônias de imigrantes passaram a ser indispensáveis para quem morava nos planaltos paranaenses.

Os dias frios sempre foram para mim particularmente especiais. A geada amanhecia cobrindo os campos e da janela eu via cavalos e vacas pastando e das suas narinas saía uma densa nuvem condensada. De vez em quando batiam forte com as patas no chão, como que querendo espantar o frio. Ao derreter da geada o céu tomava uma tonalidade de um belo azul profundo e o ar ficava fino, leve e transparente. De uma elevação perto de casa, ao final dos dias, no caminho de volta da escola, eu adorava ficar olhando as fumaças que subiam retinhas das dezenas de chaminés. As réstias se erguiam em vertical até certa altura e dobravam na direção em que a brisa soprava. Parecia que todas combinavam o mesmo gesto. O ar se impregnava do cheiro gostoso do nó de pinho sendo lentamente queimado. Em cada casa era o fim da faina diária para os homens. Para as mulheres ainda sobrava muito trabalho: dar banho nas crianças, preparar a janta, costurar e colocar todos a dormir. A mesa seria posta, e as histórias contadas pelos mais velhos embalariam o sonho das crianças. Nas noites das centenas de cidadezinhas do interior do Brasil um novo mundo nascia e eu era parte dele. Tudo estava para ser construído.



Cantiga de Recordar

Doce lembrança orvalhada

De madrugadas antigas.

Fumaça de chaminé

Subindo na manhã fria

Florescida malva-rosa

Debruçada no jardim

Uma revoadada de sonos

Na vida que amanhecia

Cantiga de recordar

Ai, que saudade de mim!

Aprendi a ler e logo me tornei uma devoradora de livros. O mundo ficou maior e mais misterioso, as ilustrações das fábulas mexiam com minha imaginação, meu espírito voava por entre as copas dos pinheirais e galgavam um mundo sem fim. Três Barras e Cruz Machado já não cabiam mais no meu peito, apesar de carregá-las comigo pelo resto dos meus dias.

Fio d'água

*Não quero ser o grande rio caudaloso
que figura nos mapas.*

Quero ser o cristalino fio d'água

Que canta e murmura na mata silenciosa.

O fascínio pelos livros me levou à Escola Normal de Curitiba - uma das poucas opções para mulheres que se interessavam pelos estudos, na época.

Acertei na vocação, segui o meu chamado e a esta profissão dediquei minha vida. Par e passo com a pedagogia, a poeta foi se arriscando a mostrar os seus trabalhos. A Curitiba provinciana que me recebia apresentava semelhanças com a pequenina Três Barras: casas de madeira e pinheirais por todos os lados, a mesma fumaça retinha subindo das chaminés, os mesmos carroções de colonos a andar pelas ruas e estradas. Mas foi a miscelânea de raças e origens que me chamou a atenção. Aqui, além dos compatriotas ucranianos, encontrei, entre minhas alunas, descendentes de vários povos: poloneses, alemães, italianos, árabes e portugueses. A Babel curitibana estava em todas as partes: nas fachadas das casas, nas vestimentas, nas festas, na comida e nos costumes. Aos poucos, percebi que esse *mélange* seria a riqueza do nosso futuro. Dediquei minha vida às minhas alunas.

Um dia, ao sair de casa, percebi a chegada do outono. Os poetas sempre percebem mais cedo os sinais sutis da mudança das estações. Parei extasiada e escrevi rápido na página de um caderno de uma aluna. Depois, na sala dos professores, retirei cuidadosamente a página para esconder o furto de uma folha em branco transformada em poema. Escrevo por prazer e poemas como esse, que saem rápido de dentro de mim, professoralmente, os chamo de “vivíparos”.



Prenúncio de outono

*Assoma um leve prenúncio de outono
Nesses lapsos de quietude e abandono.*

*Que estranha voz - tão grave! - murmureja
Entre as folhas dos plátanos da rua...
As folhas se aconchegam, temerosas,
Porque a voz, insidiosa, lhes sussurra:
- O vosso tempo chegou!*

*Mas, o céu é tão belo e é tão sereno o dia!
E o ar é tão leve, e o ar é tão frio!*

*As cigarras desatam nos pomares
A ruidosa alegria do seu canto.*

*Paira, sutil, um prenúncio de outono,
Nesses lapsos de quietude e abandono.*

O convívio constante com a palavra deu-me conta do seu poder transformador. Por isso, sempre fui muito cautelosa com elas, tanto nas conversas cotidianas, quanto com as alunas e nos poemas que escrevia.

[]

Ao passarem as palavras, brilhará límpido e eterno o Verbo esquecido.

Como orientadora, percebi logo cedo o poder do elogio e do reconhecimento. Sempre que pude, nunca deixei de elogiar um trabalho ou uma ação bem feita. É uma pena ver no final da vida o sagrado ofício - sacrifício - do educador perder significado.

Agora

*Se tens um elogio a proferir,
é tempo agora.*

*Não aguardes que o vento da morte
desvaneça da areia da vida
o nome que o merece.*

*Se há um agravo pungente a perdoar,
é tempo, é hora.*

*O mais profundo ranço não resiste
a um apelo de braços abertos.*

Com o tempo, descobri o meu estilo no poema curto e, sem perceber, comecei a fazer haikais. Meu amigo Leminski, poeta também de origem eslava, me afirmou: “Você foi a primeira poeta paranaense e uma das primeiras no Brasil a fazer haikais.”

Não é o tempo que voa.

Sou eu que vou devagar.

Os pinheirais sempre estiveram presentes em minha vida; aonde eu ia, lá estavam eles, como que me dizendo: “Não se esqueça da sua infância, você nasceu no meio de nós, é uma das nossas. Cante nossa beleza e nossas agruras”. Há no pinheiro uma beleza estética só dele, é uma das árvores mais bonitas da terra, uma antiga espécie que nos acompanha desde as eras mais remotas, muito, mas muito tempo antes de existirmos. Hoje vejo com tristeza as matas ainda sendo derrubadas e penso que cada vez que no Paraná se destrói um pinheiro, se destrói um pedaço do Estado e da nossa identidade.

...

Baixinho, o vento assobia

Na grimpada dos pinheirais.

Alto céu, claro céu

A transbordar de sol.

Uma cigarra vadia

Celebra a glória do dia

em suas asas matinais.

...

Passou o tempo, milhares de alunos, milhares de lições tomadas, provas, alegrias, tristezas e formaturas, a mestre-escola se recolhe e volta a ser menina outra vez. Olho para o telhado da velha casa escolar e vejo um corvo solitário. Como eu, a si próprio talvez ele diga:

*Do telhado, solitário,
Sempre, um corvo centenário
Observa o pátio da escola.*

*Há um século, vive cheio
De meninos em recreio...
Como a vida não varia!*

*Claras risadas amenas
E sempre os mesmos brinquedos.
Mudam os rostos apenas.*

Desde o dia em que saí com meu pai para passear na casa dos parentes, quando ele me apresentou a imensidão do mundo, só tenho pedido uma coisa:

*Concede-me, Senhor, a graça de ser boa,
De ser o coração singelo que perdoa,
A solícita mão que espalha, sem medidas,
Estrela pela noite escura de outras vidas
E tira d' alma alheia o espinho que magoa.*



foto | HARATON MARAVALHAS





Da Europa Central a Cruz Machado

por ULISSES IAROSCHINSKI

AS ORIGENS DA GENTE DO PARANÁ SEMPRE FOI COMPONENTE IMPORTANTE NAS RELAÇÕES SOCIAIS DESTE ESTADO. ELAS AINDA NÃO FORAM DISCUTIDAS DE MANEIRA SUFICIENTEMENTE ABERTA E ESCLARECEDORA. A TEMÁTICA AINDA É ABORDADA, MUITAS VEZES, DE FORMA SIMPLISTA E POUCO ACADÊMICA, PERMITINDO QUE MITOS E MANIPULAÇÕES TOMEM FEIÇÕES DE VERDADES HISTÓRICAS, E ESTUDOS SÉRIOS SEJAM IGNORADOS OU ACESSÍVEIS APENAS A UMA MINORIA.

Produto de um rico caldeirão de imigrações internas e externas, o paranaense, mais que qualquer outro brasileiro, está sempre se questionando quanto à verdadeira etnia do ancestral. A questão da origem étnica do povo do Paraná parece estar expressa diretamente na identidade de cada um e está ligada ao fato de esta ser uma terra essencialmente de imigrantes, ou de descendentes.

A paranaense de Cruz Machado, em seus versos, anuncia sua origem nas estepes da Europa Central. Helena enumera cada um dos nomes de sua nação de origem... De seu sentimento de pertencimento a uma nação! Do mais recente, Ucrânia, ao mais antigo, Russ, passando pelo mais longo, Rutênia.

Tomando como exemplo o poema de Helena Kolody, vamos encontrar em antigos escritos da origem dos povos eslavos (que é bastante significativa na formação do Paraná), dos quais faz parte Helena, uma lenda comum a esta gente, e que situam, em algum lugar do pretérito, três irmãos.

*Lech, Czech e Russ penetravam na floresta inexplorada
buscando um local onde pudessem estabelecer um povoado.
De repente, avistaram uma colina com um velho carvalho e uma águia no topo.
Lech disse: esta águia branca eu adotarei como símbolo do meu povo
e ao redor deste carvalho eu construirei a minha fortaleza
e por causa deste ninho de águia (em polaco: gniazdo),
eu a chamarei de Gniezno (primeira capital do reino polaco).
Os outros irmãos continuaram a caminhada pela mata
com o objetivo de encontrarem também um local para seus povos
Czech seguiu na direção sul para formar as terras tchecas
e Russ foi para o leste para criar as nações da Rutênia,
da Rússia e da Bielorrússia.*

Russ também é herói de outra lenda, que localiza sua origem em outras terras. Mais precisamente na Escandinávia. Russ era um viking conhecido como Oleg. Eram os anos 880 d.C. e a Europa Central vivia então sob jugo do Império Ka-zan, dinastia do povo azeri, cuja sede ficava na região hoje correspondente ao Azerbaijão. Oleg, herói nórdico, em sua sanha de conquista, expulsou os azeris e criou na região o Principado Russ. O território de Oleg, conhecido também como Principado Kievano (ou Kievan, Kiev), devido à antiga ocupação Ka-zan, estendeu-se pelas terras da Volínia e da Podólia. Embora lenda, é admissível deduzir que naquelas terras existissem tribos primitivas, que não eram vikings e tampouco azeris. Descobertas arqueológicas registram a presença de povos autóctones, naquele local, desde o período paleolítico, cerca de 200 mil anos a.C.. E mais tarde, de povos nômades como os celtas, godos, suevos e vândalos. Aqueles povos, também conhecidos como protoeslavos, são as origens de polacos, tchecos, bielorrussos, russos, eslovacos e rutenos.

Enquanto Kiev, terra de Oleg (antiga Ka-zan), transformava-se em centro importante e rota comercial entre o Oriente e o Ocidente, lá nas terras de Lech, um pouco antes, no ano de 800 d.C., cresceu um ducado sob o domínio da dinastia Piast, que culminaria em 966 d.C. na criação do Reino da Polônia. Neste tempo ainda não existia a Rússia e o principado de Moscou era ainda dominado por Rurik (fundador de Novgorod e Moscou) da mesma família viking de Oleg.

O principado Kievano, entretanto, não teria vida longa. Sua desintegração começou no século XI, depois da morte de um bisneto de Oleg, conhecido como Jaroslav – o sábio. Depois disso e por oito séculos, os rutenos (originários dos protoeslavos autóctones, azeris e escandinavos, habitantes da região de Kiev) viveram como súditos do reino da Polônia, do principado de Moscou (depois Rússia), além das ocupações austríaca, russa e prussa (depois alemã).

No século XVII, os moscovitas, filhos de Russ (como os rutenos), depois de sofrerem a invasão polaca em sua cidade-estado, conseguiram vencer os descendentes de Lech, anos mais tarde, numa reviravolta sem precedentes na história das guerras da Europa Central. Como forma de assegurar seus domínios, os russos, comandados pelos Romanov, criaram um reino em substituição ao Principado de Moscou e ampliaram seu território do Mar do Norte ao Mar da China. Enquanto isso, os polacos com sua república binacional (primeira república moderna, anterior à República Francesa e à República Americana) estendiam seu território do Mar Báltico ao Mar Negro. No meio de tanta terra, cercada de mares por todos os lados, os rutenos passaram a ter dois senhores: de um lado um polaco e de outro um russo.

O fim da Primeira Guerra Mundial coincidiu com a Revolução Bolchevique, que derrubou a monarquia e instaurou a República Socialista Soviética da Rússia. Mudou a monarquia, mas não mudaram os russos. Uma vez mais a Polônia seria atacada pelo primo eslavo. Os russos quiseram reconquistar as terras polacas que tinham ocupado por 127 anos. Mas foram surpreendidos e a Guerra Polaco-Russa de 1920 terminou com vitória dos polacos.

Com a derrota para a Polônia, os russos se voltaram contra os rutenos, que tentavam havia dois anos instalar um Estado independente sob o comando do ruteno Szymon Petlura e a ajuda do polaco Józef Pilsudski. Contudo, os milenares rutenos não tiveram a mesma sorte dos polacos. Foram derrotados e como presente receberam o portentoso título de República Socialista Soviética da Ucrânia. Os rutenos viraram ucranianos e a Rutênia tornou-se Ucrânia. Uma minoria dos rutenos recusou-se a aceitar o novo nome para sua nação – Ucrânia – e o novo termo gentílico – ucraniano.

A palavra “Ukrania”, nos idiomas eslavos, com variações de declinações, no geral, pode ser traduzida como “U” (do, em, no), “Kraj” (país), ou seja, “do, no nosso país”.

O novo Estado passou os 70 anos seguintes sob a tutela da Rússia Soviética, e quase foi dizimado completamente nos anos 30, por ordem de Moscou. Quem sobreviveu a tantos senhores e a tantos horrores não iria perecer. Sobreviveram ao Holodomor, à Segunda Guerra Mundial e ao Comunismo Soviético para, em 1990, conquistarem independência e soberania com a criação da República da Ucrânia. Aquela minoria rutena, entretanto, continuou encravada nas fronteiras atuais da Eslováquia e da Polônia e ainda é tratada pelo governo de Kiev como minoria, embora seja o mesmo povo, a mesma etnia... Configurando-se em caso raro de uma minoria étnica que é a própria etnia.



A Cruz Machado

Quando Helena em seus versos fala que veio das “levas imigrantes”, ela está registrando pertencimento a grupos de imigrantes que começaram a chegar ao Paraná no século XIX. As primeiras famílias de rutenos teriam chegado ao porto do Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1891.

Normalmente os imigrantes ficavam um período de quarentena na Hospedaria dos Imigrantes, na Ilha das Flores. Ali, aquelas famílias foram registradas pelas autoridades brasileiras como sendo compostas de elementos polaco-austriacos, pois portavam passaportes familiares austriacos e faziam parte do grupo de imigrantes polacos procedentes da região ocupada pelo Império da Áustria, também conhecida como Galícia. Nos 45 dias que ficaram na ilha souberam que seriam encaminhados ao Paraná, onde receberiam seus lotes de terra na Colônia Santa Bárbara, localizada no município de Palmeira, povoada por polacos e italianos. Outra parte do grupo seria encaminhada para a Colônia Rio Claro, no Município de Marechal Mallet, colonizada somente por polacos.

Do Rio de Janeiro, eles partiram em navios menores para Paranaguá, numa viagem de dez dias. Dali subiram de trem a Serra Mar, chegando a Curitiba, onde, uma vez mais, foram registrados como polaco-austriacos. A viagem de trem terminaria em Ponta Grossa e Mallet. Os destinados a Rio Claro prosseguiram até Marechal Mallet em vagões de trens. A partir da última estação em Mallet, os imigrantes foram obrigados a viajar em carroções e a pé pelo trecho mais difícil da longa viagem. A viagem durava em média três dias. Em cada carroça, alugada pela comissão de imigração, puxada por quatro ou mais cavalos, comprimiam-se três famílias e a bagagem. Nos anos seguintes e até a Primeira Guerra Mundial, novos grupos de rutenos chegariam ao Brasil e continuariam a ser registrados como polaco-austriacos e/ou polaco-russos.

Estudiosos da etnia ucraniana no Brasil afirmam que até 1914 teria chegado cerca de cinco mil pessoas entre os grupos de polacos, que seriam, na verdade, rutenos. A família de nossa poeta Helena foi assentada na Colônia Cruz Machado, a 50 km de União da Vitória, em 1911. Meses depois da chegada de seus pais, naquele ermo sertão do Sul do Paraná, a pequena Helena Kolody nasceu. Era 12 de outubro de 1912. Os pais de Helena faziam parte de um grande grupo de imigrantes polacos, que começou a chegar ao Pátio Velho do Rio do Banho, na Serra da Esperança, em maio de 1911. Eram, em sua maioria, procedentes da região ocupada pela Rússia.

O chamado do governo paranaense exerceu forte influência nesta nova onda de imigração, que começou em maio de 1911. Mas a maioria dos imigrantes chegou em outubro e novembro de 1911. Nesse meio ano entraram no Paraná 9,8 mil pessoas, a maioria polacos. Entre estas, 7,6 mil eram procedentes da ocupação russa e outras 1,5 mil da Galícia austriaca.

Desde o qual, seria mais tarde território da governadoria de Lublin, na nova fronteira da isolada região de Chełm, emigraram em 1910, 2.661 pessoas, em 1911, 6.554, em 1912, 3.802. Em 1911, sem emigrantes temporários, inclusive

neste ano, de toda a governadoria saíram 13.140 pessoas (2,5 mil a mais do que ano anterior), no distrito de Krasnostaw 1.277 emigrantes, de Janów 1.221, de Puławy 491, de Lubartów 431 e de Lublin 387. Dos distritos administrativos, que antigamente pertenciam à governadoria de Siedlec, tinham emigrado 1.017 pessoas de Radzyń, 736 de Łuków e 250 de Garwolin. (Ciuruś, E. - Dobosiewicz, Z. - Groniowski, K. - Helman, W. - Krajewski, A. - Rómmel, W. - Żeromski, A. “Polonia w Ameryce Łacińskiej”. Polski Instytut Spraw Międzynarodowych. Wydawnictwo Lubelskie - A Polônia na América Latina, Instituto de Assuntos Internacionais da Editoria Lubelski - p. 26-27)

Os emigrantes que chegaram a Cruz Machado, em sua grande maioria, partiram das cidades polacas de Łuków, Garwolin, Rudnik, Wysokie, Rybczewice, Gorzków, Fajslawice, Sułów, Jaszczów, Krzczonów, Wojcieszków. A soma dos imigrantes destas várias localidades chegava a 5 mil pessoas. No início de outubro de 1911, o governador de Siedlce (cidade polaca sob ocupação russa) apresentou outros números de emigrantes por cada localidade, que deixaram a Polônia rumo à América:

O distrito de Radzyń apresentou, em 1911, 1.783 emigrantes; Łuków, 1.255; Garwolin, 452; e os distritos vizinhos mais 150 pessoas. Rudnik



ANDERSEN, ALFREDO | Retrato de Jovem Camponesa Rutena
fotografia colorida a óleo | acervo Museu Paranaense

(353), Wysokie (202), Rybczewice (195), Gorzków (164) Fajslawice (155), Sulów (218) Stary Zamość (161) Jaszczów (189) Krzczonów (174) Czemierniki (273), Rakolupy (328) e Brzeziny (179), Majdanie Ostrowski (105) Ostrowie (90), Mościska (82) Bzowców (76) Krasnostaw (77).

No distrito de Hrubieszów, a maioria de emigrantes saíram de um círculo entre oito e 14 municípios. No distrito de Biłgoraj emigraram apenas seis pessoas de dois municípios (Huta Krzeszowska i Puszcza Solska). Entre os emigrantes do distrito de Zamość foram 10 famílias do credo ortodoxo, certamente do rito oriental, de Hrubieszów 7, de Chełm 4, de Krasnostaw outros 3. Na base deste grupo também devem ser acrescentados emigrantes ilegais não registrados. (p. 142-150. IN: Centralne Archiwum GUS, GUS 1918-1939, Wydział Statystyki Ruchu Ludności 5376, k. 10n. – Arquivo Central GUS – Departamento Estatístico Movimento de Pessoal).

Confirmando que os primeiros rutenos que chegaram a Cruz Machado eram identificados como polacos e não ucranianos, o governador do Paraná Francisco Xavier da Silva, em sua mensagem ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná, em 2 de fevereiro de 1912, informava:

Devidamente autorizado tem o Governo cedido, gratuitamente á União, terras devolutas para o serviço de povoamento do solo. No anno anterior entraram na Hospedaria de Paranaguá 9.788 immigrantes, sendo 8.071 Polacos Russos, 1.512 Austriacos, 82 Allemaes, 24 Italianos, 19 Russos, 18 Hespanhoes, 26 Hollandezes, 29 Francezes, 12 Portuguezes, 6 Belgas, 3 Suissos e 3 Inglezes. (DAPE-PR Departamento de Arquivo Público do Estado do Paraná, Curitiba – PR. p. 16)

Como se vê não há menção alguma a ucranianos, ou rutenos. Somente o livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora de Belém, de Guarapuava, responsável pelo Curato de Cruz Machado registrou que entre os imigrantes polacos haviam pessoas de outra etnia:

1º. Livro do Tombo da Paróquia. Termo de abertura. Sendo este Livro o primeiro do Tombo aberto no Curato de Cruz Machado, faz-se mister de uma informação sobre o princípio deste lugar: O núcleo de Cruz Machado foi aberto pelo Serviço de Povoamento de solo no ano de 1911. Os primeiros colonos foram Rutenos que agora contam no inteiro Curato algumas 80 famílias. Em seguida chegaram da Polônia Russa cerca de 750 famílias que foram localizadas. De resto a população se compõe de algumas 50 famílias brasileiras, algumas 20 alemães protestantes e poucas famílias de outras nacionalidades.

E é justamente entre estas 80 famílias de rutenos, provavelmente originários da Polônia Austríaca, que se encontravam os familiares de nossa Helena Kolody. Assim como nas terras da Europa, os rutenos do Paraná e do Brasil somente viriam a se identificar como ucranianos, após o fim da Primeira Guerra Mundial, quando definitivamente deixaram de ser taxados de polacos.

Mas os laços seculares de sangue, tradições e semelhanças étnicas permanecem vivos, ainda que tenham passado a um segundo plano. Prova disto é que os hinos nacionais de Polônia e Ucrânia possuem mais do que versos parecidos: têm temas e origens em comum. A letra do hino da

Ucrânia se inspirou em um poema polaco de 1797. O poeta polaco Józef Wybicki, escreveu a primeira versão da poesia “Jeszcze Polska nie umarła” em 1797, que mais tarde seria decretada oficialmente como hino nacional com a modificação de uma palavra, “*Jeszcze Polska nie zginęła*”. (umarła = morreu, zginęła = pereceu)

Ainda a Polônia não morreu,
Enquanto nós vivermos.
Aquilo que a prepotência estrangeira nos tirou,
Com a espada reconquistaremos.
Marche, marche, Dabrowski,
Da terra italiana para a Polônia,
Sob a tua liderança
Nos uniremos à Nação.
Cruzaremos o Vístula, cruzaremos o Varta,
Seremos polacos,
Bonaparte deu-nos o exemplo de
Como devemos vencer.
Marche, marche, Dabrowski...
Como Czarnecki para Poznan
Após a invasão sueca,
Para a salvação da Pátria
Voltaremos pelo mar.
Marche, marche, Dabrowski...
O pai para a sua Bárbara
Fala chorando:
“Ouça criança, são os nossos
Que batem nos tambores”
Marche, marche, Dabrowski...



Imigrantes ucranianos | fonte: www.rcub.com.br

Assim como o poema de Wybicki, o de Czubyński se tornou hino nacional de seu país. O verso “Jeszcze Polska nie umarła” inspirou o ruteno Paweł Czubyński, em 1862, na criação da letra para a música do padre católico ruteno Michał Werbycki. O poeta ruteno escreveu “Ще не вмерла Україна” (em português: “Ainda a Ucrânia não morreu”).

*A Ucrânia ainda não morreu,
Tampouco a sua liberdade,
O destino voltará a nos sorrir, jovens irmãos.
Como o orvalho some com o sol da manhã,
Assim também desaparecerão nossos inimigos,
E também nós, irmãos, governaremos terras que nos pertencem.
Lutaremos com corpo e espírito para obter a nossa liberdade,
E mostraremos, irmãos, que somos uma nação de Cossacos.
Todos juntos lutaremos pela liberdade, desde o Sian até o Don,
Não permitiremos que estranhos dominem a nossa pátria.
O Mar Negro sorrirá e o avô Dniepro se alegrará,
E na nossa Ucrânia a nossa sorte vai vicejar mais uma vez.
A nossa persistência e a nossa sincera labuta será recompensada,
E canções proclamando a liberdade soarão em toda a Ucrânia.
Ecoarão do Cárpatos e retumbarão através das estepes,
A glória da Ucrânia será conhecida em todas as nações.*

Como se percebe, uma vez mais as histórias das duas nações se entrelaçam e vão permanecer assim em outras terras e em outros Estados criados. Foi assim que eles chegaram a Cruz Machado, no Paraná, e ali construíram juntos uma nova história comum.

Cruz Machado foi a maior colônia de imigrantes em área territorial da América Latina. A colônia recebeu este nome em homenagem ao senador do Império, o mineiro Antônio Cândido da Cruz Machado, que ao longo de sua vida parlamentar apresentou vários projetos, como a divisão do território brasileiro e, mais do que isto, foi um grande entusiasta da emancipação da Província do Paraná.

Depois de mais de um século no Paraná, polacos e ucranianos tornaram-se a própria identidade deste Estado, legando não só filhos, netos e bisnetos, mas uma cultura que se distingue dos demais estados brasileiros, podendo ser identificada como eslavo-paranaense. O Pierogi-Peroghe, Pisanki-Pêssankas, Zako-Bakun, Leminski-Kolody são expressões autênticas da cultura do Paraná.

Dos quase 500 mil brasileiros de ascendência ucraniana, cerca de 400 mil residem no Paraná. Apenas em Curitiba, são 55 mil e o maior percentual está em Prudentópolis, onde 75% da população é composta de descendentes de ucranianos.

Já os brasileiros de origem polaca ultrapassam os 3,5 milhões no Brasil. Estão concentrados nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Curitiba é considerada a terceira maior cidade da etnia polaca em todo o mundo, perdendo apenas para Chicago nos Estados Unidos e para a capital da Polônia, Varsóvia. Definitivamente o Paraná é a terra mais eslava da América Latina. E isso é legado de polacos e rutenos/ucranianos.

● ULISSES IAROCHINSKI, jornalista, mestre em cultura internacional e doutor em história na Universidade Jagiêłônica de Cracóvia. É estudioso dos segredos da imigração eslava.

PARTE DA INFÂNCIA DE HELENA KOLODY FOI VIVIDA ENTRE TRÊS BARRAS (SC), RIO NEGRO (PR) E MAFRA (SC), ESTA NA MARGEM ESQUERDA DO RIO, ATÉ SEU PAI INSTALAR-SE EM DEFINITIVO EM CURITIBA.

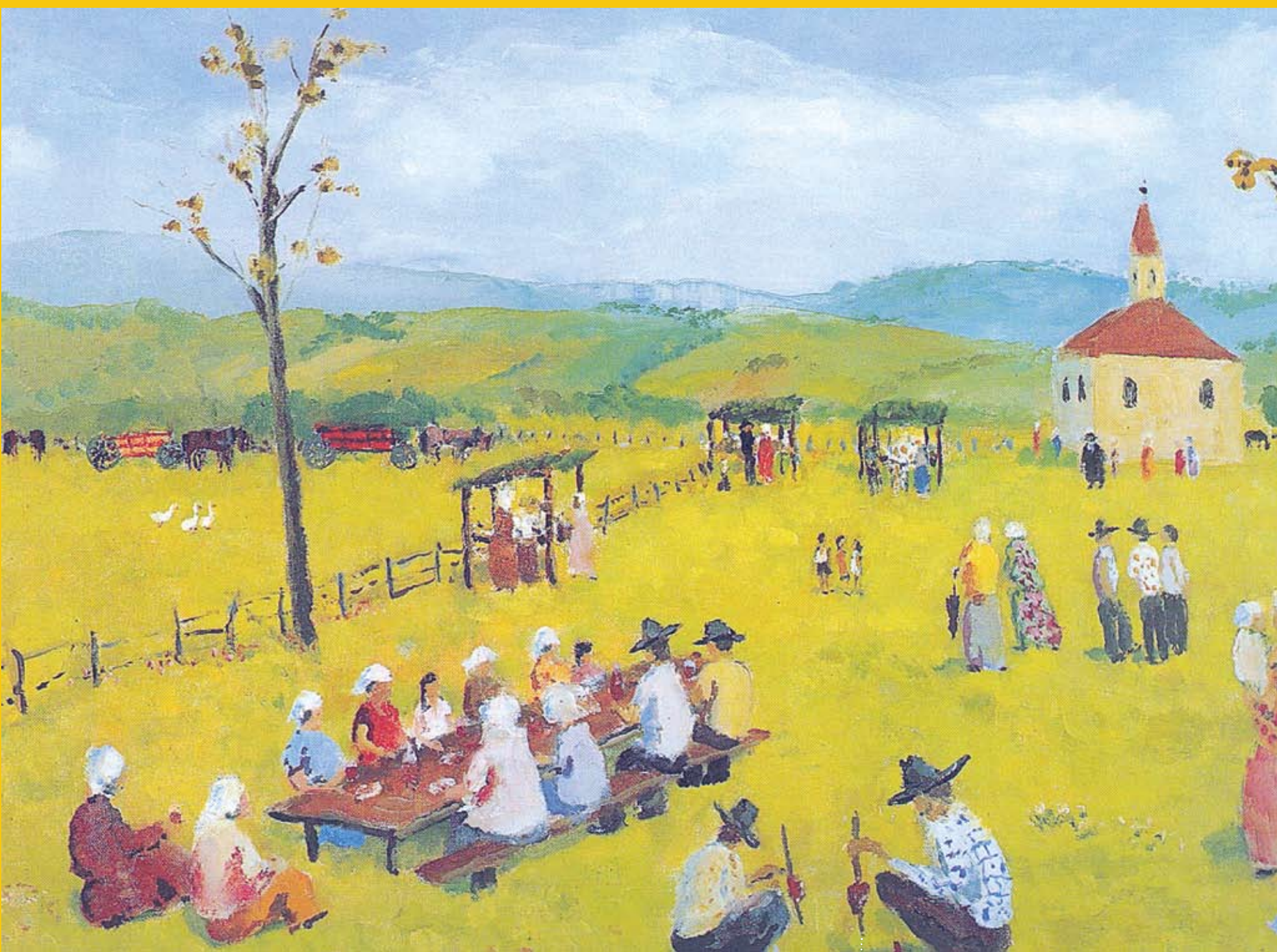
ENTRE OS BUCOVINOS

A colonização na região do Rio Negro foi iniciada com a chegada dos alemães bucovinos, em 1829. Vindos da região do Mosela, as 238 pessoas que faziam parte da primeira leva foram instaladas na localidade chamada, no início, de Capela da Mata.

Ali prosperaram, sem esquecer as tradições da terra natal. As duas crônicas a seguir são de colonos que já levavam alguma vantagem em relação aos seus pares, por dominar a escrita na língua materna. A de Nicolau Bley foi reproduzida por Waldomiro Bley Jr. O texto de Josep Zipperer Sênior

faz parte do seu livro *São Bento no Passado*, cuja primeira edição em português é dos anos 50 do século XX, muitos anos após a primeira edição no original alemão, de 1913. O texto aqui reproduzido refere-se a fatos vividos por ele por volta de 1878.

Quando a família Kolody chegou à região, a antiga Capela da Mata já havia progredido, com a cultura da erva-mate e o comércio da madeira, dando lugar às duas cidades gêmeas, Rio Negro e Mafra. E a língua portuguesa já era dominante, ainda que falada, em muitos casos, com forte sotaque.



GARFUNKEL, Paul. Festa de Polacos
1979 | óleo sobre tela | 54x73cm

NICOLAU BLEY CARREGA PEDRAS

"EU, NICOLAU BLEY,

nasci em Luxemburgo, em 8 de fevereiro de 1808. Sou filho de João Bley e de sua mulher Margarida Eicher. Emigrei para o Brasil em abril de 1828, chegando ao sertão, nas margens do Rio Negro, em fevereiro do ano seguinte, em companhia de minha mãe.

Fácil será a qualquer conhecedor julgar dos sofrimentos de um homem aos vinte anos de idade transportar-se de uma cidade onde nunca manchou as mãos com o rude cabo de um instrumento agrário, para vir residir em um sertão inóspito, sem estradas, sem comércio, sem guia e sem dinheiro, face a face com a miséria rodeada do seu lúgubre cortejo. Não desanimei, meti mão ao trabalho, amassando o negro pão com o suor do meu rosto; consegui, contudo, em breve, expelir a miséria, e da semente lançada na terra virgem regadas com lágrimas abasteci a casa de comestíveis.

Se a colheita me deu abundância de alimento, faltava-me o vestuário, que não se podia fabricar em casa; necessário era ganhar para o comprar; mas, onde ganhar?

Os colonos não tinham dinheiro para as suas necessidades.

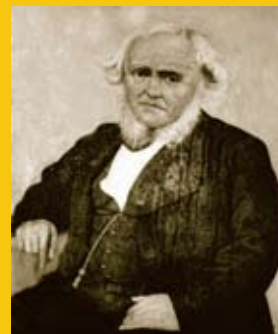
Deixei minha mãe na casinha que havia construído, pequena, porém bem segura, livre, portanto, dos assaltos dos índios selvagens que infestavam estas paragens. Tomei o caminho da Lapa, apoiado em um bastão, e lá fui em procura de salário, fazendo uma viagem de nove léguas e encontrando, então, serviço. Mas que serviço,

santo Deus?! Tirar pedras em uma pedreira, mediante o salário de 240 réis por dia. Depois de alguns meses consegui reunir as economias que meu parco salário permitiu.

Voltei ao Rio Negro a encontrar com minha boa mãe, e no intuito de tratar da segunda colheita que prometia ser próspera e abundante. Durante esta estadia aqui, resolvi tomar por companheira na vida a escolhida do meu coração, que me trouxe ao lar o grande dote que não é lícito a todos trazerem, isto é, um amor sincero, verdadeira dedicação e o propósito firme de cumprir à risca os deveres sagrados de esposa. Foi este o primeiro sacramento desta ordem que se celebrou na igreja da nova colônia.

O jovem par teve pouco dias de ociosidade; desde logo os deveres de tratar da família e de suprir a casa das mais necessidades da vida obrigaram-me novamente a procurar recursos, enquanto a lavoura não se achava em ponto de colheita, e lá parti novamente para a Lapa a procurar trabalho, já como oficial de pedreiro, vencendo o remunerador salário de 480 réis diários, que me foi tão vantajoso que ao cabo de três meses me permitiu voltar ao lar trazendo à minha esposa um corte de vestido de chita."

Waldomiro Bley Jr.



NICOLAU BLEY emigrou para o Brasil em 1828, estabelecendo-se às margens do Rio Negro, hoje território paranaense. É um dos pioneiros da colonização de língua alemã no país e patriarca da família Bley.

JOSEF ZIPPERER CONTRABANDEIA UMA VACA

"NA MANHÃ seguinte, pelas nove horas, chegamos em Tijuco Preto, mas nada de vacas, que já estavam todas nos campos, sem que alguém quisesse recolhê-las, pois, era o dia santificado dos Três Reis Magos. Pediram que esperássemos até o dia seguinte, para então nos mostrar o gado, o que não nos convinha e seguimos até Rio Negro, onde chegamos dentro de duas horas, na oficina do ferreiro Glader, antigo morador desta Vila e meu conhecido. Entre as pessoas casualmente presentes na ferraria, estava um colono alemão, Conrado Schneider, de quem comprei uma vaca com um bezerro, de três semanas de idade, pela quantia de trinta e um mil réis e o mesmo homem, muito solícito, me recomendou um outro colono, em São Lourenço, de nome Auerwald, que teria gado leiteiro à venda.

Para evitar o pagamento de uma taxa de três mil réis, resolvemos contrabandear a vaca pelo rio, da Província do Paraná para a de S. Catarina, pois éramos peritos neste mister, com longa experiência em nossa terra natal, onde, por inúmeras vezes, passamos contrabando pela fronteira, sem que fôssemos pilhados pelos guardas, que superávamos sempre em esperteza.

Ao passarmos o Rio Negro, uma tropa de mais de cem bois vadeava o mesmo rio, guiada por dois homens em canoas. Era coisa que nunca tínhamos visto, um espetáculo inédito para nós, simplesmente empolgante. Este gado seguia com destino a Curitiba.

Em São Lourenço compramos outra vaca, ao preço de trinta e três mil réis e iniciamos, então, a nossa caminhada de volta, cada qual com uma vaca na corda. Mas surgiu um contratempo; depois de umas três horas, a minha vaca deu cria. E agora, o que fazer? Não restou outra saída, senão carregar o bezerro nos braços, até chegarmos, ao anoitecer, na casa do Sr. João Hack. Ali me convidaram para ficar uns três dias, mas eu queria voltar para casa. Fizemos, porém, um cesto todo especial e nele colocamos o terneirinho, para carregá-lo nas costas, de modo bem menos cansativo. Ao cabo do segundo dia pernoitamos na casa de Pedro Sauer.

Toda esta gente era descendente de imigrantes alemães chegados em 1829 e dificilmente os compreendíamos. Originários das margens do Mosela, falavam uma algaravia, com termos brasileiros entremeados ao dialeto de sua terra natal, de modo que ninguém os entendia, a não ser eles próprios, entre si."

Em SÃO BENTO NO PASSADO Reminiscências da Época da Fundação e Povoação do Município, Josef Zipperer Senior. Edição da família Zipperer, 1ª edição em alemão.



JOSEF ZIPPERER SÊNIOR, nascido em 1847, era natural de Flecken, hoje na República Checa, então domínio do império austro-húngaro. Chegou ao Brasil em 1873, como parte dos colonizadores de São Bento do Sul.

NAVEGAÇÃO DO RIO IGUAÇU

por ARNOLDO MONTEIRO BACH



TERMINADA A GUERRA DO PARAGUAI (1870), A QUESTÃO DE PALMAS (DISPUTA DE TERRITÓRIO ENTRE BRASIL E ARGENTINA) VOLTOU A PREOCUPAR. HAVIA NECESSIDADE DE UMA COMUNICAÇÃO RÁPIDA ENTRE OS GRANDES CENTROS BRASILEIROS (RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO) E A REGIÃO EM CONFLITO. ESTRATEGISTAS DO GOVERNO BRASILEIRO CONSTATARAM QUE SÓ HAVIA O ANTIGO CAMINHO DE TROPAS SÃO PAULO-RIO GRANDE DO SUL E QUE PASSAVA PELO PARANÁ.

Esse tipo de transporte, no entanto, era muito lento. A solução encontrada foi realizar a ligação do Oceano Atlântico com o interior, através de dois tipos de transportes:

- Uma ferrovia que ligaria o porto de Paranaguá até onde o rio Iguaçu começava a ser navegável (Porto Amazonas);
- Pelo rio Iguaçu, em vapores, até União da Vitória (Porto Vitória), numa extensão de 360 quilômetros.

Concluídos os planos, foi rápida a ação do governo imperial. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, presidente da Província do Paraná (1879/80), recebeu a visita do Imperador Dom Pedro II à Província, em 1880, juntamente com a Imperatriz, Dona Teresa Cristina. O Imperador veio dar início à construção da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba. Nesse mesmo ano, Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, por meio de decreto instituiu o transporte carroçável no Paraná.

- Em 1880, iniciou-se a construção da ferrovia Paranaguá-Curitiba;
- Em 1882, iniciou-se a navegação fluvial do rio Iguaçu;
- Em 05 de fevereiro de 1885 foi inaugurada a Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba;
- Em 01 de novembro de 1892 foi inaugurada a Estrada de Ferro ligando Curitiba a Restinga Seca (Porto Amazonas/PR), início da navegação pelo rio Iguaçu.

Os CAMPOS DE PALMAS E A NAVEGAÇÃO

O Brasil ainda era Império, e o Paraná Província de São Paulo. Em muitos pontos do território paranaense, o leito dos grandes rios era sulcado pela igara ligeira do índio. As matas virgens de suas margens tinham o silêncio quebrado com o rugido das feras e o brado guerreiro do selvagem, produzindo eco na solidão do sertão cortado pelo rio Iguaçu.

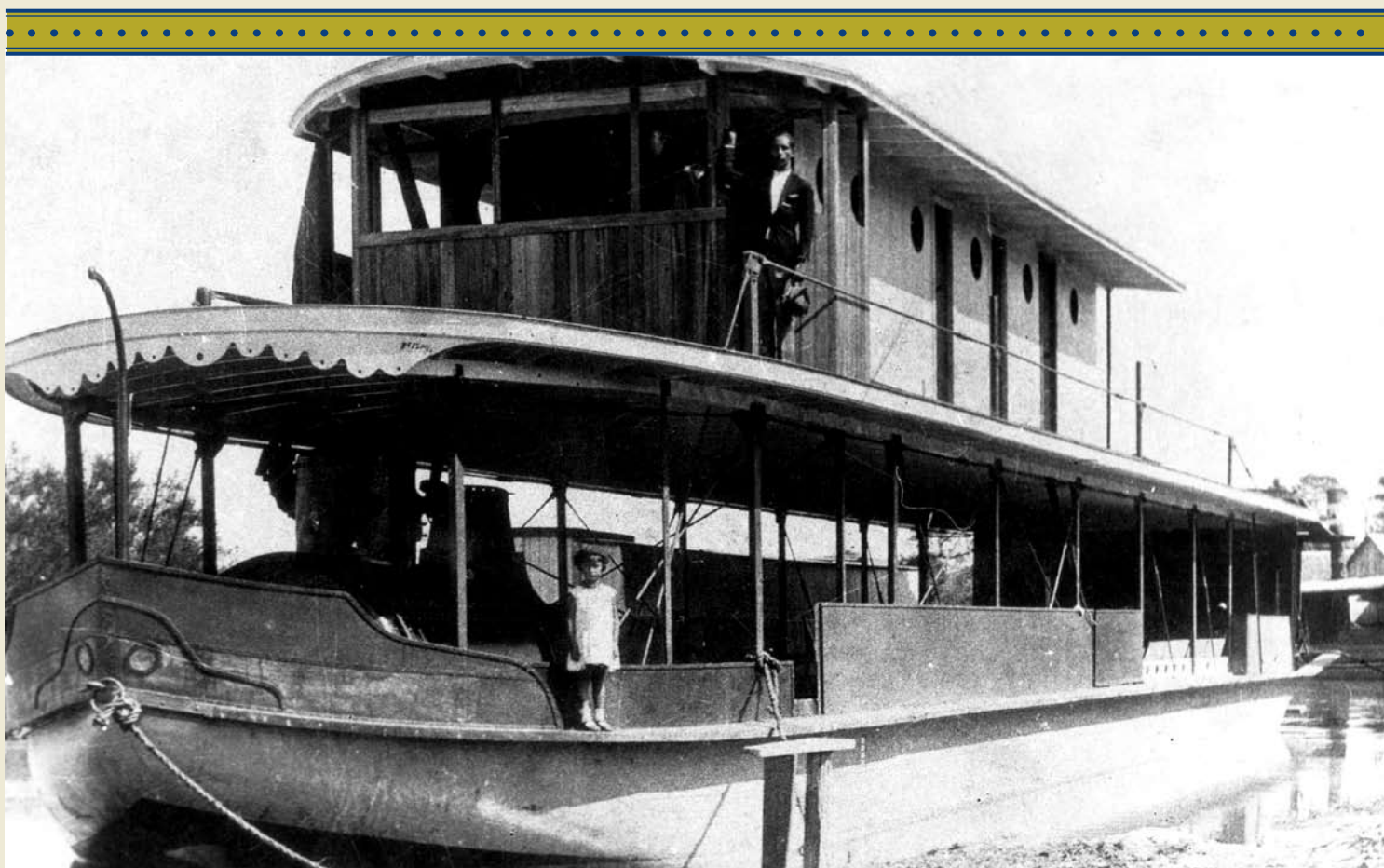
Quando Porto Amazonas, Palmira, São Mateus, União da Vitória, Rio Negro, Três Barras, Antonio Olinto eram ainda florestas, as tabas indígenas era o único índice de existência humana. Um dia, porém, o sonho de civilização nessa região começou a se concretizar.

Com a descoberta dos campos de Palmas e sua exploração a partir de 1839, o gado necessitava de sal, que era levado por canoas dos portos de Rio Negro e da barra do rio da Areia, até Porto União da Vitória. Além do sal, as canoas levavam querosene, tecido, bebidas, alimentos, trazendo erva-mate, couros, crina, madeira, charque e outros produtos.

Depois de todas essas tentativas para conseguir o direito de explorar a navegação fluvial no rio Iguaçu, o pedido do Coronel Amazonas de Araújo Marcondes foi aceito, em 19 de abril de 1879, através do Decreto Imperial nº. 7248, do Imperador D. Pedro II.

Obtida a concessão, Amazonas Marcondes foi para o Rio de Janeiro, onde, durante três meses, no Arsenal da Marinha, aprendeu a técnica de rebitagem. Adquiriu conhecimentos práticos de mecânica e construção naval. Em seguida, o vapor Cruzeiro, que foi montado na Corte pela Casa G. de Mattos e Cia. Ltda., chegou ao porto de Antonina. Foi desmanchado e subiu a Serra do Mar, pela Estrada da Graciosa, em 11 carroções puxados por bois que seguiram a Porto Amazonas, até às margens do rio Iguaçu, onde o Cruzeiro foi montado peça por peça. A viagem demorou quatro meses.

O vapor Cruzeiro, nome de uma das fazendas da mãe de Amazonas, Maria Josefa de França, media 80 palmos (17,60m) de comprimento por 26 palmos (5,72m) de boca e duas rodas de propulsão nas laterais. Com força de 18 cavalos-vapor e calado de 18 polegadas inglesas (45,72cm) tinha capacidade de carga de 800 arrobas e podia ainda rebocar uma lancha atada à popa. Foi lançado à água a 17 de dezembro de 1882 e no dia 27 de dezembro de 1882 fez a sua primeira viagem, partindo do Porto das Laranjeiras (Porto Amazonas), rebocando uma chata grande e cinco canoas até Porto União da Vitória, percorrendo 55 léguas em dois dias.





Um dos problemas que preocupava o industrial do mate era o transporte da erva-mate bruta até os engenhos de beneficiamento, na sua maior parte, instalados em Curitiba. Pelo seu volume, a erva-mate representava uma carga difícil, pois com um peso considerado pequeno lotava-se uma tropa, um carroção ou um barco. Além disso, sua produção, dividida em pequenas partes, distribuía-se por áreas extensas, através de grandes distâncias. O seu transporte, agravado por seu volume, complicava-se, também, por uma série de deslocamentos intermediários.

De Porto Amazonas até União da Vitória não existia nem um centro populacional. A navegação desenvolvia-se em terras cobertas de matas e praticamente despovoadas. Com o início da navegação, desenvolveu-se na região a exploração da erva-mate. Para povoar o Vale do Iguaçu, iniciou-se, a partir de 1890, a localização de imigrantes. As colônias foram instaladas, de preferência, à margem direita do rio Iguaçu, uma vez que a margem esquerda estava em disputa com Santa Catarina. Surgiram então, as colônias de Maria Augusta, atual São Mateus (1890), Canoas, Cachoeira, Taquaral e Iguaçu (1890), Água Branca (1891), Santa Bárbara (1890), Palmira (1891), Rio Claro (1891), Eufrosina (1892), General Carneiro (1892), Santa Galo (1892), Antonio Olinto (1895).

Com a navegação a vapor no rio Iguaçu e seus tributários, foi se formando, ao longo desses rios, uma rede de portos de embarque, que foram coletando, aos poucos, toda a produção daquela região, além do aumento da capacidade de carga nas embarcações. Foi, pois, a partir de 1883, que o transporte de erva-mate começou a ter soluções mais cômodas.

Para manutenção de seus vapores, a navegação mobilizava um universo de trabalhadores com ganhos razoáveis, o que constituía para o comércio local relativo volume de negócios, refletindo no progresso dessas vilas e cidades. Apesar das baldeações e dos armazenamentos serem causadores de despesas extras, o frete ainda era mais barato. Os vapores chegavam aos portos trazendo as novidades, correspondências, encomendas, passageiros, mercadorias e a curiosidade de sua presença. A exuberância da paisagem fluvial, o conforto das instalações e a excelência da cozinha de bordo tornavam aquelas viagens muito agradáveis.

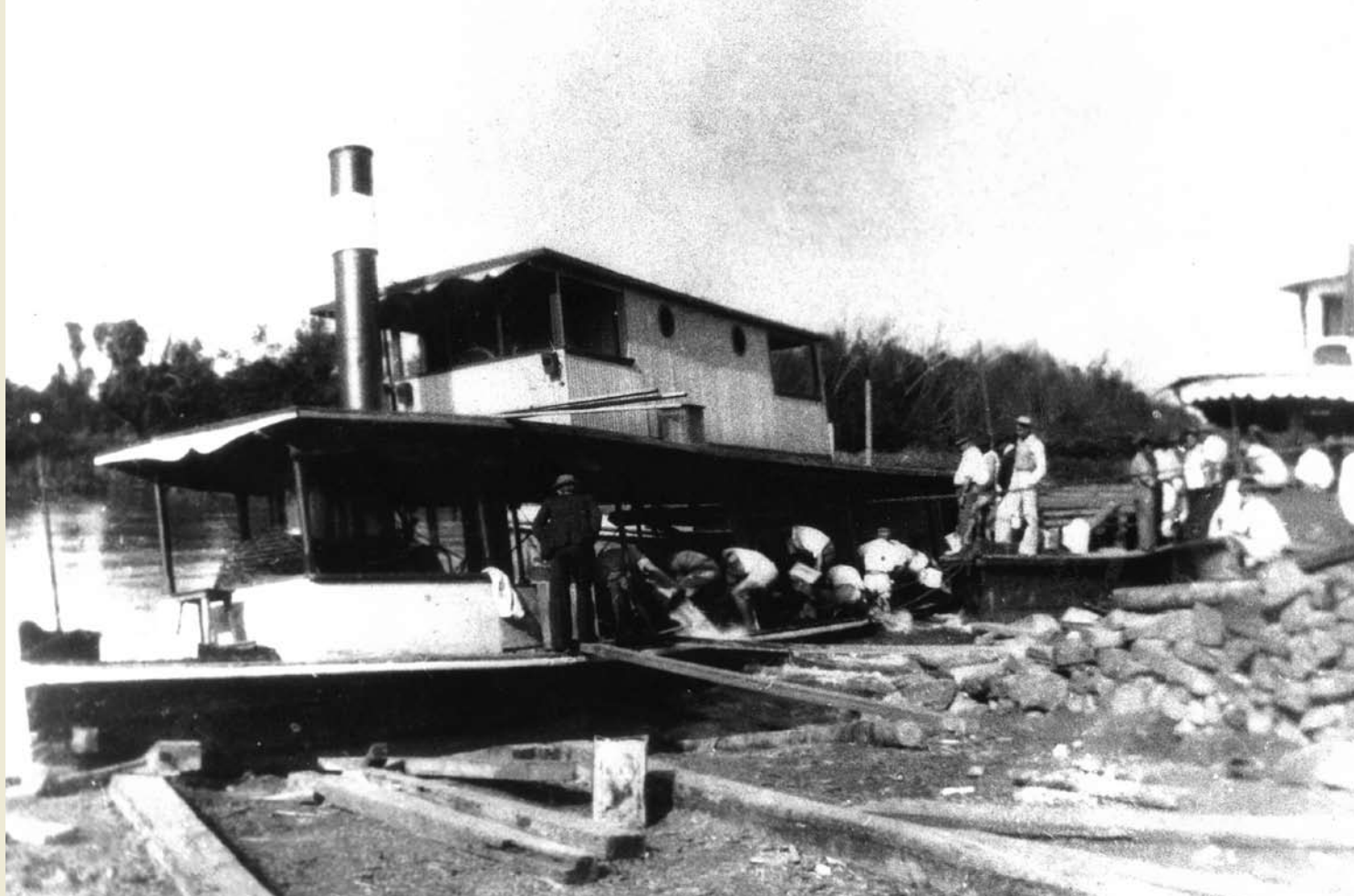
Em época de estio, não importava se era de dia ou noite, o vapor, com sua carga ou provisão de lenha, desencostava-se da barranca e seguia pelo canal. Ora estava no centro do rio, ora se encostava à barranca, passando próximo aos galhos da margem. De repente, o fundo chato do vapor subia, ele estava sobre um banco de areia ou em cima de pedras. Nos vapores nenhum trabalho se deixava para o dia seguinte, porque o sol não era mais favorável do que o frio da noite dentro d'água.

Começava o heroico trabalho de desencalhe. De calção, os marinheiros ficavam com a água até os joelhos, até a cintura, até o pescoço. Apesar do frio não reclamavam do trabalho difícil que executavam. As ordens recebidas eram cumpridas. E, aos gritos, davam ritmo ao esforço coletivo, levantando a embarcação como se fosse um andor. Depois de muito esforço o vapor novamente flutuava sobre as águas. Assim se resumia o trabalho de desencalhe. A cada dia havia pelo menos dois encalhes e cada um durava, às vezes, horas ou até dias, com o árduo trabalho de descarga, baldeando-se a erva-mate ou a madeira até a barranca, para depois carregar novamente.

Quando a estiagem persistia durante muito tempo, os vapores não podiam navegar. Então, não se ouvia o apito dos vapores e tudo ficava triste. O barulho das águas era um barulho melancólico, abafado. A in navegabilidade desencadeava uma angústia coletiva. A madeira e a erva-mate se avolumavam nos portos. Os prejuízos eram contabilizados pelos donos das embarcações. Começavam as demissões da tripulação. As mercadorias não chegavam às casas de comércio e a crise atingia a população, em grande parte, dependente dessa estrutura.

Durante o ciclo da navegação, a população ribeirinha servia-se dos vapores para as suas viagens a qualquer porto do rio Iguaçu e de seus afluentes navegáveis: Negro, Canoinhas, Potinga e Timbó, alcançando o fundo do sertão, então regiões distantes e desertas, estabelecendo a comunicação com o centro da Província.

Havia também incentivo do governo, que via na navegação a melhor alternativa para o desenvolvimento da região. Assim, foi criada pelo Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis a Comissão de Serviço de Melhoramentos do rio Iguaçu, com grande aparato para tornar a navegação mais eficiente, inclusive em época de estio. Surgia uma nova frente de trabalho que empregava muita gente, estimulando o crescimento das cidades ribeirinhas. Os trabalhos foram iniciados em Porto Amazonas e divididos, entre várias equipes, até São Mateus do Sul.



Os PRIMEIROS VAPORES

Entusiasmado com o sucesso do Cruzeiro, em 1889, Amazonas inaugurou o segundo vapor, armado em União da Vitória, com a denominação Visconde de Guarapuava, em homenagem ao ilustre paranaense, seu tio Antonio de Sá Camargo, agraciado por D. Pedro II com o título de Visconde. Além desses vapores, Amazonas tinha as chatas de reboque Aliança e Flor. Entre 1882 e 1889, Amazonas lançou às águas do Iguaçu um pequeno rebocador, ao qual deu o nome de Brasil.

Francisco Fasce Fontana, fundador da Fábrica Fontana de Beneficiar Erva-mate, lançou às águas do rio Tibagi o vapor Fontana. Não havendo sucesso com a navegação no rio Tibagi, em 1891, Francisco vendeu o vapor Fontana para José Marques, que o transportou até o rio Iguaçu, dando-lhe o nome de Potinga. José Marques, mais tarde, vendeu este vapor para Arthur de Paula e Souza, que mandou modificá-lo inteiramente, mudando-lhe o nome para Victória. Esse vapor trafegou de 1891 a 1927, quando foi estaleirado em São Mateus do Sul e vendido pelo Lloyd Paranaense para a firma Schiffer e Soldi.

O quarto vapor foi o Curitiba, da empresa Burmester, Thom e Cia., lançado em 1893. O vapor Curitiba tinha 19 metros de comprimento por 4,5 metros de largura.

Seu casco de fundo chato diminuía o calado, permitindo-lhe trafegar nos períodos de estiagem. A potência de sua máquina era de 45 cavalos-vapor.

Três outros vapores foram lançados entre 1893 e 1899: Brasil, antigo Tirol, Rio Negro e Iguaçu. O Brasil pertenceu a Júlio de Paula. Por causa da pequena potência de sua máquina, tinha dificuldade em viajar contra as correntes nas cheias. A roda era feita por correias de couro, que muitas vezes eram devoradas pelos cães nos portos. Esse vapor deixou de trafegar porque a sua caldeira explodiu em Palmira, ficando ali abandonado. Depois desses vapores, com o desenvolvimento da navegação, muitos outros passaram a navegar, como o Sara e o Leão, o maior e mais confortável de todos, ambos da empresa Leão Júnior & Cia.

A MEDIDAS DOS VAPORES

Os vapores do rio Iguaçu e afluentes, por determinação das características dos rios em que navegavam, eram de dimensões pequenas. Os menores, como Cruzeiro, Visconde de Guarapuava, Rio Negro e São Carlos, mediam, em média, 19 metros de comprimento por 3,5 metros de largura, e a sua potência era estimada em 20 cavalos-vapor.

Os vapores Cruzeiro, Rio Negro e São Carlos não eram quilhados; tinham o casco de fundo chato, adaptando-se melhor às condições dos rios navegados. Rebocavam duas chatas, que lhe aumentavam consideravelmente a capacidade de carga. Os maiores levavam 800 sacas de erva-mate, carga média, e cada chata até 300 sacas, elevando a capacidade de carga para 1.400 sacas, num total de 84 mil quilos.

Para o transporte de madeira, a carga média dos vapores era de 400 dúzias de tábuas, 200 no vapor e 100 em cada chata rebocada. Quando carregados e navegando rio acima, a velocidade girava em torno de 10 a 12 quilômetros por hora, caindo para 6 quilômetros quando rebocavam duas chatas. Desenvolviam 16 a 18 quilômetros de velocidade por hora na viagem de retorno, rio abaixo.

No início, os vapores foram destinados principalmente ao transporte de mercadorias. Aos poucos eles foram se adaptando ao transporte de passageiros, com a instalação de cabines e refeitórios cada vez mais confortáveis.

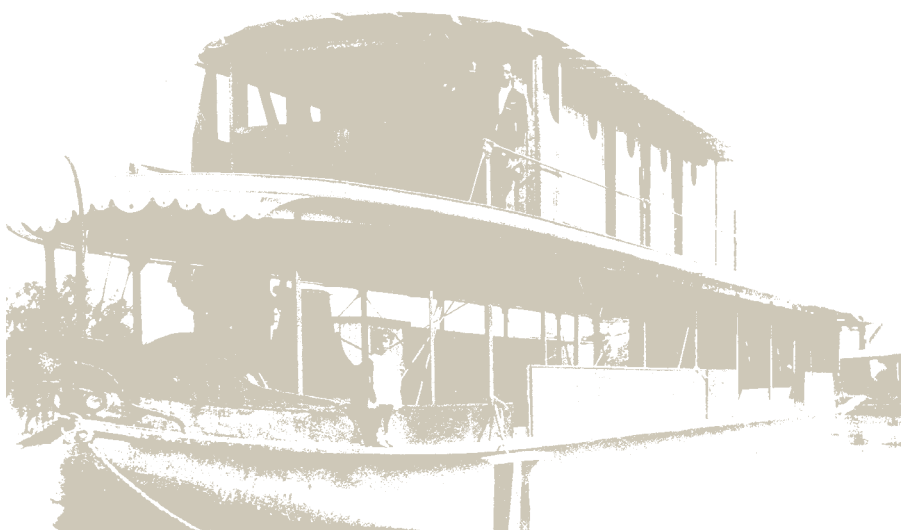
A estrutura de um vapor do Rio Iguaçu obedecia a um plano geral: à frente, na proa, estava o sistema de aquecimento, composto pela fornalha, por uma chaminé vertical e pela caldeira, com suas tubulações, bombas injetoras e manômetros; a este compartimento sucedia o salão de cargas, a seção mais ampla de todas. Em seguida vinham os camarotes e o refeitório, assim como a cozinha, que se juntava a estes, num só conjunto, que mais tarde, na maioria dos vapores, foi instalado sobre a tolda, constituindo um segundo andar no barco. A parte posterior era ocupada pelas máquinas, ficando a roda propulsora localizada na popa.

Os vapores que tinham duas rodas assentadas lateralmente, como o Cruzeiro, o Visconde de Guarapuava, o Rio Negro e o Paranaguá, a parte central era ocupada pelo conjunto motor, sendo as demais instalações distribuídas nas extremidades. A cabine do piloto, localizada primeiramente na proa, foi em seguida mudada para a tolda, incorporando-se mais tarde aos dormitórios, à copa e à cozinha.

Os marinheiros se acomodavam no porão, dormindo muitas vezes sobre as sacas de erva-mate. A lenha era o combustível utilizado pelos vapores. A madeira mais consumida era o branquilha, abundante nas margens do Iguaçu, fornecida pelos lenheiros nas paradas que os vapores faziam para se reabastecer.

A tripulação de um vapor era composta de um comandante, responsável pela tripulação, conferência da carga, paradas, compra de suprimentos e tudo o que dizia respeito à embarcação; um piloto, que cumpria a função mais especializada, em virtude das irregularidades do leito dos rios; um maquinista, geralmente imigrante alemão com conhecimento de mecânica; um foguista e um cozinheiro, cada um com um auxiliar para revezamento dos quartos de serviços (seis horas); seis marinheiros, em média, para trabalhos de carga e descarga, pelo plano inclinado das barrancas, ou pelas pranchas e escadas, subindo e descendo, dia e noite.

Esses homens exigiam alimentação farta: carne de charque, galinha, feijão, arroz, farinha, melancia, pêssego, laranja, leite, além de jabuticaba, guabiroba e cereja, frutas abundantes na região, mais a caça de capivara, veado e pato selvagem, e o pescado.



LLOYD PARANAENSE

Nicolau Mäder, filho do suíço Martin Mäder, natural de Rio Negro, procurou as soluções mais adequadas para cada fase do transporte do mate: para coletar em Palmas a erva tipo paraguaio, que mandava fabricar nas fronteiras do Paraná, mantinha uma tropa de cem muares; de Palmas a União da Vitória, trecho já servido por estrada, o transporte era feito por carroções; e de União da Vitória aproveitavam a estrada de ferro ou os barcos a vapor. Para pequenas distâncias dos portos de Rio Negro, Mäder tinha as lanchas Santa Cruz e Lituânia, tocadas a varejão.

Ele era um dos mais antigos industriais do Paraná. Mais tarde, transferiu sua indústria para Curitiba, modernizando-a e aumentando a sua produção. Então, pensou na aquisição de um vapor para o transporte da erva-mate produzida, agora em maior volume, no Vale do Iguaçu. Em 1912, com Luiz Giublin, em São Mateus, inaugurou o vapor Pery e as lanchas Cylá e Duda.

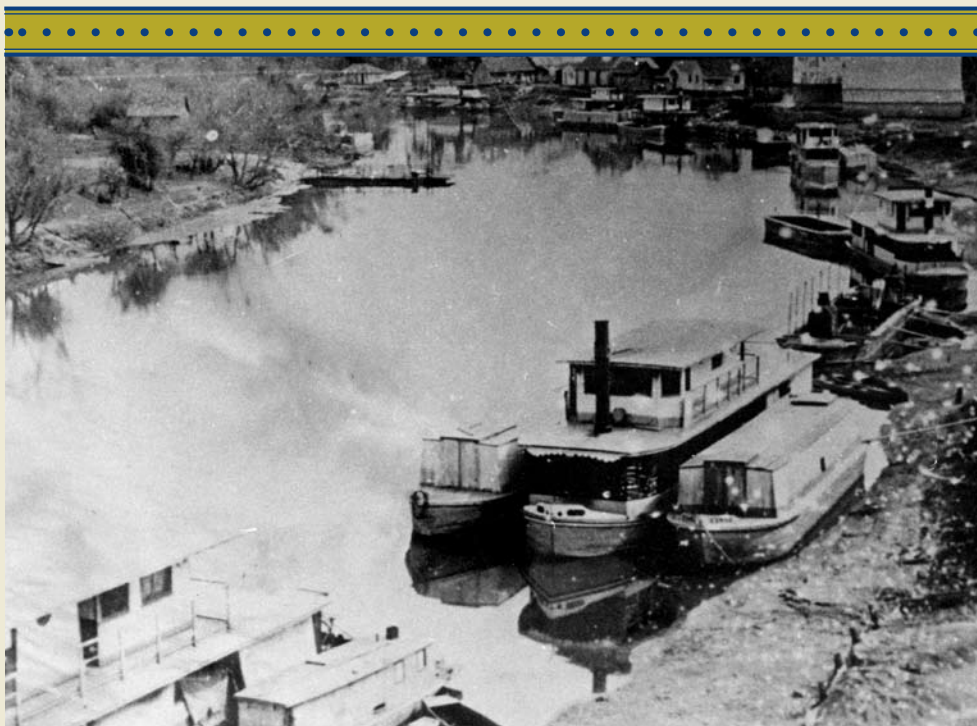
No início, os vapores se destinavam principalmente a transportar a carga de seus proprietários, geralmente a erva-mate. Assim, o seu trabalho se limitava ao período das safras, cessando quase completamente na entressafra. Somem-se a isso os longos períodos de estiagem, durante os quais a navegação era interrompida. A tripulação de um vapor era constituída de mão de obra especializada, como os pilotos e mecânicos, que não podiam ser dispensados a todo o momento, sob pena de não se poder contar com eles quando voltasse a normalidade da navegação. Isso representava um custo elevado aos proprietários de vapores, obrigando-os a operar como empresas de transportes gerais, o que nem sempre convinha ao industrial do mate.

Assim, no dia 6 de abril de 1915, por iniciativa de Nicolau Mäder, às 8 horas da manhã, reuniram-se em sua residência, à Praça Senador Correia, em Curitiba, os senhores Henrique Burmester, Paulino Vaz da Silva e B. Luiz Giublin, representando as firmas: Hauer e Cia., Paulino Vaz e Cia. e Giublin e Cia. (São Mateus); Albino H. Prohmann, Ludovico Bühner e José Caetano Ferreira, representando as firmas: C. Bühner e Cia., Bühner Cordeiro e Cia. (Porto Amazonas); e Domingos Theodorico de Freitas, representando a firma Souza e Cia. (Palmeira).

O início das atividades do Lloyd Paranaense revolucionou a navegação. A frota foi reaparelhada e padronizada na cor, na alimentação, na organização do trabalho, nos salários, em tudo. Os tripulantes eram deslocados conforme a necessidade. Os vapores foram distribuídos de acordo com seu tamanho e o seu calado. Uma rede numerosa de agências foi escalonada pelos principais centros de produção, aumentando o volume de cargas. A partir daí, a navegação viveu seus dias mais agitados, e o Lloyd ampliou consideravelmente sua frota.

A sede do Lloyd Paranaense, que no início se achava em Porto Amazonas, foi mudada em 1918 para São Mateus. Nesta cidade, além do escritório, a empresa mantinha estaleiros capazes não só de reparar os vapores, como de armá-los.

Entretanto, com o passar dos anos, as estradas de rodagem foram ligando a região da erva-mate a Curitiba, oferecendo um transporte mais fácil e, em 1953, o Lloyd Paranaense S. A. entrou em liquidação. Serenaram as águas do Iguaçu e de seus tributários. Silenciaram as suas margens, mas permanecem vivas as lembranças dos vapores Curitiba, Pery, Victória, Iguaçu, Paraná e tantos outros que iam abrindo caminho, levando progresso àqueles sertões. Permanece viva também a figura de Nicolau Mäder, idealizador do Lloyd. Com o fim da navegação, ocorreu o arruinamento, e até o desaparecimento de vilas e cidades que nasceram durante esse extraordinário ciclo gerador de riquezas no Paraná.



O DIALETO

SLAVO-BRASILEIRO

Em *O Alfange e o Centeio*, Josué Corrêa Fernandes dá pequena mostra da língua falada pelos colonos ucranianos da região de Prudentópolis:

“Tovaresch Firmo? Cuidado muito tóme com governo. Os imigrrante tão com medo que prromessa prrá nós non sejam cumprrida. As tera longe demais eston e nema nitschoho de estrrada até agorra. Non sei como isso tudo fica. Única coisa é aguardar: zatschêkatê.”

DECRETO Nº 7.248 DE 19 DE ABRIL DE 1879

Concede a Amazonas de Araújo Marcondes privilégio para estabelecer por si ou por meio de uma companhia uma linha de navegação a vapor no Rio Iguaçu, desde o ponto denominado Cayá-Canga até ao Porto da União.

Atendendo ao que me requereu Amazonas de Araújo Marcondes, hei por bem conceder-lhe, na conformidade da Lei de 8 de outubro de 1833, privilégio para estabelecer por si ou por meio de uma Companhia uma linha de navegação a vapor no Rio Iguaçu, desde o ponto denominado Cayá-Canga até o porto da União sob as cláusulas que com este baixam assignadas por João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu, do meu conselho, Senador do Império, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que assim o tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em 19 de abril de 1879, 58º da Independência e do Império.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador
João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu

ARNOLDO MONTEIRO BACH nasceu em Palmeira, PR. É historiador e autor de diversas obras sobre a colonização do segundo planalto paranaense, como *Vapores*, *Carroções*, *Tropeiros*, *Porcadeiros*, *Colônia Cecília* e *Alemães do Volga no Pugas*. Divide seu tempo com a administração do Sítio Minguinho, na região que sediou a experiência anarquista da Colônia Cecília, no século XIX.

RIO IGUAÇU

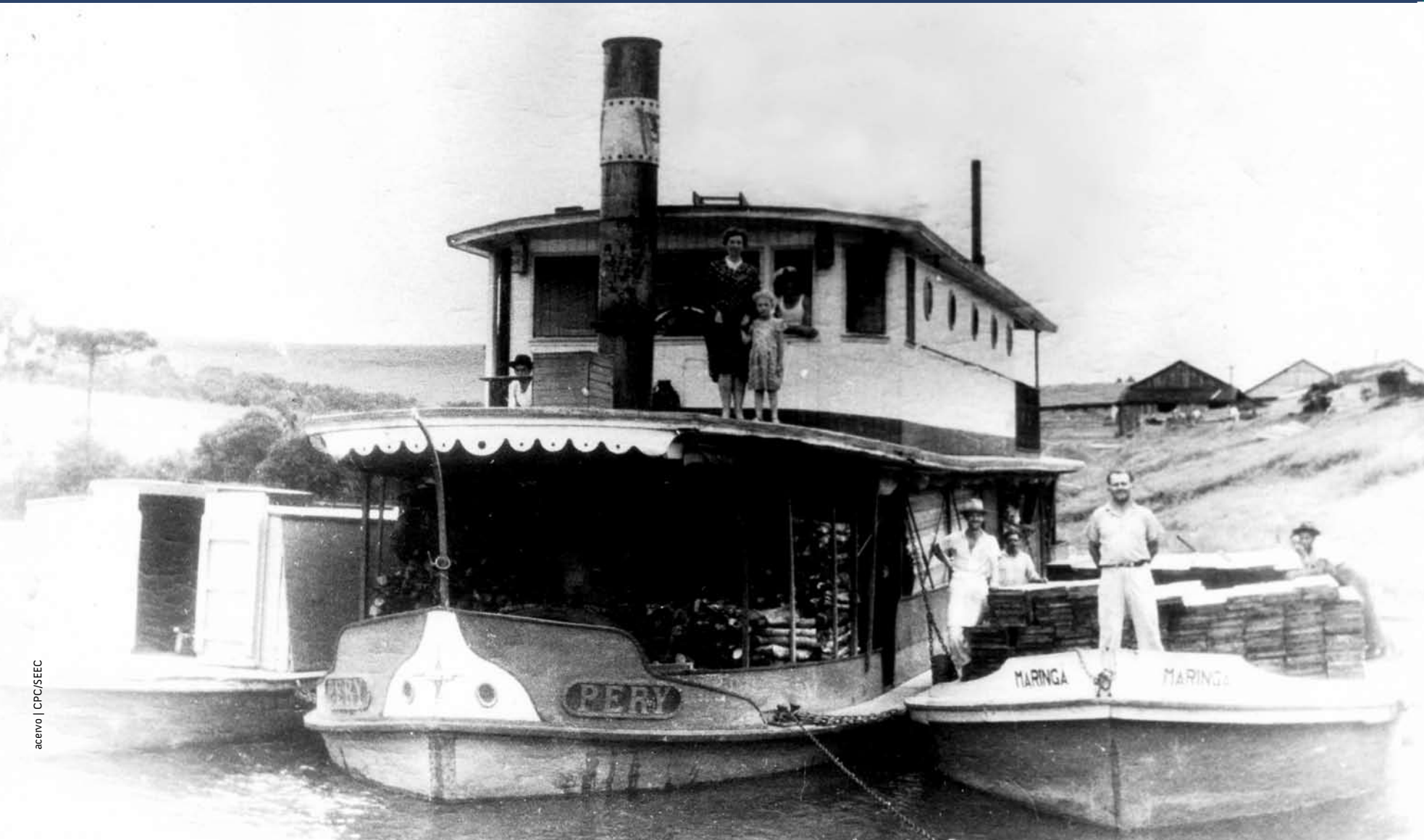
VAPOR

CHARQUE

E ARROZ

HISTÓRIA DE UMA CONSTRUÇÃO GASTRONÔMICA

por CARLOS ROBERTO ANTUNES DOS SANTOS



Você nunca faz o mesmo prato com o mesmo sabor sempre.

Chef Manoel Damião Ribeiro

Um percurso histórico/antropológico

Ida, descida, volta, subida. Um rio que desce e que sobe: de Porto Amazonas a União da Vitória, numa viagem a vapor no Iguaçu, descendo tinha a duração de 2 dias, e de 4 no sentido inverso. Esta rota implementada pelo Coronel Amazonas ao longo de engenhos, serrarias e barricarias, buscava ampliar as transações econômicas com outras regiões através da utilização de um moderno meio de transporte. Viajar pelo rio deveria ser uma aventura inesquecível, a bordo de um grande barco moderno, deveras agradável e com um belo quadro de paisagem e instalações confortáveis. Além da atividade econômica desempenhada pelos vapores, transportando acima de tudo erva-mate e madeira, havia ainda o desempenho de certa função social ao criar as oportunidades de aproximar os contatos entre os passageiros com as populações ribeirinhas. Em 1915, muitas empresas de transporte fluvial se fundiram criando o Lloyd Paranaense, instituição que colocou mais de 20 embarcações em serviço no rio Iguaçu e afluentes, e esteve ativa até 1953. Portanto, um rio como lugar de memória, onde a quietude era quase um sonho, e onde estão enraizados os sentimentos de pertencimento às heranças do passado, embalados por uma natureza presente nas águas, matos, céus, pássaros, peixes e animais ribeirinhos. Desta forma, o rio Iguaçu se constituía na única via de comunicação da região com o restante do país.

Antes das viagens havia os preparativos: instruções eram baixadas aos senhores comandantes sobre o fornecimento da carne e charque a serem embarcados, que deveriam ser cedidos por um determinado comerciante; a proibição de embriaguez a bordo; bem como a expressa proibição de vendas de passagens e embarques nos vapores de mulheres “suspeitas”, consideradas inconvenientes, mesmo que as despesas corresse por conta dos tripulantes. Pelas instruções, só era permitido o embarque de passageiros “puramente familiares”.

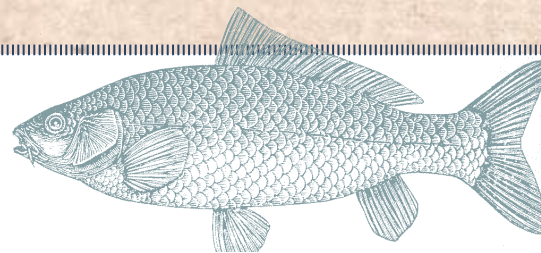
Ao longo da viagem, com uma tripulação composta de comandante, piloto, maquinista, foguista, cozinheiro e alguns marinheiros, eram expressas as especialidades sociais e o vapor se transformava em território de sociabilidades, no exercício de múltiplas funções. Esses homens e os passageiros exigiam alimentação farta, que às vezes não existia. Mas não poderia faltar o charque, feijão, arroz, farinha, batata, frutas como jabuticabas, gabiobas e cerejas e caças de ocasião.

Muitos passageiros, carregados de religiosidade que lhes fortalecia o espírito, e com limitadas visões de mundo, embarcavam imbuídos das representações de um imaginário, de um inconsciente coletivo. De acordo com a historiografia, tal fulcro vinha da tradição oral, das cantigas, da música, das lendas, dos atos heroicos e lendas de amor da cultura indígena; das assombrações, das histórias fantásticas de visagens, de criaturas aquáticas monstruosas, como grandes cobras de sete cabeças que os barqueiros “visualizavam” ao longo do Iguaçu.



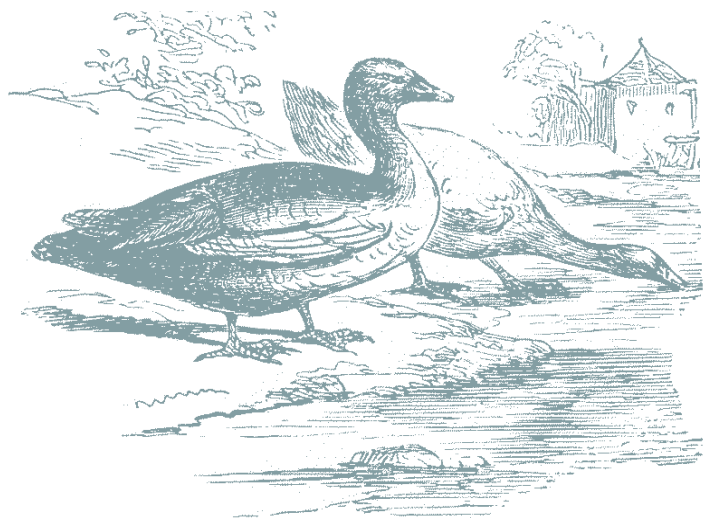
É interessante observar que alguns quilômetros, ao longo do percurso, recebiam nomes à medida que acontecia algum episódio: o Km 26 era chamado de Arroz Queimado, porque naquela altura do percurso o cozinheiro deixou o arroz queimar; o Km 112 era chamado de Canoeiro, porque lá morava um homem que sabia fazer canoas; A Volta do Veado, porque o Km era o 24, e assim por diante. O longo percurso, as fortes cerrações, a ansiedade para o atracamento em terra firme nos portos seguintes, as operações de carga e descarga, bem como a expectativa da chegada, com pouca comida a bordo, tudo isso era, constantemente, assediado por um sol abrasador nas costas. Muitas vezes, por falta de lideranças, campeavam as divergências internas, de acertos de contas. Mas nada que uma “purinha” não resolvesse ou mesmo um “palheiro”, uma roda de chimarrão, compartilhada pelo grupo, ou ainda um jogo de baralho. Também poderia acontecer, face às muitas chuvas, o transbordamento do *Iguaçu*. Isso poderia implicar na perda do controle da embarcação inclusive com morte de homens e de animais, ocasionando extremos cansaços nos tripulantes e passageiros, enjoo e muito sal de frutas e sonrisal. Mas havia o lado alegre, nas belas noites de verão, ao longo das correntezas das águas, com muitas cantorias a partir das modinhas da época, executadas por aqueles que levavam os seus instrumentos: violão, cavaquinho, acordeom, flauta, pandeiro e até tamborim. E chegando a São Mateus do Sul, os músicos faziam serenatas às namoradas e esposas.

A comida eventual de vapor



As cozinhas estão em permanentes transformações. As culturas alimentares sejam qual forem o tempo e o espaço geográfico, estão postas a situações de confrontos que podem levar a certas rupturas, diante da implementação de novas técnicas, de novas formas de consumo, da introdução de novos produtos e do encontro e fusão dos mesmos, a partir da inovação e criatividade. Estas novas transformações da cozinha acabam sendo absorvidas ou “digeridas” pela tradição, que em patamares seguintes cria novos modelos, adaptadas aos modelos convencionais precedentes. Nesse sentido, a ruptura ao provocar certa revolução culinária traz em seu bojo os traços de novo modelo de transição, ainda que marcados pelo convencional e tradicional.

No trajeto empreendido ao longo do rio Iguaçu, os vapores eram carregados com sal, açúcar e quintos de cachaça. Cumpre destacar a capacidade cotidiana dos passageiros e tripulantes de criar formas para cozinhar e de produzir alimentos, além do trivial charque com arroz, charque ao molho, charque com feijão, farofa de charque e charque com batata. A fim de contemplar certas necessidades, era importante buscar a invenção e a inovação para o comer e o beber. Desta forma, o feijão era cozido numa quantidade para durar uns dois dias, o suficiente para acompanhar os pratos principais. Portanto, era necessário adaptar e conciliar saberes e técnicas culinárias distintas expressas em seus ritos domésticos, com as ofertas de ocasião. Num circular de saberes e de técnicas e diante da escassez e da necessidade, as fascinantes improvisações e descobertas dos cozinheiros eram amparadas pelo trabalho e a fantasia em conseguir transformar os gostos estimulados pela fome e a ansiedade da penúria, em ocasiões potenciais de sabor e prazer.



No café pela manhã no barco, que em algumas vezes seria também o almoço, estavam presentes o bolinho da graxa, a farofa e o pão crioulo. Entre os navegantes havia aqueles que eram ótimos atiradores com suas Winchester, e que conseguiam patrocinar as variações dos pratos. Ao longo da viagem, e mesmo nas paradas, pratos como marreco, paca, cabrito, capivara, saracura do mato, pato selvagem, biguá ou jacu com macarrão ou com feijão em lata eram muito bem-vindos. Também se consumiam ovos e se praticava a caça de garças que depois eram empalhadas. Pela beleza de suas águas o rio Iguaçu não era poluído e se exercia a pesca nos embarques e desembarques, tendo como iscas minhocas, charques e lambaris, sendo constante o consumo de peixes: bagres, pintados, traíras, lambaris, carás, carpas, mandis e outros.

Numa viagem que levava alguns dias, o barco ia cortando as águas no meio da noite, e após os serões a bordo com chás e vinhos, as pessoas dormiam ouvindo o barulho da casa das máquinas. E em tempos de estiagem, com a falta de chuvas no final da primavera, algumas paradas eram improvisadas para evitar que o vapor encalhasse. Nestas paradas, perto da Colônia de Santa Bárbara alguns passageiros e tripulantes desciam para visitar a Colônia onde poderiam provar o vinho dos anarquistas, produzido por descendentes dos anarquistas italianos que fundaram a Colônia Cecília.

Com o passar dos tempos no vapor se cozinava feijão o dia inteiro para fazer virado que era servido no café da manhã, no almoço e no jantar. O virado de feijão algumas vezes substituía o pão, cuja obtenção era difícil pela falta de forno para assar e dinheiro para comprar. Nesse sentido, o jejum levava em torno de 13 horas, que só era rompido quando num trecho qualquer da viagem uma caçada ao jacu atenuava a situação, com um cardápio: arroz, macarrão e jacu com pouco sal. À noite, prevalecia um desjejum embalado por um cardápio mais salutar e permanente: feijão, arroz e charque.

Do exposto, verifica-se no âmbito da cozinha eventual de vapor uma dinâmica que acaba desconstruindo a tríade **memória, tradição e identidade**, fazendo com que o prevailecimento de pratos no âmbito do imprevisto e do emergencial outorgue uma identidade ao grupo, que acaba por se manter viva nas tradições e na memória. Nesse sentido, esta comida que pelas suas contingências não se verá duas vezes, deve ser considerada como patrimônio histórico de uma cultura, no caso, uma cultura gustativa a bordo.

O charque de vapor ou a cozinha como arte

Todas as sociedades definem para si o que é a comida. Estabelecem o que se deve comer com regularidade, o que deve ser comido de vez em quando e aquilo que cada camada social deve comer. Naturalmente, cada sociedade também define o que jamais deve ser comido. No Brasil, historicamente, se cultivou a diversidade alimentar, numa síntese entre as culturas primitivas com a superposição de etnias das diferentes culturas, que, numa simbiose, formaram nossos hábitos alimentares, e constituíram uma rica culinária. Nesse sentido, a memória gustativa acrescida dos saberes e sabores, das técnicas e práticas culinárias foram geradoras e formadoras das culturas regionais. Como resistência às cozinhas compartimentadas e cosmopolitas, a sociedade busca, cada vez mais, resgatar e valorizar, em nome da qualidade, as

cozinhas locais e regionais, carregadas de culturas. Assim, o local e o regional precedem o nacional e o internacional, fazendo com que a gastronomia revele a identidade desse conjunto de Brasis. Considerando o conceito de comida, percebe-se a sua diferenciação em relação ao que chamamos de alimento. Este é simplesmente tudo o que pode ser ingerido, em qualquer lugar do mundo,

para a manutenção da vida; ao passo que a comida possui um conceito recheado de simbologias na medida em que se configura como aquilo que uma determinada sociedade define, dentro da sua cultura, como o que pode ser saboreado com os olhos, olfato, textura, e depois com a boca, e sempre o prazer de compartilhar ao lado de uma boa companhia.

Ao longo do trajeto pelo rio Iguaçu havia um prato permanente, composto basicamente pelo charque, e acompanhado na maioria das vezes pelo arroz, sendo que o feijão e a farinha também aí se faziam presentes, com certa assiduidade. O charque, também conhecido e derivado da carne seca, carne-de-sol, de vento, jabá, tinha a diferença das suas congêneres do Norte do Brasil pela quantidade de sal durante a sua preparação e maior exposição solar. A sua duração é maior que a carne-do-sertão pelo implemento do

sal, mas oferece menos digestão ao consumidor. O charque era cortado em tiras estreitas ou feixes de couro grosso, constituindo mantas, sendo depois salgado e sem lavar era posto ao sol para secar. No início do séc. XIX era uma carne que alimentava a população livre e a escrava nordestina. Uma das serventias do charque era servir de recheio dos selins dos tropeiros, já que a tradição mostrava que eles arrumavam as carnes sob as selas. O charque sulino, também denominado quíchua e consumido nos vapores, era mais salgado, menos rijo, menos cuidado, pois o gado, o pasto e os costumes eram outros, diferentes do gado criado no Nordeste. Entretanto, seja no Sul, no Norte ou Nordeste o charque tinha uma presença diária, sustentável e muito apreciada, sendo que a sua distribuição coincidiu com o apogeu das charqueadas sulinas (o ciclo do charque no Rio Grande do Sul) e o declínio da pecuária no sertão nordestino.

A navegação a vapor no rio Iguaçu, transportando passageiros, madeiras, escoando a erva-mate e mantimentos, como o sal para o gado, tornou-se indispensável como o meio de transporte para o atingimento dos Campos Gerais no Paraná. Daí os sentimentos de apreço que os visitantes, passageiros e ribeirinhos tinham pelas barrancas do rio e pelas aventuras vividas.

Para os passageiros e tripulantes, a expectativa da comida a ser servida no vapor era mais um propósito pela decisão de soltar as amarras e empreender a viagem: “comer charque do vapor,



mas dentro do vapor”. Daí vem o título do prato “Charque no Vapor”, não pelo processo culinário, mas pelo fato de ter sido produzido na cozinha do fogão de bordo, perto da proa, com o vapor e calor provenientes da caldeira que alimentava o barco. Nesse sentido, o preparo do charque podia ser considerado o prato principal da viagem e servi-lo acompanhado pelo arroz e/ou feijão e/ou farinha poderia ser considerado uma construção gastronômica, numa espécie de cozinha permanente, permitindo que a janta fosse mais gorda que a de costume. A partir do charque, outros pratos completavam a comida de vapor, como o guisado de charque, virado de charque, charque na chapa, charque com batatas, que alimentavam bem e reconstituíam as forças para as novas aventuras pela frente. Além do óleo, os temperos aí presentes eram o sal, pimenta, cebola picadinha, salsa picada, louro, alho, tomate, limão, e outros.

De acordo com as informações passadas pelo Chef Manoel Damião Ribeiro, o Damião Carioca, considerado o único herdeiro da estirpe dos cozinheiros de vapor e morando em São Mateus do Sul, o charque vinha enrolado numa manta perto da popa, em torno de 100 quilos, dessalgando nas águas do rio Iguaçu. Para Damião Carioca, a dessalga do charque deve ser feita de 3 a 4 vezes, em torno de 6 horas, com a renovação da água, “pois água quente tira o sal, mas incute o ranço”.

Geralmente, o cozinheiro do vapor era uma figura muito respeitada, pois os seus segredos e saberes expressos na produção da comida a partir do charque recebiam elogios da tripulação e passageiros, que solicitavam as receitas. Não raras vezes, em função da não poluição do rio, era usada sua água para fazer a comida, após o fervimento. Nas portas das cozinhas dos barcos havia placas proibindo a entrada de estranhos, pois ali era o reino do cozinheiro, fazendo prevalecer o asseio e a ordem.

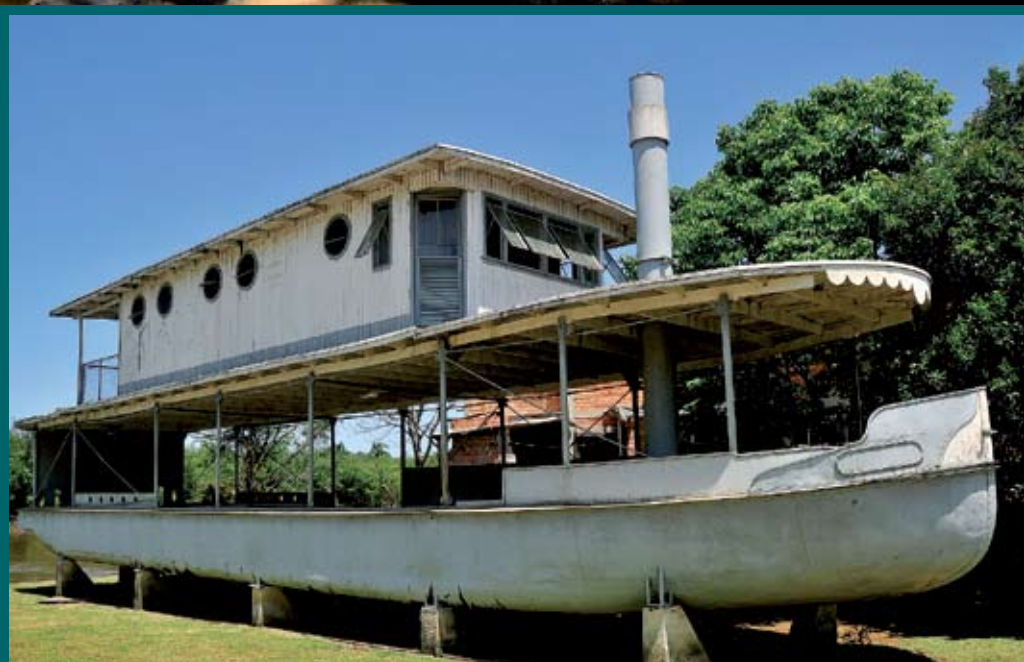
Ao som de uma batida e a um chamado do Chef, todos vinham ao refeitório. Ao longo da viagem buscava-se definir os seguintes horários para as refeições: às 6h era servido o café da manhã; ao meio-dia o almoço, que podia ser repetido, para a tripulação e passageiros, e depois para o comandante; às 18h era servida a janta e à meia-noite uma taça de chá.

Passado todo um processo histórico e cultural, pois desde 1952 os vapores deixaram de existir ao longo do rio Iguaçu dando espaço aos trens, carros e ônibus, prevalecem as lembranças dos velhos tempos. Como na cozinha prevalece a arte de elaborar os alimentos e de lhes dar sabor e sentido sob a batuta dos investimentos afetivos, simbólicos e estéticos, o que resta é a memória gustativa, que é a última a desaparecer. E isso pode ser comprovado na recente entrevista com o Chef Damião, em São Mateus do Sul, onde o cheiro da comida, o olhar dos pratos e o sabor do gosto ali presente, permitiram pensar num passado histórico/cultural muito mais significativo que um simples vapor Peri, ali ancorado como patrimônio material, poderia transmitir. Mais uma vez, a cozinha se reafirma como um espelho da sociedade, um microcosmo da sociedade, uma imagem da sociedade.

● CARLOS ROBERTO ANTUNES DOS SANTOS foi reitor da UFPR, Secretário de Educação Superior do MEC e membro do Conselho Nacional de Educação. É professor titular de História da UFPR, com doutorado pela Universidade de Paris X e pós-doutorado pela Universidade de Paris III. Entre outras, é autor da obra História da Alimentação no Paraná e do dossiê História da Alimentação.



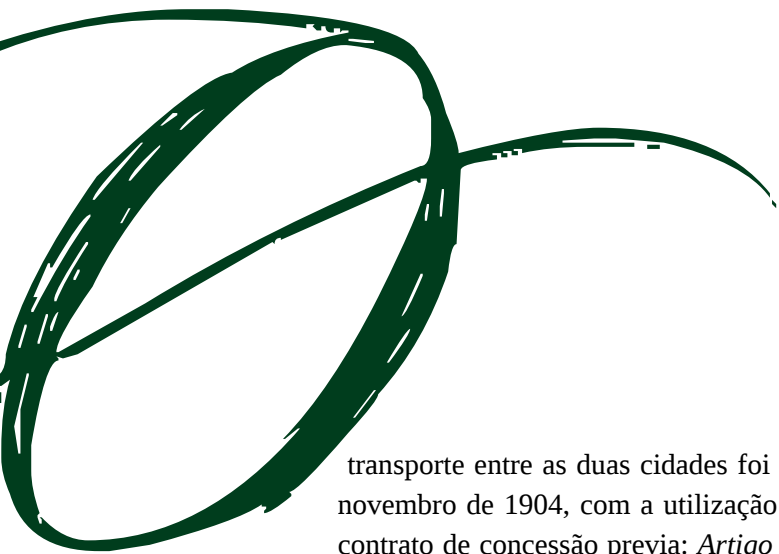
fotos | NEGO MIRANDA





O caminho de Palmas

AS DIFICULDADES PARA LIGAR O CHAMADO SERTÃO PARANAENSE À CAPITAL PELOS MAIS DIVERSOS MEIOS DE TRANSPORTE SÃO HISTÓRICAS. O ESCRITOR ALVIR RIESEMBERG ESCREVEU SOBRE A AVENTURA DE SEU PAI, AUGUSTO, O PRIMEIRO A EXPLORAR O TRANSPORTE RODOVIÁRIO ENTRE UNIÃO DA VITÓRIA E PALMAS.



transporte entre as duas cidades foi iniciado em 1º de novembro de 1904, com a utilização de diligências. O contrato de concessão previa: *Artigo 5º: As diligências partirão: de União da Vitória, nas segundas-feiras, às 8 horas da manhã, durante o verão; e às 9 horas no inverno. De Palmas, nas quintas-feiras, às 8 horas no verão, e às 9 horas durante o inverno.*

O trecho de 140 quilômetros entre as duas cidades era coberto em 48 horas. O preço da passagem, previsto no contrato, era de 20\$000 (vinte mil réis), cobrando-se 30\$000 pelo percurso de ida e volta. O trecho abaixo conta um pouco mais da história:

“No relatório do Secretário d’Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização – Francisco Gutierrez Beltrão – referente ao ano de 1907, no capítulo relato às diligências, lê-se o seguinte: ‘Entre União da Vitória e Palmas: - Tendo o governo resolvido estudar um pedido que lhe foi feito para estabelecimento de um serviço regular de transporte entre esses dois pontos por meio de automóveis, não foram chamados concorrentes ao serviço de diligências, contratado até 30 de junho com Max Schwartz, ficando porém resolvida a continuação deste contrato conforme ficou consignado no seguinte termo de prorrogação’.

A lei nº 1180, de 13 de abril de 1912, fazia concessão do serviço de tráfego de passageiros e de mercadorias por meio de automóveis ou de qualquer outro veículo de tração mecânica entre as cidades de União da Vitória e Palmas aos Srs. Philinto Braga, Laurindo Macedo e Manoel Otávio de Souza Carneiro, mediante contrato assinado em 18 de novembro daquele ano. O prazo

estabelecido por este contrato era de 40 anos e o tráfego deveria iniciar-se dentro de um ano. Poderiam ser adotados automóveis ou veículos de rolamento sobre trilhos. Para a boa execução dos serviços os concessionários, conforme o tipo de veículo preferido, poderiam utilizar as quedas de água pertencentes ao Estado até uma largura de 15 quilômetros de cada lado da estrada ou desapropriar as de domínio particular; poderiam ainda instalar uma linha telefônica entre as cidades extremas. Em qualquer caso, ficar-lhes-ia afeta a reparação ou adaptação da estrada.

Não há notícia de qualquer trabalho no sentido de cumprir o contrato em apreço. O que se sabe é que os primeiros veículos de tração mecânica foram empregados por Caetano Tesseroly em 1930. Eram caminhões destinados ao mesmo tempo ao transporte de passageiros e de cargas, com bancos laterais desmontáveis. Empregou-os depois, segundo o mesmo tipo, Oswaldo Schwartz. A Ladislau Kowaleski coube, em 1934, a introdução dos primeiros ônibus com tolda e bancos fixos e destinados exclusivamente ao transporte de passageiros e de suas bagagens. Foi ainda através deste concessionário que a linha de diligência de União da Vitória e Palmas se integrou na grande rede nacional de transportes coletivos. Hoje grandes ônibus confortáveis e luxuosos rolam velozmente pela estrada que o galope trepidante das diligências de Augusto Rieseberg abriu ao tráfego rodoviário em 1904”.

Alvir Rieseberg, em A Nau São Sebastião

em A Nau São Sebastião 1958. Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná



ALVIR RIESEMBERG nasceu em Rio Negro, PR, em maio de 1907. Médico e professor radicado em União da Vitória, chegou a ser deputado estadual. Escreveu diversas obras sobre os costumes e os primórdios da civilização paranaense no sul do estado. Faleceu em fevereiro de 1975, cinco meses depois de ter assumido a cadeira nº 40 da Academia Paranaense de Letras.

OS CARROÇÕES NÃO SÃO MEROS FIGURANTES NA PAISAGEM DO PARANÁ. ANTES DE VIRAREM PEÇAS DE MUSEU OU INSPIRAÇÃO PARA PINTORES OU FOTÓGRAFOS, COM A SÉPIA RECORTANDO SEU VULTO, ATRAVESSARAM O MATO, SACOLEJANDO, E AMASSARAM BARRO, ENFIADOS NO TRABALHO COMO INSTRUMENTOS ESSENCIAIS PARA A VIDA DAS PESSOAS. NA DÉCADA DE 20, ELES TALHAVAM O PRINCIPAL VEIO DE ESCOAMENTO DE MADEIRA NO ESTADO, O TRECHO ENTRE GUARAPUAVA E PONTA GROSSA.

Uma lasca da história da

por NILSON MONTEIRO

Os carroceiros carregavam mais de cento e cinquenta arrobas, atrelando até oito animais. A caravana, às vezes com uma dúzia de carroções, seguia sempre o mesmo trilho, abrindo dois profundos sulcos em meio à lama. Antes mesmo da inauguração da estrada de ferro ligando Curitiba a Paranaguá, em 1885, as caravanas carregadas desciam a serra, atravancando a Estrada da Graciosa.

Os carroções marcaram não só o chão, mas um período de riqueza econômica produzido pela madeira que eles carregavam, rangendo, direto das matas para os portos de Paranaguá e Antonina e, logo adiante, para São Francisco do Sul (SC). Esta história, porém, remonta aos tempos em que o Paraná tinha um chumaço verde, originalmente coberto de matas, com 176.737 quilômetros quadrados. Desses, 100.457 km² tinham peroba, canela, pau-marfim, cedro etc., a chamada madeira de lei, e 76.280 km² eram um mar de pinho, araucária e imbuia. De 1931 a 1950, desapareceram quase cinquenta mil km² de mata no Paraná.

A madeira começa a mudar as feições do estado em 1871. Naquele ano houve a primeira iniciativa de investimento madeireiro no Paraná, com a organização da Cia. Florestal Paranaense, fundada por Antonio Pereira Rebouças Filho e seu irmão Andrew, entre outros. A sede da empresa ficava no Rio de Janeiro. Mas, no Paraná, emblematicamente, fora construída Próxima à Estrada da Graciosa, na Borda do Campo, e ao traçado da futura ferrovia Curitiba-Paranaguá. Menos de uma década depois, prejudicada pela dificuldade de transporte e escoamento da

madeira, além da concorrência estrangeira, principalmente a do pinho de Riga, de origem europeia, esta iniciativa fracassou. Há construções importantes no Brasil em cujas obras foi usado o pinho de Riga. A Estação da Luz, em São Paulo, é um desses exemplos.

O historiador e escritor David Carneiro fixa a década de 1870 a 1880 como o início da “falma” (em grego, aparição) da madeira. Ele coincide com o artesanato, em maior proporção em madeira de lei, e a produção de móveis maciços. No entanto, o presidente do Paraná em 1870, José Pedrosa, registrara que “no fim da década dos anos 70, a madeira alimenta apenas uma pequena indústria para

madeira

consumo dentro da província”. A explicação de Pedrosa: falta de transporte, má qualidade das estradas e alto custo dos fretes.

Em 1886, as serrarias iniciaram sua marcha no Paraná. Primeiro ao lado das ferrovias e, depois, distanciando-se delas. A produção era de quinhentas peças serradas por dia, em estabelecimento que existia entre a Vila de São José dos Pinhais e a Freguesia de Piraquara. Este pode ser um marco da exploração das florestas do estado, com a madeira firmando-se como atividade econômica importante, com a exportação pelos portos de Paranaguá e Antonina.

Porém, desde o início do século XIX havia registros de exportação de madeiras pelos paranaenses, sobretudo as madeiras de lei (cedro, imbuia, canela preta, sassafrás, carvalho, araribá e peroba, entre outras). Na relação de exportação de 1801, constavam dúzias de tabuado (conjunto de peças de madeira, que unidas entre si constituem forro de soalho etc.) e de ripas. Em 1826 a madeira já significava 8,21% da exportação do Paraná, em raios e eixos, portadas, lenha, vigas e tirantes, tábuas e pranchões, ripas e varas, paus tortos e curvas. O pinho era utilizado apenas nos limites da serra acima, devido a dificuldades de transporte para o litoral.



SCHIEFELBEIN, Hermann. Carroças e Cavalos.
s.d | óleo sobre tela | 52x76cm | Acervo: Colégio Estadual do Paraná

Rio de Janeiro e Montevideu eram, respectivamente, o primeiro e o segundo destino das madeiras que saíam pelo porto de Paranaguá. Quantidades menores de madeira seguiam para o Chile, no exterior, além de Rio Grande, Porto Alegre e Laguna.

Segundo a historiadora Cecília W. Westphalen, sessenta e quatro serrarias já produziam no Paraná no final do século XIX, ao longo das estradas de ferro. Mas, entre 1850-51, um século antes da instalação da Zattarlândia, perto de Pinhão, a exportação significava 3,5% do total da comarca. Em 1854, Zacarias de Góes e Vasconcellos menciona a existência de engenhos de serrar madeiras, contudo em menor número do que os de socar erva. Desde então, expunha a necessidade de melhorar as estradas para escoar a produção, o que faria prosperar o comércio de madeiras e a economia da comarca. Em 1875, D. Pedro II transferiu a concessão dada à Estrada de Ferro do Paraná para a Compagnie Generale de Chmins de Fer Brésilien, que construiu a estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, inaugurada em 1885.

MADEIRA DE LEI – Uma crônica da vida e da obra de Miguel Zattar, Nilson Monteiro. Edição Zattar, 2008.

NILSON MONTEIRO é jornalista e escritor. Publicou também Simples (poemas), Curitiba vista por um pé vermelho (crônicas), Itaipu, a luz (reportagem), Um novo rumo para o Paraná (reportagem) e Pequena casa de jornal (crônicas).

NOTÍCIAS DO CONTESTADO



O verdadeiro 'Monge' João Maria.

A chamada Guerra do Contestado durou quatro anos, matou milhares de brasileiros e deu novos contornos aos estados do Paraná e Santa Catarina. Os textos a seguir dão ideia desta grande tragédia, que explodiu no mesmo ano em que nascia Helena Kolody.

“Em princípios de outubro desse ano de 1912, o desembargador chefe da polícia do Paraná recebeu do Herval (que era nesse tempo parte integrante do Paraná) uma notícia alarmante: a 10 de outubro, um sujeito de maus antecedentes conhecido por ‘Monge’, meio hipócrita, meio fanático, cujo nome efetivo seria o de José Maria, seguido de numeroso bando atravessara o Rio do Peixe, e, ao que parecia, caminhava em direção a Palmas. Procurado já pela polícia do vizinho Estado de Santa Catarina, certo talvez de continuar sendo perseguido nas zonas mais habitadas do Paraná, parecia desejar internar-se nos sertões da fronteira com a Argentina, onde ficaria até que se acalmasse a perseguição. Quais lhe eram os intentos? Pouco se poderia deduzir pelo escasso que dele se conhecia.”

“Já havia estado em diversos pontos do Estado do Paraná e em outros de Santa Catarina, fazendo-se de médico e profeta. Embriagado, excitado pelo ambiente de respeito que ao seu redor se formou, todo e qualquer absurdo que retalhos fantásticos de romances lhe sugerissem, ele os aceitava no intuito de impor-se cada vez mais, hipertrofiado o seu orgulho doentio. Lera um romance, cujas cenas eram do ‘ciclo de Carlos Magno’, e logo resolveu fazer-se chefe de cavaleiros da nova ‘Távola’.”

David Carneiro
em O Paraná na História Militar do Brasil

DAVID ANTONIO DA SILVA CARNEIRO nasceu em Curitiba em 1904, cidade em que faleceu em 1990. Formou-se em engenharia pela UFPR, em 1927. Especialista em estudos históricos do Paraná, foi estudioso da Revolução Federalista, sobre a qual escreveu O Cerco da Lapa e Seus Heróis. O Paraná na História Militar do Brasil foi publicado na coleção Farol do Saber, pela Fundação Cultural de Curitiba.

O romance

*Arcabuzes** esclarece a história, a realidade social brasileira em movimento. A Pátria nascida em luta contra o colonialismo, a revolução das massas urbanas em busca da Independência, da Abolição e da República. Como consequência destas duas últimas, revela a guerra civil com a qual a contrarrevolução envolveu o país. Forças legalistas e forças rebeldes travaram batalhas, verdadeiras chacinas de combatentes, de prisioneiros e, quando vitoriosas, caçavam os adversários políticos para degolá-los.

Concomitantemente, agitavam-se as massas camponesas, insufladas pelos incubos do fanatismo religioso. Antônio Conselheiro, na Bahia; João Maria, o Anastás Marcaf, no Sul. Assinalava-o Euclides da Cunha em *Os Sertões*. João Maria, afirmando o compadrio com Gumercindo Saraiva, apoiava-o à frente de fanáticos nas emboscadas. Trata-se de um início de guerras camponesas no Brasil. Dir-se-ia que séculos após o que acontecera na Europa, repetia-se nos latifúndios sul-americanos o fenômeno social que tumultuara o velho continente no século XV.

Na guerra civil, a burguesia que engendra o proletariado à medida que desenvolve sua indústria, comércio e meios de comunicação, dirige a luta das massas urbanas contra a monarquia e a aristocracia. A reação em regiões de latifúndio e coronelismo é natural, pois a insurreição republicana significa o regime da burguesia, a supressão de um feudalismo semifeudalismo caboclo. Ao caírem os privilégios aristocráticos, a legislação se torna burguesa.

É importante lembrar que a barbárie medieval tinha ainda seu curso no início da República.

Embora apondo-se à ordem estabelecida no campo, a massa rural plebeia tende a acompanhar a contrarrevolução, após a burguesia faltar à sua obrigação de libertá-la das servidões nos latifúndios. Aceita a direção de elementos incubos como “enviados do céu” para livrá-las da vida de misérias. Suas reivindicações assumem formas fantásticas. É a repetição do ocorrido na Europa durante a Idade Média, quando à margem da sociedade existente era de plebeus a ideologia dominante, representada pelas fantasias quiliásticas, crenças dos milenários ou da recompensa no céu.

Pouco importa o nível de instrução dos elementos incubos, menos cultos, no Brasil. Enquanto Antônio Conselheiro e João Maria, o Anastás Marcaf, revelam algum grau de instrução, o monge da revolta no Contestado, que diz

chamar-se José Maria, mostra-se ignorante, sem sabedoria, quase analfabeto.

Esclareçam-se, pois como ocorrem insurreições plebeias do tipo fanático-religioso e as chacinas com as quais foram destruídos os redutos do Contestado e a aldeia de Canudos através do romance *Arcabuzes*, o qual revela o quanto representou a guerra civil desencadeada pela contrarrevolução no país.

Era natural que se alarmassem a burguesia rural, as pequenas cidades e vilas do campo e, principalmente, as oligarquias dos estados, clamando por intervenção de polícias militares e do Exército Nacional. (...)

Quanto ao Contestado, o fanatismo apresenta as mesmas características e fantasias. Mas havia dispersos nas fazendas e matas do Paraná e Santa Catarina destroços maragatos, foragidos, ex-combatentes formando com rancheiros arruinados, agregados e toda a prole miserável do campo, uma massa de crentes em visagens e em monges. Prontos à desforra, seguiam para aquele que fora cabo desertor da polícia, o qual dizia chamar-se José Maria e ser irmão do antigo e venerado João Maria, o incubo da devoção cabocla e de maior importância histórica.

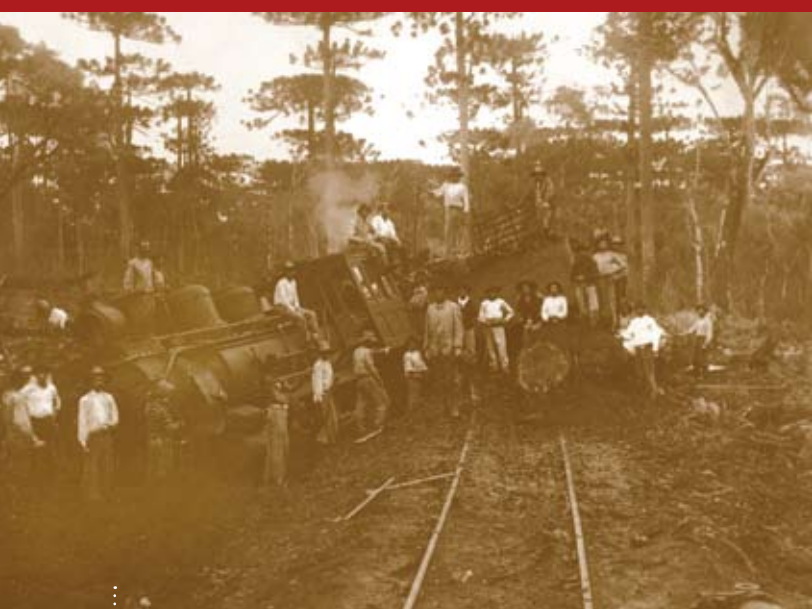
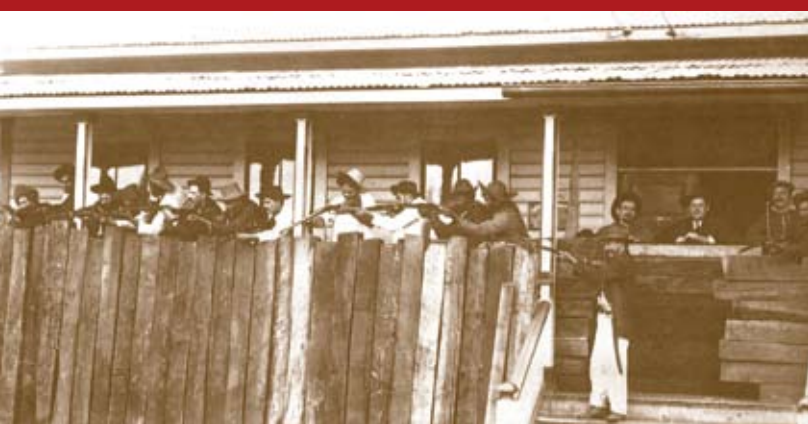
A prova de que lutavam pela terra e contra as servidões, numa revolta sem consciência de seus objetivos, é a de que, após a morte do monge José Maria, já no primeiro combate travado no Irani, em 1912, é que a guerra adquiriu maiores proporções, estendendo-se por vários anos não só contra as polícias militares, as guardas particulares das companhias, os chamados “vaqueanos” recrutados pelos “coronéis” e o grosso do Exército Nacional.

O abandono do campo pela burguesia ao coronelismo foi a causa comum da formação de Canudos como Contestado, mas aqui numa grande região conflagrada onde as lutas tomaram proporções gigantescas, além do coronelismo. O campo foi também abandonado à espoliação das companhias estrangeiras como a Lumber Corporation e a Brasil Railway.

Os últimos focos da resistência à República foram os redutos do Contestado, afinal dizimados, com Canudos, no mesmo capítulo da história pelo Exército Nacional.

Noel Nascimento
em *A Revolução do Brasil*

NOEL NASCIMENTO é romancista, ensaísta e poeta. Sua obra *Arcabuzes*, ambientada nos anos da Revolução Federalista, venceu o Prêmio Nacional de Romance, da Secretaria de Cultura do Paraná. O tema também lhe inspirou o romance *Casa Verde*, de 1963. Publicou ainda os volumes de poemas *Cosmonave* e *Coreto de Papel*, e *A Revolução do Brasil*, ensaios, entre outros. É da Academia Paranaense de Letras.



Bando de jagunços em demonstração de poder.

Seguranças defendendo as instalações da Companhia Lumber.

Locomotiva tombada ao longo da linha São Paulo - Rio Grande do Sul.

Percival

Farqhar, empresário norte-americano que recebeu a concessão para a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, no fim do século 19, deve ter vislumbrado no contrato uma mina de ouro. Não era para menos. Por meio dos decretos de 9 de novembro de 1889 – seis dias antes da Proclamação da República, como se vê – e de 7 de abril de 1890, para ser remunerada pelo trabalho de construção da ferrovia, a concessionária – *Compagnie Chemins de Fer du Sud Ouest Brésilien*, anteriormente nas mãos de Teixeira Soares – passava a ter direito às terras existentes às margens dos trilhos, com largura de até 15 quilômetros em cada lado, ou igual ao produto da extensão quilométrica da estrada, multiplicada por 18.

Como se chegou a tais números já não importa. O fato é que, mesmo sendo a região pouco povoada, ali viviam, já há muitas gerações, fazendeiros, caboclos, pequenos sitiantes, tropeiros e índios.

Nos primeiros anos de concessão, pouca coisa ocorreu. Os estudos para a implantação da ferrovia alongaram-se. Brasil e Argentina ainda disputavam áreas na região, questão enfim resolvida pela arbitragem do presidente Glover Cleveland, dos Estados Unidos. Até que, em 1907, estabeleceu-se prazo de três anos para que a ferrovia fosse aberta ao tráfego.

Farqhar passou a recrutar milhares de pessoas para a empreitada. Em 1909, eram mais de 5.500 trabalhadores, segundo alguns; quase dez mil de acordo com outros. O norte-americano havia estruturado também outras duas empresas, a *Brazil Development and Colonization* e a *Southern Brazil Lumber and Colonization*, para promover a colonização e exploração das terras concedidas.

A Lumber, por exemplo, instalou serrarias ao longo dos vales dos rios Negro, Iguaçu, Timbó e do Peixe, promovendo, em poucos anos, um dos maiores desmatamentos já ocorridos na história da humanidade.

Em 1910, com os trechos que compunham a estrada ao longo do vale do Rio do Peixe entregues ao tráfego, os trabalhadores foram sendo dispensados. A falta de opções fazia com que continuassem pela região, à procura de trabalho e moradia, sem possibilidades concretas de encontrarem um ou outro.

O cenário do conflito estava armado. Os antigos posseiros das terras, os desempregados de Farqhar, os fazendeiros e quem mais se sentisse prejudicado, todos passaram a incorporar a revolta contra o domínio da *Brazil Railway* e suas subsidiárias. Faltava o líder capaz de aglutinar as forças.

Não demorou para que aparecesse. Poderia ter sido João Maria d'Agostini, que se dizia monge. Italiano do Piemonte, nascido no início do século 19, talvez em 1801, vagou anos pela região. De hábitos ascéticos, terminou angariando fama de santo, até desaparecer.

Houve também Anastás Marcaf, do qual não se sabe a origem – o forte sotaque francês poderia denunciar a nacionalidade, mas ele dizia ter nascido no mar. Adotou o nome de José Maria, pregando entre os vales dos rios Iguaçu e do Peixe. Um dia, também sumiu sem deixar vestígios, gerando na população simplória a certeza de que teria encantado, como seu antecessor.

Eis que, anos depois, surge, enfim, aquele que seria o responsável pela aglutinação popular. Batizado como Miguel Lucena de Boaventura, autointitulou-se José Maria de Santo Agostinho, João Maria para alguns autores. A similaridade de nomes até hoje causa confusão. A verdade é que Miguel Lucena era desertor de um regimento militar paranaense. Juntou milhares de pessoas, peregrinando por Santa Catarina até atravessar a fronteira do Paraná.

A questão dos limites entre os dois estados não estava resolvida. Com a invasão de José Maria e seu bando, as

autoridades paranaenses mandaram à região um contingente armado sob o comando do coronel João Gualberto. As tropas paranaenses perseguem os fanáticos até Irani, às margens do rio do mesmo nome. Ali, em 22 de outubro de 1912, acontece a batalha, na qual morrem João Gualberto e o monge.

Os sobreviventes tratam de reagrupar-se. Unidos em bandos, sem um comando único, chegam a somar mais de três mil homens. A violência espalha-se. De Canoinhas, no norte catarinense, a Curitiba, no sul. De Irani às margens do Iguaçu.

Pelos três anos seguintes, tanto o exército como as polícias não conseguem derrotá-los. Uma guerra de guerrilha, na qual os seguidores de José Maria levavam a vantagem de conhecer a região. O exército chega a mobilizar oito mil homens, com o uso até de força aérea.

Apenas em 1915, quando tropas federais invadiram a vila de Santa Maria, local místico – chamada de Cidade Santa pelos seguidores do monge – onde se escondiam as principais forças dos revoltosos, a guerra chega ao final.

O número de mortes nunca foi suficientemente estimado. Fala-se de três a cinco mil, num dos episódios mais violentos da História do Brasil.

Com a destruição de Santa Maria e a assinatura do Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina, em outubro de 1916, a região voltava à paz. Porto União da Vitória foi dividida, com os trilhos da estrada de ferro fazendo o papel de fronteira entre os dois estados. Porto União coube a Santa Catarina, União da Vitória ao Paraná. Simbolizando o acordo, a Estação União, terminal ferroviário único, com duas fachadas idênticas.

Ernani Buchmann
em Quando o Futebol Andava de Trem



ERNANI BUCHMANN trabalha em comunicação, é advogado e escritor. Coordena a área de jornalismo da OAB/PR e da Fecomércio/PR. Foi professor da PUC/PR e da Unicuritiba, trabalhou em agências de publicidade e em inúmeros jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão. Tem 11 livros publicados. Faz parte da Academia Paranaense de Letras.

o descanso dos
argonautas
do Iguaçu ensaio por NEGÓ MIRANDA

PALMIRA JÁ NÃO É UMA CIDADE.

SUMIU O PORTO, OS MARINHEIROS,
NÃO EXISTE MAIS A VIDA TRAZIDA PELOS VAPORES.

A MEMÓRIA DOS VELHOS TEMPOS
ESTÁ NAS LÁPIDES DO CEMITÉRIO.
FOI RETRATADA NESTE COMOVENTE ENSAIO
DO FOTÓGRAFO NEGÓ MIRANDA.

















palмира

NEGO MIRANDA é fotógrafo, premiado em diversos salões como o 2º. Salão Internacional de Fotografia em Havana e na Bienal de Fotografia Ecológica de Porto Alegre. Publicou seis livros, entre eles A Eterna Solidão do Vampiro, sobre Dalton Trevisan.



DA ARTE DE DESCONCERTAR GREGOS & TROIANOS

O PARANÁ, TOPOGRAFIA E GENTE, SEMPRE CAUSOU ESPANTO, DESNORTEANDO VIAJANTES DESDE QUE OS PRIMEIROS POR AQUI PASSARAM. DIVERSOS AUTORES PARANAENSES, BRASILEIROS DE OUTRAS PARAGENS E ESTRANGEIROS DEBRUÇARAM-SE SOBRE A TAREFA DE ANALISAR AS CARACTERÍSTICAS DA TERRA E DO SEU POVO. AQUI ESTÃO COMENTÁRIOS DE DOIS DELES, FRAGMENTOS DE ESTUDOS MAIORES. *BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO*, EX-GOVERNADOR, NASCIDO EM PARANAGUÁ EM 1905 E FALECIDO EM CURITIBA EM 1973, E *FÁBIO CAMPANA*, JORNALISTA E ESCRITOR, NASCIDO EM FOZ DO IGUAÇU EM 1947.



Planalto Paranaense

por BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO

O planalto paranaense, com suas condições características de clima e topografia, é uma surpresa pelo contraste que forma na paisagem convencional do Brasil. Sua beleza cativou Saint Hilaire que exclamou diante dos Campos Gerais, cuja descrição poderia ser repetida hoje: “C’est Le paradis Du Brésil”. E em 1872, o inglês Thomas Bigg-Wither viveu a surpresa dos nossos planaltos, vindo de Antonina, em pleno inverno, e os considerou como a “new world”, brancos de geada, em seu pouso da Graciosa, em constraste gritante com o calor do litoral. Disse ele: “the Day before we had been in the land of Orange and palm trees, bananas and coffee, now we are surrounded by gigantic pines, such as one imagines would grow only in the latitude of the Baltic...were beginning to form quite a different opinion of Brazil from that which we had held in Rio de Janeiro...Certainly, life had seldom felt more pleasant than on this our first day in the Highlands of Paraná.”

Em agosto de 1952, justamente oitenta anos depois de Bigg-Wither, recebo, como Governador do Paraná, no Aeroporto de Afonso Pena, em seguimento do programa organizado pelo Itamarati, a Karl Gruber, Ministro do Exterior da Áustria, em visita ao Brasil. O chanceler que, como Bigg-Wither vinha do Rio, seu primeiro contacto com nosso país, ao descortinar a paisagem que circunda Curitiba, teve esta expressão: “Mas isso é a Europa Central!”.

Essa diversificação que Bigg-Wither e K. Gruber observaram, nós a vivemos de maneira permanente.



DEBRET, Jean-Baptista. Palmeira (Freguesia dos Buracos)
1827. Aquarela. 14 x 22,5cm

O contraste do meio paranaense tradicional do planalto, com as características gerais e mais significativas do ambiente brasileiro em sua visão global, trouxe ao paranaense a consciência de sua diversidade e, portanto, de sua afirmação dentro dos quadros da nacionalidade.

A imigração européia, não latina, do século XIX, deveria ter acentuado ainda mais essa consciência. Muito da introspecção paranaense deve originar-se do clima e da contribuição cultural de povos que o próprio clima atraiu.

Quem conhece nosso litoral quente e sobretudo o Nordeste brasileiro, de temperatura constante de janeiro a dezembro, pode bem aquilatar a influência do clima no comportamento e na psicologia das gentes. As cidades do Nordeste, à noite, vivem numa festa interminável. A convivência é intensa e universal. Todas as casas iluminadas, de portas e janelas abertas, e nos bairros antigos ou mais



DEBRET, Jean-Baptista. Fazenda dos Carlos (Carros) em Tamanduá
1827. Aquarela. 13 x 22 cm



ANDERSEN, ALFREDO. Cadeado
s.d. Óleo sobre tela. 51 x 77 cm

pobres, de casas de alinhamento de rua, a calçada é uma dependência do lar. Vê-se de fora o interior. Não há uma linha divisória fechada entre a rua e “lá dentro”. O calor intensifica a convivência. Todo o mundo procura a rua, movimenta a rua, enfeita a rua. Já em nosso planalto, em noites de inverno e na maior parte do ano, as ruas são desertas. O clima obriga ao recolhimento. As fachadas das casas parecem que se distanciam da rua. Escondem a hospitalidade cordial que é seu hábito. Mas lá dentro, resguardada da visão do grande número, desabrocha a convivência. Há uma linha divisória bem riscada entre a rua e o lar, entre o mundo e o “home” que à primeira vista não aparenta acolhimento, mas só à primeira vista. Coração aberto, não de acesso fácil ao primeiro encontro, mas fiel e sem reservas, depois que a linha divisória é consentidamente transposta.” (Em *Os Tinguís*)

● BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO, nascido em Paranaguá, formou-se em Engenharia. Autor da emenda que extinguiu o Território Federal do Iguaçu, foi deputado federal e ministro da Agricultura. Como governador do Paraná comandou as comemorações pelo centenário da emancipação política do estado, em 1953. Do seu legado destacam-se a construção do Centro Cívico e do Teatro Guaíra, em Curitiba, além de obras literárias.

Reflexões Nativas

por FÁBIO CAMPANA



Somos de tantas origens, de tantas culturas, e nenhuma se impôs às demais para nos dar um sentimento de identidade coletiva, de comunidade e de destino comum.

Este processo não cessou. O Paraná recebe todos os dias gente que desistiu da vida em alguma parte do planeta e decidiu que este é um bom lugar para recomeçar. Só em Foz do Iguaçu convivem 68 etnias. A maior parte da população de Curitiba já não é de descendentes de europeus. Os polacos e ucranianos são minorias. Somos cada vez mais negros, pardos, amarelos, crioulos, mamelucos. Mestiços.

Nesta babel de línguas e costumes, é mais fácil saber o que não somos. Gostamos de sublinhar o que nos distingue e nos faz sentir diferentes dos demais, o resultado é um rio de preconceitos. Acreditamos que somos paranaenses porque não temos a extrovertida alegria do carioca, a empreendedora cobiça dos paulistas, a preguiçosa malemolência dos baianos, a picardia política dos mineiros, a sobranceira dos gaúchos.

Nos sentimos paranaenses porque somos diferentes, embora sejamos um pouco de todas as tribos, de todas as raças, de todas as crenças. Sendo tantos e nenhum, a negação do outro é também nossa negação. Somos muitos, somos vários. Ao menos sabemos o que não somos. Ou o que não queremos ser. Ou ainda, o que não queremos que pensem que somos.

Há sempre uma ponta de orgulho na negação dos atributos alheios. O limite que impomos ao estranho acostumou-nos a manter distância dos invasores de nossa intimidade. Nos protegemos com a fria couraça da indiferença que limita aproximações bruscas, invasões indevidas. Somos povo de pouca história e muita geografia. Não houve ciclos hegemônicos. O Paraná teve ciclos regionais e muito curtos, insuficientes para formar a nata e deixar história.

Da frustrada procura do ouro no litoral e nas serras, passamos à condição de entreposto de tropas que iam de Viamão a Minas. Território de passagem. Pobre de oportunidades. Comércio e pousada. Acabou o ouro em Minas e as tropas deixaram de passar por aqui. Os currais foram tomados pelo mato. Os cavaleiros sumiram. Sem ouro, sem comércio, os que por aqui ficaram encontraram outra fonte de riqueza: a erva-mate.

A erva-mate consolidou a primeira oligarquia. Foi o único ciclo econômico paranaense. Nos deu a emancipação, a estrada da Graciosa, o primeiro banco, o primeiro jornal, os simbolistas. Ah, e o paranismo, praga duradoura.

(Em *A Árvore de Isaías*)

A mitificação dos curitibanos

Foram os “estrangeiros” que mitificaram nosso mores (costumes). Não podem compreendê-los, pois não sabem quem somos e como vivemos. Fazem uma leitura transversal e superficial para logo emitir opiniões sem fundamentos sólidos. Perdoem-nos os que não nos compreendem. Para entender um curitibano, só sendo um de nós.

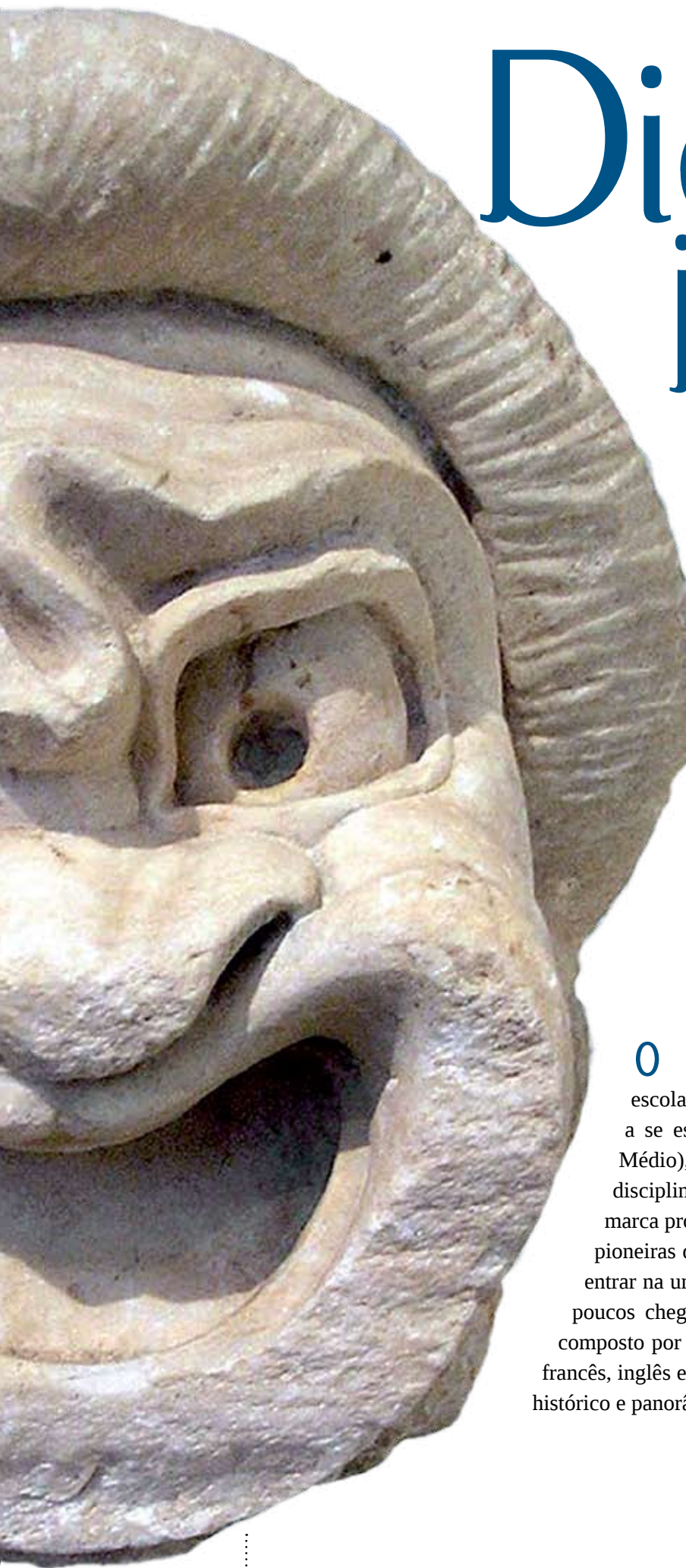
LUIZ GUILHERME RANGEL SANTOS
é Reitor da Universidade Tuiuti do Paraná.

FÁBIO CAMPANA, nascido em Foz do Iguaçu, PR, vive em Curitiba. É jornalista, escritor e editor, responsável pela Travessa dos Editores e pela revista Ideias. Publicou *Restos mortais*, *No Campo do Inimigo*, *Paraíso em Chamas*, *O guardador de Fantasmas* e *O Último Dia de Cabeza de Vaca*, entre outros. *A Árvore de Isaías*, de 2011, é sua obra mais recente.

Fragments de uma Cultura Helênica

ELAS NUNCA PENSARAM QUE UM DIA PISARIAM EM UM PALCO. NUNCA IMAGINARAM, NEM EM SUAS HORAS DE MAIS AGUDO DESVARIO, QUE VESTIRIAM ROUPAS RÚSTICAS, USARIAM BIGODES E ALGUMAS COROAS E CETROS. NEM MESMO INCLUÍRAM EM SEUS DEVANEIOS UM TRIO GREGO A ORQUESTRAR FALAS E GESTOS. MAS TUDO ISSO ACONTECEU DE VERDADE. E, AO ACONTECER, MUITAS COISAS NUNCA VOLTARAM A SER COMO ANTES.





Dionisiácas juvenis ou o poder do teatro

por MARTA MORAIS DA COSTA

O ano era o de 1963. O Colégio Estadual do Paraná era o modelo das escolas paranaenses e, desde 1961, tinha um currículo renovado e ares de mudança a se espalhar pelos corredores e salas de aula. No nível colegial (hoje Ensino Médio), duas ramificações acolhiam os alunos: o curso científico (com espírito e disciplinas voltados para as então denominadas ciências exatas) e o clássico (com marca proeminente em línguas e literaturas). Na turma vespertina, éramos seis alunas pioneiras que se preparavam para a formatura ao final do ano e para o vestibular para entrar na universidade no início do ano seguinte. Tempos outros eram aqueles, quando poucos chegavam a esse estágio de estudos, sobretudo as mulheres. O currículo era composto por um ano de concentração em estudos linguísticos: língua portuguesa, latim, francês, inglês e (assombro!) grego. Aulas diárias, muita gramática e literatura, esta em viés histórico e panorâmico. Uma equipe de docentes jovens e outros menos jovens.

Máscara teatral do tipo Primeiro Escravo, personagem típico da Comédia Nova.
Mármore, século II a.C., Museu Arqueológico Nacional de Atenas.



Uma professora recém-formada cruzou a porta da sala, da vida das alunas e do ritmo cultural do colégio: Maria Lambros Comninos, a professora de grego, nascida na ilha de Rodes. Onde mesmo? Sem Google, o recurso foi pesquisar no Atlas escolar: e era verdade! Rodes existia, e também tinha sido o local de uma das oitavas maravilhas do mundo: o Colosso! A professora ficou muito mais merecedora da atenção da turma, somado o ensino de um alfabeto estranho (que tentávamos desenhar e decorar) e de verbos em conjugações esquisitas.

O grego ficou menos esdrúxulo com o estudo de prefixos e sufixos: ah, sim, a descoberta dava ao português raízes heroicas! Mas o assombro maior chegou na proposta nascida da literatura: vocês estão de acordo em encenarmos Sófocles? Nossa ignorância cultural talvez seja hoje o argumento que justifique nossa imediata adesão. Sem entender a grandiosa pretensão de nosso “sim” entusiasmado, nos vimos submersas em leituras, ensaios, pesquisas para levar ao palco do colégio (de quase mil lugares!) a *Antígona*. Tivesse a nossa juventude a dimensão do que o texto representa até hoje para a cultura humana de todos os quadrantes, teríamos estremecido de temor e insegurança. Nada disso aconteceu. Talvez a juventude daquele “sim” tenha sido o que nos permitiu o momento e a memória que gravaram indelevelmente nossa vida escolar e, eu ousaria dizer,

a nossa vida pessoal, nossa interioridade e nosso contato mais vivo com a raiz mítica da humanidade, tanto no texto quanto na arte teatral.

Em nova nau dos Argonautas, nos vimos lançadas às águas de um teatro escolar que, indigente, procurava ser o melhor do amadorismo. Assessorada por um casal de experientes profissionais cênicos, o casal de atores gregos Estefano e Xênia Moussouris (ele maquiador, ela atriz), e pela direção cênica de Xênia e Maria Comninos caminhamos entre risos e esforço para a estreia em 31 de outubro de 1963. As seis veteranas dividiram o palco com alunas das turmas do segundo ano. Afinal *Antígona* tem soldados, criadas, coro, muito além dos papéis principais. Numa perfeita inversão do teatro grego clássico, em que mesmo os papéis femininos eram interpretados por homens. Sem sabermos a extensão da festa dionisiaca do teatro, os camarins na noite de estreia viviam a alegria da aventura, os riscos das pretensões, o entusiasmo da exibição, a ansiedade do momento em que a boca se abre em palavras e o coração se fecha em apreensões. Estava criado o TGCEP – Teatro Grego do Colégio Estadual do Paraná.

A arte teatral não entrou em nova fase depois de nossa *Antígona*. Talvez Sófocles, no Hades, tenha se sentido ofendido. Mas, pensando melhor, se ele acreditava, como teorizou Aristóteles, que o teatro cumpria a função catártica de purificação do temor, nós amadurecemos naquela encenação mais do que mil e um testes, mil e uma provocações, mil e uma noites. *Antígona* ensinou a muitos de nós a coragem de defender sua posição, o destemor de enfrentar a injustiça, a força da ação que preserva o respeito aos seres humanos. Essa ética que nenhum sermão consegue introjetar numa pessoa com a força com que o teatro, essa arte coletiva, tão lúdica e fortemente atinge.

Fizemos mais quatro peças depois de *Antígona*: *Édipo Rei* e *Electra*, de Sófocles, *Hipólito Coroado* e *As Troianas*, de Eurípides. Os elencos alteravam-se ao sabor das finalizações de curso, atores masculinos davam novo vigor às apresentações, mas em cada espetáculo (a todo ano mais aperfeiçoados em figurino, cenário, interpretação, direção cênica e pesquisa) renovava-se a força do teatro. Amizades nasciam, interesses amadureciam, carreiras teatrais se desenhavam como horizonte possível. Toda essa jornada épica e ousada Maria Comninos e eu registramos, com detalhes e emoção, em “Teatro e paixão: pequena história de um grupo amador”.

A distância, hoje, me faz refletir sobre essa história curta e densa. Jovens, recém-saídos da adolescência, convivendo durante meses com textos de alta complexidade, vindos de 2.500 anos atrás, numa linguagem que custava horas de consulta ao dicionário (sempre em papel) e explicações fantasiosas (do elenco) e precisas (de Maria Comninos), representaram situações de conflitos internos jamais vivenciados por eles e apenas imaginados. No entanto, viveram a densidade da alma humana e representaram uma parte da história do teatro e do pensamento, numa afirmação do poder e perenidade da dramaturgia grega. Não foram os melhores espetáculos teatrais, mas foram os possíveis e os transformadores.



MARTA MORAIS DA COSTA é graduada em Letras pela UFPR, com mestrado e doutorado em Literatura Brasileira na USP. É professora da UFPR e da PUCPR atuando em temas como formação do leitor, formação de professores, ficção contemporânea, dramaturgia e história do teatro brasileiro. Como ensaísta, publicou *O Teatro de Roberto Gomes* e participou em dezenas de outros, entre eles *Pensar a Leitura: complexidade* e *Décio de Almeida Prado: um homem de teatro*.

O PRESENTE

que os gregos não nos deram

por MANOEL COELHO

A Grécia, nos últimos meses, anda pelo noticiário internacional em função da enorme crise que abala suas estruturas, não sua clássica escola de arquitetura. Problemas resolvidos, voltaremos a lembrar do país pelos grandes legados à humanidade, cujos exemplos mais significativos, por meio de vestígios impressionantes, continuam a sensibilizar e embevecer quem os conhece.

Ano passado, pude conferir *in loco* o que aprendi e absorvi nas aulas do professor David Carneiro, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, e depois por seu filho, o arquiteto Fernando Carneiro, nas aulas do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR.

Dos sítios visitados na Grécia o que mais chama atenção é o conjunto da Acrópole, em que se destaca o Partenon, construído no século V a.C. para homenagear a padroeira da cidade: a deusa Atena.

O Partenon, símbolo político e cultural criado por Péricles e construído pelo arquiteto Fídias, é o grande clássico da arquitetura. Simboliza um conceito de beleza, harmonia, elegância. Em sua construção houve o aperfeiçoamento da perspectiva pela correção das medidas, para garantir ângulos agradáveis de observação, revelando sua racionalidade, ordem, beleza e perfeição. Uma joia da humanidade. É o padrão, a indicar o melhor.



ATHENA ENKELADOS | Museu do Louvre
Fonte Wikimedia Commons

Justamente por isso, seus principais elementos, o frontão triangular e as colunas dóricas, são repetidos pelo mundo em teatros, bibliotecas, edifícios corporativos e residenciais, por pessoas que ignoram seu real significado. Julgam ser a única maneira de conferir dignidade, austeridade e qualidade de arquitetura a uma edificação.

Na minha trajetória profissional tive pelo menos três ocasiões em que poderia ter usado do expediente. Como os conceitos que modeliei pela minha formação acadêmica e pelos exemplos dos grandes mestres que me fazem produzir a arquitetura na sua mais pura definição, recusei a facilidade.

O retrato da época em que uma obra é implantada revela costumes, cultura, materiais e tecnologia construtiva. Nesse clima foram produzidos os projetos da Biblioteca Central do campus da PUCPR, em 1985 e, 20 anos mais tarde, a biblioteca do campus da Universidade Positivo. Os dois edifícios se tornaram os mais importantes das duas universidades.

Há poucos anos projetei o Grande Auditório do Teatro Positivo, homenageando a arena grega de Epidauro, e homenageando o filho de Apolo, cujo culto remonta a seis séculos antes de Cristo. Calçado nas duas principais características daquele teatro, a forma de grande arena e a acústica perfeita, criamos uma obra que se constituiu em mais um importante equipamento cultural para o estado do Paraná. O Grande Auditório do Teatro Positivo foi inaugurado em 2008, com concerto de José Carreras.

O símbolo da cidade de Curitiba, o edifício histórico da Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade, foi construído pelo engenheiro Baeta de Faria, em 1914, segundo os conceitos do ecletismo brasileiro, em que predominavam os elementos neoclássicos, destacando-se a cúpula central, a afirmar a simetria do estilo.

A partir de 1954 o edifício começou a sofrer uma série de modificações. Começou com o bloco da Escola de Engenharia, voltado para a rua XV de Novembro, para depois haver o acréscimo da Escola de Medicina, no lado oposto – outra vez, promovendo a simetria. Finalmente, a cúpula original foi eliminada e substituída por um pórtico central de proporções majestosas, composto por colunatas e frontão, tendo por embasamento imponente escadaria de acesso.

O conjunto adquire expressão austera de linhas clássicas, torna-se referência para os curitibanos e é conhecido como o edifício símbolo de Curitiba. Confesso que acho mais agradável – e mais verdadeiro – o projeto original de Baeta de Faria.

Outra construção que seguiu a linha clássica da arquitetura grega é a sede do Instituto Neo-Pitagórico, o Templo das Musas, inspirado nos Versos de Ouro de Pitágoras, e criado pelo poeta Dario Vellozo. Após sua morte, o Instituto foi dirigido até há pouco tempo por Rosala Garzuze, de quem tive a felicidade de ser aluno de matemática no último ano do 2º grau no Colégio Novo Ateneu.



PARTENON, Atenas - Grécia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba - Paraná

É uma construção despretensiosa, mas voltada a nobres objetivos – o estudo, o desenvolvimento das faculdades superiores do ser, o altruísmo, a cultura, a fraternidade e a paz.

Creio que as duas obras merecem reconhecimento. Revelam objetivos direcionados à promoção humana.

No mais, o que se vê da arquitetura grega por Curitiba são imitações, repetições inconsequentes e aculturadas, utilizadas pela especulação imobiliária, que nada tem a ver com a arquitetura clássica legada à humanidade. Toscas obras criadas por oportunistas e amadores jamais serão presentes conferidos pela verdadeira arquitetura grega.

MANOEL COELHO diplomou-se em Arquitetura e Urbanismo pela UFPR, da qual foi professor titular e coordenador do curso. Recebeu, entre outros, o prêmio pelo conjunto da obra no XV Congresso Brasileiro de Arquitetos Oscar Niemeyer e pelo projeto de sinalização e mobiliário urbano de Curitiba na 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. É autor de diversos livros em sua especialidade.

INSTITUTO NEO-PITAGÓRICO

A VILA ISABEL É O ÚNICO DOS 75 BAIRROS CURITIBANOS QUE OFICIALMENTE É VILA. ENQUANTO O BAIRRO CARIOCA HOMÔNIMO, COMO CANTOU NOEL ROSA, DÁ SAMBA, A VILA ISABEL CURITIBANA, ACIMA DE TUDO, DÁ CULTURA. LÁ, EM MEIO A UMA VORAZ ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA QUE FAZ SURGIR, DE UM MÊS PARA O OUTRO, QUATRO, CINCO NOVOS EDIFÍCIOS, HÁ TAMBÉM UMA INSTITUIÇÃO CULTURAL SEM FINS LUCRATIVOS CONHECIDA EM DIVERSOS PONTOS DO BRASIL E DO MUNDO, E HOJE PRATICAMENTE IGNORADA NA VILA E EM CURITIBA DE MODO GERAL.

MISTÉRIO ENTRE AS COLUNAS GREGAS

por MARCIO RENATO DOS SANTOS | fotos KRAW PENAS

Sim. Um dos mistérios de Curitiba está situado na esquina das ruas Dario Vellozo e Bororós, na Vila Isabel. Ali, no número 460, tanto da rua Dario Vellozo como da Bororós, é a sede do Instituto Neo-Pitagórico. Da calçada quase não se vê, mas ao levantar o pescoço e a ponta dos pés, ou na carroceria de um caminhão, é possível enxergar por cima do muro de quase dois metros de altura a fachada de um templo, dentro do qual foi elaborada parte significativa do imaginário da capital paranaense.



Dario Vellozo (1869-1937) fundou o Instituto Neo-Pitagórico no dia 26 de novembro de 1909 em sua chácara na Vila Isabel, onde hoje funciona a entidade inspirada nos ensinamentos de Pitágoras, que o multidisciplinar Vellozo considerava essenciais para ser e estar no mundo.

Uma pesquisa rápida, via google, faz saber, a partir dos dados disponíveis no wikipedia, que “segundo o pitagorismo, a essência, que é o princípio fundamental que forma todas as coisas, é o número. Assim, Pitágoras e os pitagóricos investigaram as relações matemáticas e descobriram vários fundamentos da física e da matemática.” Daí que o número da sede, na Rua Dario Vellozo e na Bororós, ser 460 não é mero acaso.

O atual presidente da instituição, Anael Pinheiro de Ulhôa Cintra, ao fazer uma síntese do pitagorismo, não fala sobre números, e foca em outras questões. “O objetivo maior da escola de Pitágoras é desenvolver atividades intelectuais e espirituais. O pitagorismo valoriza a fraternidade, a amizade e a ajuda mútua”, diz Cintra. Mais que isso ele não fala – o que aumenta, ainda mais, o mistério a respeito do Instituto Neo-Pitagórico.

Sinais de um outro tempo

Até a década de 1980, o Instituto Neo-Pitagórico exerceu forte influência e estabeleceu pontos de contato com a vida cultural de Curitiba. A afirmação é de Fernando Bini, crítico e professor de História da Arte. Quando era estudante, e também durante a sua atividade acadêmica, Bini frequentou e usufruiu da biblioteca da instituição, ocasiões nas quais pesquisou a respeito da história do Paraná em livros, revistas e periódicos.

No dia 23 de agosto de 1987 um incêndio destruiu o prédio-sede de duzentos metros quadrados, conhecido como Templo das Musas. O batalhão do Corpo de Bombeiros e frequentadores do Instituto Neo-Pitagórico, entre os quais Fernando Bini, correram para a Vila Isabel. Mas o fogo, e mesmo a água, letal para o papel, colocaram um ponto final nos 20 mil títulos. A sede foi reconstruída, com exceção das colunas gregas da fachada, que escaparam da fúria das labaredas. Até hoje a entidade faz a reposição das obras, pelo menos as disponíveis no mercado.

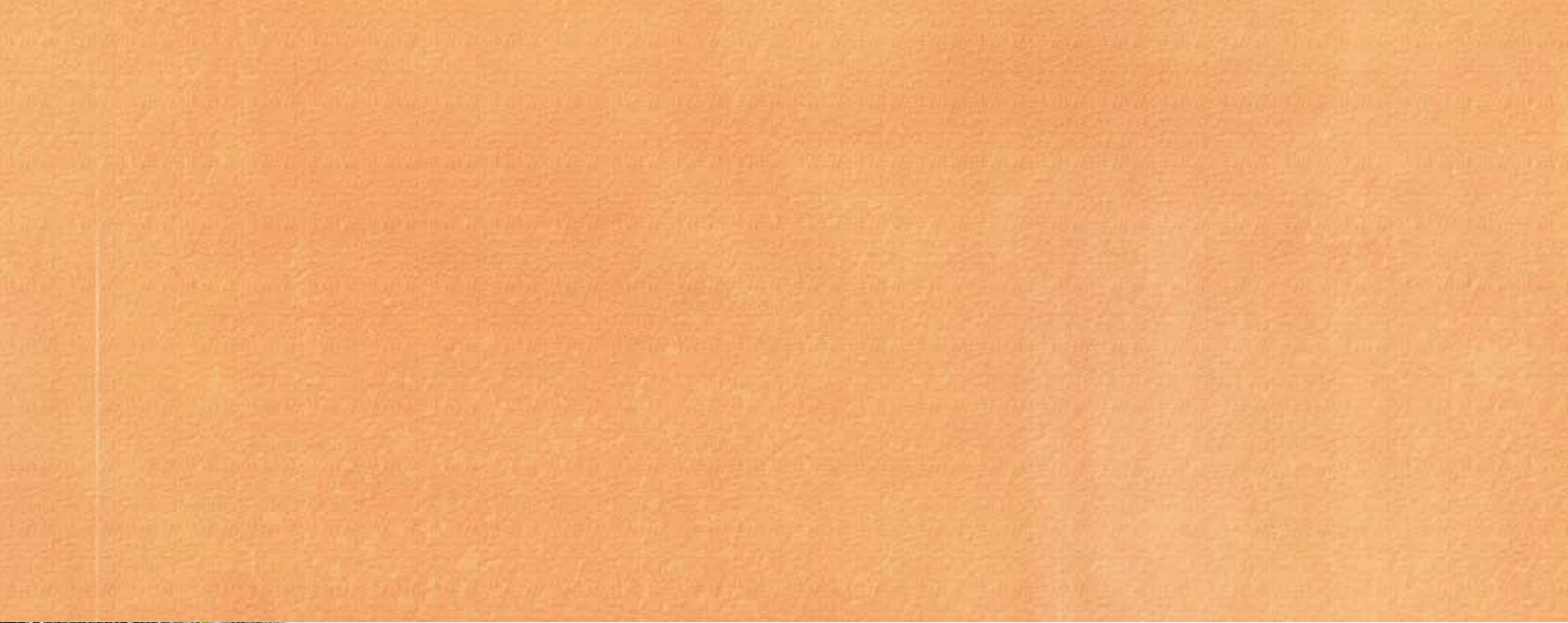
“A presença do Instituto Neo-Pitagórico diminuiu após o incêndio”, observa Bini. E não foi apenas o fogo que, em alguma medida, começou a reduzir o impacto da instituição no tecido social. Há outras variantes. A partir da década de 1990 o mercado editorial brasileiro cresceu, e muito. Hoje, são publicadas, em média, 1,2 mil obras por mês no Brasil. Com a internet, o acesso a conteúdos está tão fácil como pegar um resfriado no inverno curitibano. A cidade de 50 mil habitantes do início do século 20, na qual a biblioteca de Dario Vellozo era dos poucos trampolins para a civilização, foi, aos poucos, reinventada – mas alguns mistérios, entre os quais os neo-pitagóricos, atualmente quase invisíveis, ainda pulsam, apesar da garoa e das quatro estações do ano no mesmo dia.

Outros ecos, da *fronç*, por aqui

Do final do século 19 até a década de 1930, 60 revistas locais circulavam em Curitiba, entre as quais *O Sapo*, *Club Curitybano* e *O Cenáculo*. A maçonaria e o Instituto Neo-Pitagórico, instituições reservadas responsáveis por alguns daqueles periódicos, abriam espaço para uma efervescência cultural que até hoje provoca abalos sísmicos.

Naqueles momentos iniciais da república, era inevitável que os intelectuais flertassem com as ideias-força em ebulição no período, como abolicionismo e anticlericalismo. Simultaneamente, os ventos do *zeitgeist* de então traziam ao Brasil, e ao Paraná, a novidade francesa chamada simbolismo, uma bossa que fazia rimar lirismo com misticismo, intuição com aliteração, uma pitada de pensamento oriental, esoterismo e não pouco mistério.







Dario Vellozo, maçom, neo-pitagórico – ora direis, ouvir estrelas – também foi uma liderança simbolista na capital paranaense, movimento que atraiu outras vozes, como Silveira Neto, Julio Perneta e Antonio Braga. O crítico literário Wilson Martins (1921-2010) costumava dizer que o simbolismo representa a certidão de nascimento da literatura curitibana, pela expressão visceral das obras e porque pela primeira vez autores locais obtinham repercussão para além da Rua XV e do rio Belém. Emiliano Perneta, coroado “Príncipe dos Poetas” na Ilha da Ilusão, dentro do Passeio Público, também recebeu acenos e afagos em âmbito nacional.

Oculto e Familiar

Fazer com que o legado de Dario Vellozo, incluindo o viés simbolista, tenha visibilidade diz respeito às missões do Instituto Neo-Pitagórico, que já reeditou títulos do autor. Os cursos por correspondência criados por Vellozo, sobre pitagorismo, história das religiões e ocultismo, também figuram entre as atribuições da entidade que, no primeiro domingo de cada mês, realiza encontros nos quais acontecem, entre outras verbalizações, homenagens a nomes da cultura paranaense, de Emiliano Perneta a Helena Kolody.

O atual presidente, Anael Pinheiro de Ulhôa Cintra, diz que, em tese, qualquer pessoa pode se tornar um integrante do Instituto Neo-Pitagórico, hoje com 150 membros. Mas, na realidade, o candidato a neo-pitagórico tem de ter interesse e disposição para estudar, o que implica em tempo livre, raridade disputada por audiovisuais, raves e outros ruídos. Mas o que se evidencia é que a instituição atrai familiares dos fundadores. Rosala Garzuze presidiu a entidade de 1937 a 2009, ano em que faleceu – ele foi casado com Carmen, uma das filhas de Vellozo, o primeiro presidente. Anael Pinheiro de Ulhôa Cintra, hoje com 35 anos, é neto de Garzuze.

Curioso, diferente, interessante

A escritora Liamir Santos Hauer, de 88 anos, conhece o Instituto Neo-Pitagórico desde quando brincava de boneca. Os seus pais, Dario Nogueira dos Santos e Pompília Lopes dos Santos, se casaram na instituição, em 1918. A curiosidade intelectual, o hábito de escrever e outras afinidades aproximaram o pai de Liamir e Dario Vellozo, e a futura autora, ainda menina, subia em árvores e corria sem parar pela área verde daquele templo do saber. “O Dario Vellozo conquistava a todos com o seu entusiasmo pelo saber e pela civilização grega. Para ele, tudo era simbologia”, diz a autora de cinco livros escritos, quatro publicados, entre os quais *O Circo Pegou Fogo*.

Liamir traz na memória lembranças narradas pelos pais a respeito de um dos eventos promovidos pelo Instituto Neo-Pitagórico: a Festa da Primavera, que teve a sua primeira edição dia 22 de outubro de 1911. “Era um acontecimento em Curitiba”, diz a escritora. O evento era uma homenagem à natureza que se materializava por meio de jogos olímpicos, declamações de poemas e desfiles. Carros seguiam pela Rua XV, da Praça Osório a Santos Andrade, com direito a mulheres vestidas de musas e distribuição de flores.

Hoje a Grande Curitiba abriga três milhões de habitantes. No entorno do Instituto Neo-Pitagórico, quase ninguém sabe que ali foi um polo influente e irradiador de cultura. Os neo-pitagóricos foram, e ainda são, responsáveis por Curitiba ter se tornado cosmopolita, e a influência pode ser percebida dos saraus noturnos, realizados em porões do centro histórico, a uma dicção sofisticada da prosa contemporânea, evidente nos livros de Luci Collin e Assionara Souza. “O que mais chama a atenção é o fato das pessoas não terem curiosidade em saber o que é e o que acontece dentro do Instituto Neo-Pitagórico”, diz, em tom de exclamação, José Carlos Fernandes, jornalista que produziu dezenas de matérias sobre a instituição para a *Gazeta do Povo*, onde escreve crônicas e editoriais.



Fernando Bini analisa que essa apatia em relação à entidade diz muito sobre Curitiba. “A falta de interesse, que pode ser no fundo timidez em excesso, é uma marca de nossa comunidade”, afirma. O crítico de arte acredita que o Instituto Neo-Pitagórico poderia ter mais influência se abrisse as suas portas, inclusive para turistas. Já Anael Pinheiro de Ulhôa Cintra, homem de poucas palavras, dá a entender que a instituição deve seguir como vem sendo conduzida há mais de cem anos: na toada da discrição.

O muro da sede, na Rua Bororós, está pichado com sinais incompreensíveis. Quem fez a interferência no muro talvez não saiba, mas, inconscientemente, dialogou com o ideário daquele espaço no qual simbologia e mistério são régua e compasso.

MARCIO RENATO DOS SANTOS é formado em Jornalismo na PUCPR, mestre em Estudos Literários pela UFPR, autor do livro de contos Minda-Au (Record), co-autor com José Carlos Fernandes de Todo dia nunca é igual – obra sobre os 90 anos do jornal Gazeta do Povo. Trabalhou na Imprensa Oficial do Paraná de 2000 a 2002, na Travessa dos Editores entre 2003 e 2007, e na Gazeta do Povo de 2007 a 2011. Mantém o blog literário minda-au.blogspot.com. Desde junho de 2011, atua na Assessoria de Comunicação do Museu Oscar Niemeyer.







grandes mulheres e um

BIGOD

por CLÁUDIO LACERDA

HÁ 50 ANOS, A POPULAÇÃO DE CURITIBA NÃO CHEGAVA A 400 MIL ALMAS, NA MAIORIA MANSAS E PACÍFICAS. OS APARELHOS DE TELEVISÃO, QUE AINDA ENGATINHAVA, ERAM MUITO CAROS E, PORTANTO, FORA DO ALCANCE DA MAIORIA. O ENTRETENIMENTO MAIS POPULAR ERA O CINEMA, COM MUITAS SALAS CONCENTRADAS NO CENTRO DA CIDADE. NAS IMENSAS FILAS QUE SE FORMAVAM NOS FINS DE SEMANA, NASCIAM ROMANCES, TROCA DE GIBIS E PNEUMONIAS NO INVERNO QUE PARECIA NÃO TER FIM.



O máximo que a sempre alerta censura consentia eram os fugazes nus femininos dos filmes franceses, que incendiavam os corações e mentes dos maiores de 18 anos na tela do Cine Marabá, na Mateus Leme, rua que sempre teve vocação para o *bas fond*. Assim, foi com amplo e irrestrito escândalo que, no mês de setembro daquele remoto ano de 1961, o espectador curitibano se viu diante de *Nunca aos Domingos*, um filme grego que celebrava a liberdade em todos os sentidos, principalmente o sexual. Um norte-americano, com veleidades filosóficas, chega a Atenas para estudar as causas da decadência daquela civilização, que vê personificada numa radiante prostituta local, Ilya. Na tentativa de resgatá-la, afasta-a do ofício e entulha o apartamento dela de livros. Descobrimo que no fundo ele também só queria sexo, ela volta aos fregueses, aos banhos de mar, à dança e à felicidade que parecia perdida. Nunca mais conseguimos esquecer da grande e sensual Melina Mercouri, que há meio século fez Ilya sacudir, com a força de um tsunami, os austeros usos e costumes curitibanos.

Depois de uma ausência de dois anos, o cinema grego voltou a visitar Curitiba, desta vez pela porta dos fundos. Lançado sem publicidade nenhuma no Cine Ópera, *Electra, a Vingadora*, dirigido por Michael Cacoyannis, ficou apenas um dia em cartaz, tendo sido assistido por somente cinco espectadores. Em sua coluna do jornal O Estado do Paraná, Aramis Millarch, responsável pela manutenção em cartaz de vários filmes de qualidade condenados ao mesmo fim de *Electra*, fez um relato precioso da relevância do filme. O jornalista e poeta Maury Furtado, da sucursal do jornal Última Hora, assumiu a defesa da causa com tanto fervor que não restou aos exibidores outra alternativa senão repor o filme em cartaz. Desta feita, com grande sucesso de bilheteria, embora o grosso dos espectadores não tenha entendido nada desse texto escrito antes de Cristo. O que calou fundo em todos foi mesmo a extraordinária beleza de Irene Papas, a *Electra*, pois a única tragédia com que o curitibano estava familiarizado era a paixão de Cristo, todo santo ano encenada pelo Circo Irmãos Queirolo.

Mas uma minoria, na qual me incluo, tirou de letra o filme. Estou me referindo aos então alunos do curso Clássico do Colégio Estadual do Paraná. Tivemos por professor um tipo que, além de espalhafatoso, gordo e sadio como um touro charolês, conhecia as tragédias gregas de cor e salteado. Só que não ficava nisso. A pedidos ou não, ele as representava com grande fidelidade, realismo e farta distribuição de perdigotos sobre nossas cabeças. Interpretava todos os papéis, imprimindo voz de falsete quando o personagem era feminino. *Édipo Rei* constituía a obra-prima do repertório dele. No final apoteótico, ele fechava cerradamente os olhos para simular cegueira e passava entre as carteiras chutando, com os sapatos Passo Doble, tudo o que encontrasse pela frente. Eventuais escoriações e até fraturas que os alunos mais desavisados sofreram foram relevadas, porque tínhamos plena consciência de estar diante do maior espetáculo da Terra.

O cinema grego continuou marcando presença, ainda que lá de vez em quando, nas telas dos cinemas curitibanos. O maior sucesso comercial foi, de longe, *Zorba, o Grego*, outra celebração da vida. Pena que o diretor Cacoyannis tenha condenado a viúva interpretada por Irene Papas a morrer apunhalada. Ele a ressuscitou em *As Troianas*, contracenando com nada mais e nada menos que Katherine Hepburn e Vanessa Redgrave. Nos anos mais recentes, chegaram até nós alguns filmes dirigidos pelo genial Theodoros Angelopoulos, entre eles *Paisagem na Neblina* e *Um Olhar a Cada Dia*.

Melina Mercouri e Irene Papas se transformaram em consagradas estrelas internacionais. Quando a Grécia voltou à democracia, Melina foi nomeada ministra da Cultura. Morreu em 1994. A última vez que vi Irene Papas foi em 1985, no ótimo filme *Um Romance muito Perigoso*. Ela fazia a feroz matrona que chefiava uma quadrilha de contrabandistas iranianos. Por obra e desgraça de uma overdose de reposição hormonal, falava grosso e até bigode tinha.



CLÁUDIO LACERDA, nasceu em Jaguariaíva. Espectador de praticamente todos os filmes que lançados nos cinemas curitibanos a partir dos anos 50, sua memória privilegiada socorreu incontáveis jornalistas premidos pelo horário de fechamento do jornal. Tem catalogado, por data e sala de exibição, todos os filmes a que assistiu, antes de passar a vê-los em DVD.

OLIMPO

ensaio por KRAW PENAS

O PARANÁ FOI O DESTINO FINAL DA MÍTICA VIAGEM
EM DIREÇÃO AO OCIDENTE PARA MILHARES
DE IMIGRANTES GREGOS. MAS A GRÉCIA PERMANECE
NO IMAGINÁRIO DOS PERSONAGENS DESTA ODISSEIA.
A LÍNGUA É NOSSA, OS COSTUMES VÊM DA GRÉCIA.
KRAW PENAS CAPTOU DETALHES.



CURTIBAN





KRAW PENAS começou a seguir a carreira do pai, fotógrafo, aos 18 anos. Trabalhou no Jornal Indústria & Comércio e na Folha de Londrina. Tem trabalhos publicados na Folha de S. Paulo, Estado de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, Isto É, Veja, entre outros. Já cobriu eventos como o Festival de Teatro de Curitiba, Crystal Fashion e Brasil Open de Tênis. É repórter fotográfico da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná.



Música em movimento

VIAGEM MUSICAL NA COMPANHIA DE HELENA

por LUIZ CLAUDIO OLIVEIRA



A Bela Melusina | Ernesto Nazareth

*“A sensibilidade do poeta é como a da harpa
eólica que os gregos penduravam nas árvores,
e que vibrava com o menor sopro de vento.”*

Helena Kolody

Unir Grécia Antiga e Helena Kolody através da música que viaja é a missão que me dão para este artigo. Depois de dias de angústia a refletir sobre a complexidade da tarefa e as armadilhas em trilhar este caminho de 30 séculos, me convenci que a missão é impossível. Isso me relaxou. Me libertou para também viajar. O que vocês lerão a seguir é uma viagem por entre nomes, datas, músicas e textos. E também por encontros em encruzilhadas. Tudo unido, como ensinou Goethe, por “afinidades eletivas”. Quase um sonho, como já descreveu a Helena de Curitiba:

Sonhar é transportar-se em asa ouro e aço / Aos páramos azuis da luz e da harmonia; / É ambicionar o céu; é dominar o espaço / Num vôo poderoso e audaz da fantasia.

Ou poderia resumir tudo na música “Mulheres de Atenas”, de Chico Buarque, em que ele canta: “Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas, Helenas”.

Citei Goethe e lembrei de um trecho da novela “A Nova Melusina”, em que a uma certa altura o personagem compara o casamento à música, para ele “a coisa mais odiosa desse mundo”. E desanca os músicos das orquestras que, a pretexto de se harmonizarem, afinam os instrumentos produzindo sons dissonantes insuportáveis. É uma comparação do casamento à falta de harmonia sonora. Desabafa que, se já não gosta da música harmônica, odeia a

dissonante. Curiosamente, o livro foi transposto para o teatro e Mendelssohn escreveu uma abertura de concerto para a peça, em 1833. Coincidência ou não, em 1888, no Brasil, Ernesto Nazareth escreveu uma polca-maxixe chamada “A Bela Melusina”. **E A MÚSICA VIAJA.**

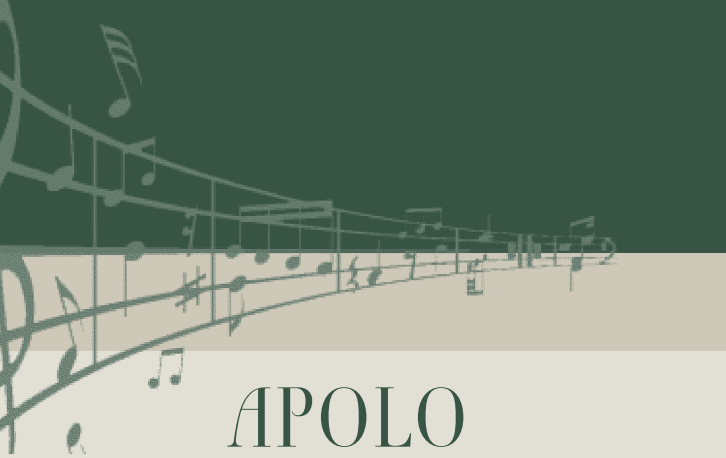
A referência de Goethe à música é bem-humorada e vem de um escritor maduro. O livro é de 1817, quando o autor de “Werther” já estava com 68 anos (o alemão foi um longo vivo, viveu até os 83) e já havia escrito as duas partes de “Fausto” (alguém mais aí pensou em música erudita influenciada por “Fausto”? E na procura de Fausto por Helena de Troia, que remete à “Ilíada”?).

Nesta minha viagem de pesquisa literária-musical com ajuda de memória, sentimentos, livros e do “São Google”, me deparei na internet com algumas frases e aforismos que provam o amor de Goethe à música. Cito dois: “arquitetura é música petrificada” e “a cor é a música dos olhos”.

Por minha conta e risco costumo dizer que a música é a poesia da matemática, o que nos remete a Pitágoras, o grande matemático grego que primeiro desenvolveu a teoria musical baseada em proporções matemáticas. Pitágoras também foi um longo vivo, como Goethe, viveu mais de 70 anos entre os anos 500 e 400 antes de Cristo. E com ele chegamos à Grécia Antiga. **E A MÚSICA VIAJA.**



HÜBNER, Julius. Formosa Melusina
1844. Fonte | Wikimedia Commons.



APOLO

No princípio, era o verbo contido em “Íliada” e “Odisseia”, as duas obras de Homero (século IX a.C.), pilares da literatura grega e, portanto, da literatura ocidental. A “Íliada” relata episódios do último ano da Guerra de Troia – que começou para que os espartanos pudessem recuperar Helena, rainha de Esparta e a mulher mais bela do mundo, que havia abandonado Menelau e fugido com Páris para Troia. Homero não conta a história da guerra, mas sua conclusão e a disputa entre Aquiles e Agamenon. Em “Odisseia”, relata a busca e o retorno de Odisseu (ou Ulisses, o cara que bolou o cavalo de Troia e acabou com a guerra). São livros que contam histórias de viagens.

Citado nos dois livros está Apolo, o deus da música, a tocar lira para os imortais. Também é reconhecido como o deus da beleza, da perfeição e outras qualidades que não são para quaisquer mortais. Ele poderia elevar uma alma à luz da razão e da verdade através da música. Casou com a musa Calíope, deusa da poesia épica e tiveram um filhinho chamado Orfeu, poeta e músico mais talentoso que já viveu na mitologia grega. Há o contraponto feminino de Apolo, que seria a musa Euterpe, deusa da música e da poesia lírica.

Pesquisando para este artigo, encontrei na internet o primeiro Hino ao Apolo Delfico, registrado a partir de uma inscrição no santuário de Delfos, supostamente criado por Apolo. A música é datada de 138 a.C. e é uma das mais antigas partituras conhecidas no Ocidente. Ouvi-a e imediatamente viajei até a Idade Média.

Há pouco tempo, comprei um disco em MP3 com uma coletânea de músicas de Cruzadas. A melodia simples de quatro estrofes do hino delfico me remeteu a algumas das músicas simples que os cruzados entoavam enquanto viajavam pelo mundo para pôr Deus na cabeça dos pagãos – nem que para isso tivessem de, literalmente, abrir-lhes a cabeça para de lá tirar os Apolos ou outros deuses que ainda restavam. E A MÚSICA VIAJA.

O IMPÉRIO ROMANO

Os cruzados nos remetem a outro império: Roma. Não a Roma antiga, mas a Roma religiosa, do centro do poder da Igreja Católica, que inventou os cruzados com seus cantos e suas espadas. O Sacro Império Romano propiciou importantes estudos e avanços à música, tudo, é claro, em benefício da Igreja.

Na virada do primeiro milênio depois de Cristo, o padre italiano Guido D’Arezzo (992-1050) aprimorou os estudos de Pitágoras e usando as sete primeiras sílabas de uma oração para a cura da rouquidão e outros males da garganta, criou a escala de sete notas que conhecemos até hoje como dó, ré, mi, fá, sol, lá e si. Para completar, criou também o pentagrama (pauta musical, o conjunto de cinco linhas paralelas e quatro espaços, sobre a qual se inserem as notas). Com a escrita musical, abriu as portas da imaginação. E A MÚSICA VIAJA.





A partir daí, a música desenvolveu-se em uma sucessão de períodos. Na Idade Média, com seus papas e cavaleiros cruzados, o canto religioso predominou e sem dar espaço aos instrumentos. Na igreja, raramente se usavam instrumentos musicais além da voz. Apenas na transposição para o período conhecido como Renascença, no século XV houve um crescimento, ainda que tímido, da música profana e com ele o aflorar dos instrumentos musicais. Desenvolveram-se as técnicas do contraponto e da harmonização e a partir do século seguinte foi criada a impressão musical, que permitiu a maior difusão das composições.

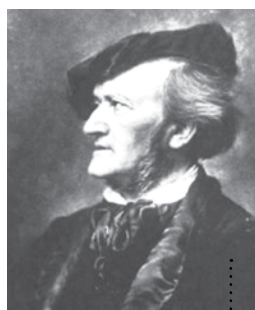
No surgimento do protestantismo, o latim deixou de dominar os cantos e a música ganhou de vez as ruas. Vem o período da colonização e o encontro com outras culturas que ajudariam a moldar a música universal. Saindo do latim e ganhando as línguas dos povos, houve uma aproximação com a literatura e surge a ópera, no período barroco.

Em seu instrutivo livro, “Música Maestro – do canto gregoriano ao sintetizador”, Julio Medaglia nos conta que no século XVIII surge na Inglaterra a “ballad opera”, uma ópera cômica, que parodiava os grandes textos italianos, trocando figuras heroicas por figuras populares. A mais conhecida é a “Ópera dos Mendigos”, de John Gay (libreto) e Johann Pepusch. Ela teve várias versões e uma de suas releituras é a “Ópera dos três vinténs”, de Kurt Weill e Bertold Brecht que, por sua vez, viria a ser transformada por Chico Buarque na “Ópera do malandro”. **E A MÚSICA VIAJA.**

A música instrumental ganha importância com composições para balé e incidentais para teatro com o consequente aperfeiçoamento de instrumentos. Com o amadurecimento instrumental, surge em meados do século XVIII uma figura que dominaria o cenário nos séculos seguintes, o maestro. A própria orquestra passa a ser um instrumento. **E A MÚSICA VIAJA.**

ROMANTISMO

Com o maestro, as orquestras crescem e vem a música sinfônica. E eis que estamos novamente nos tempos de Goethe, de sua implicância bem-humorada com a música e com o casamento. É o período pré-romântico. A emoção aflora e se exacerba. São tempos de Beethoven, do desenvolvimento da ópera e, com ela, Richard Wagner. Ele viveu para a ópera e a ópera viveu nele.



Richard Wagner

A música viaja e o som une as pessoas. Quando Wagner passava por dificuldades financeiras foi auxiliado pelo “brasileiro” D. Pedro II que não só o ajudou a concluir a peça “Tristão e Isolda”, como também deu apoio para que ele construísse seu famoso teatro de ópera, em Bayreuth.

Wagner também inspirou Friedrich Nietzsche a escrever “A Origem da Tragédia – proveniente do espírito da música”, em 1871, aos 27 anos – mesma idade da morte de grandes músicos do rock’n’roll. Neste livro, o filósofo retoma e repensa o espírito grego clássico. Contrapõe Apolo e Dionísio e reclama uma maior atenção ao segundo. Cita Goethe e abre o livro com um prólogo para Richard Wagner. É influenciado por uma tristeza romântica, uma melancolia, um certo pessimismo que ele mesmo contrapõe em uma autocrítica escrita para abrir uma reedição do livro, 15 anos depois.



Na introdução, de 1886, Nietzsche afirma que o livro é uma “obra da mocidade, plena de coragem e melancolia juvenis”. Cita o “Sturm und Drang” (tempestade e ímpeto), movimento dos pré-românticos alemães, e termina com a seguinte sentença: “Santificai o riso, homens superiores, aprendei a rir! Assim falava Zaratustra!” Uma referência ao livro “Assim falou Zaratustra”, que ele mesmo escrevera dois anos antes e que inspirou o poema sinfônico de mesmo nome composto por Richard Strauss. A composição de Strauss, por sua vez, foi utilizada pelo diretor de cinema Stanley Kubrick no filme “2001 -- Uma odisseia no espaço”. Odisseia em 2001? Cinema? Strauss? Nietzsche? Apolíneos e dionisíacos? **E A MÚSICA VIAJA.**

O SÉCULO XX

No pós-Nietzsche e no pós-romântico chegamos prontos e cheios de dúvidas ao século XX. Uma virada de século repleta de transformações. A indústria está cada vez mais forte e influente. As artes vão e vêm do apolíneo ao dionisíaco, e a música dos cabarés é tocada cada vez mais alto. As colônias europeias nas Américas deixam de ser colônias e exportam seus próprios produtos industriais e culturais.

A imensa população negra que fez a viagem forçada e violenta da África para as Américas está no centro desta revolução cultural. Pelas mãos e corações dos negros, em seu encontro com a cultura vinda da Europa e adaptada em novas terras, surgiram o blues, o ragtime, o jazz e o rock na América do Norte. O mambo, salsa, rumba, e outros ritmos caribenhos. O maxixe, samba, choro, frevo, maracatu e outros ritmos no Brasil.

Na música dita erudita Eric Satie e Schoenberg – que também compunham para cabarés – bagunçavam o coreto operístico. Em uma de suas primeiras composições atonais – que ele preferia que chamassem “pantonais” –, Schoenberg musicou um poema de Stefan George cujos primeiros versos pareciam resumir o espírito daquele início de século: “Eu sinto o ar de outros planetas / Soprando até mim através da escuridão das faces”.

Quase no mesmo período, Irvin Berlin estava compondo aquele que seria o primeiro grande hit musical globalizado – afinal, começamos a falar do trabalho da grande e poderosa indústria musical americana. A música era “Alexander’s Ragtime Band”, que rodou o mundo ainda antes que o rádio e o cinema fossem os grandes veículos de transmissão musical.

“Alexander’s Ragtime Band”, 27 anos depois de surgir como canção, foi transformada em filme com o mesmo nome – no Brasil traduzido para “A epopeia do jazz”. Com roteiro escrito pelo próprio Berlin, teve direção de Henry King e no elenco estavam Tyrone Power e Alice Faye.

O ragtime, assim como o blues e suas encruzilhadas musicais, são antecessores e influenciadores do jazz e também do rock and roll. As novas formas musicais surgiam junto com os novos métodos de gravação e fabricação de discos e aparelhos para reproduzi-los. O que conhecemos hoje como mídia se desenvolvia com a chegada do rádio, do cinema, da televisão e, finalmente, da internet. **E A MÚSICA VIAJA.**



NA ESTRADA

A cultura, desde sempre, se nutre e desenvolve no encontro com novos mundos, diferentes costumes, sejam eles reais ou imaginários. Na Grécia, os aedos cantavam as aventuras e desventuras das viagens de Odisseu (ou Ulisses) e toda a turma. A música continua a viajar nas guerras, festas e religiões – lembra dos cruzados levando sua fé e sua música pelo mundo conhecido? A música descobre novos mundos. A cultura viaja à força e com violência no cantar dos escravos. A música dança nas estradas junto com os ciganos e é queimada viva nos fornos da demência e da intolerância.

Mas a música revive das cinzas e se transforma junto com os novos tempos. Os tempos modernos chegaram. Os mundos se cruzam e se influenciam mutuamente. A indústria transforma a cultura desde os tempos de Schopenhauer e Nietzsche. Agora, as novas mídias e a tecnologia a esculpem.

Teria Elvis Presley sido o mesmo se cantasse apenas em tavernas e não no rádio, cinema e televisão? A música “Born To Be Wild” seria ouvida da mesma maneira sem as imagens dos motoqueiros Peter Fonda e Denis Hopper no filme “Easy Riders”? As viagens podem ser em grandes distâncias, mas também podem ser interiores. O que seria do filme “Paris - Texas”, do alemão Wim Wenders, sem a música do americano Ry Cooder? O filme é um exemplo de viagem exterior e interior ao mesmo tempo. Ry Cooder, 15 anos depois, em 1994, seria o responsável pela pesquisa que entregou ao mundo a música cubana do Buena Vista Social Club, em filme também dirigido por Wenders.

A música grega depois de Apolo e Dionísio teve raros destaques. Um deles foi Vangelis na bela trilha sonora de “Blade Runner – O caçador de androides” (1982), de Ridley Scott. Porém o fenômeno replicante se deu mesmo com a chegada da internet. Seria ela o corifeu ultramoderno, um aedo que tudo sabe e tudo canta? Para alguns seria o próprio Caronte a conduzir a indústria musical ao encontro com Hades.

E A MÚSICA VIAJA. Mas hoje viaja em gigabytes que permitem que uma banda de Curitiba, com um vídeo recém-lançado, seja vista 5 milhões de vezes no YouTube, em menos de um semana. E tudo o que foi citado neste artigo pode ser acessado de seu computador gratuitamente – nem sempre legalmente. O que Helena e os helênicos diriam disso?



● LUIZ CLAUDIO OLIVEIRA é editor de capa do jornal Gazeta do Povo. Colunista, assina semanalmente a coluna Acordes Locais, especializada em música local, no Caderno G do jornal e mantém o blog Sobretudo (www.gazetadopovo.com.br/blog/sobretudo), também na Gazeta. É jornalista e escritor, publica escritos literários no blog Punkpoemas (punkpoemas.blogspot.com) e é autor do livro Dalton Trevisan (en) contra o Paranismo (2009 - Travessa dos Editores).



Fotos | TÂNIA BUCHMANN

Praça da Grécia

ou a verdadeira tragédia grega

por CARLOS ALBERTO PESSÔA

Fui à praça da Grécia, no Jardim das Américas, que não é um jardim, é um bairro, imenso bairro à esquerda das Torres no sentido do Aeroporto.

Fui à praça da Grécia com a secreta esperança de lá dar de cara com vestígios da grande terra, solar, da terra mãe da claridade, da festa, da alegria, da terra das grandes feras filosóficas, trágicas, cômicas, dramáticas, poéticas, políticas, guerreiras, festeiras, de banquetes, das altas viadagens. Oh!

E na praça da Grécia não encontrei sequer uma praça, uma pequena praça, uma modesta praça perdida num perdido bairro da nossa mui amada Curitiba, **província, cárcere, lar.**

Não; no jardim das Américas que não é um jardim há uma praça, a praça da Grécia, que não é uma praça, é triangular *playground* com o inevitável campo de pelada cercado de arame (farpado?) por todos os lados. Playground decorado com dois eucaliptos e oito pinheiros entre os distintos cavalheiros Edmundo Angely e professor João Kochaki - *Nesta rua Lopes Chaves / envelheço, e envergonhado / nem sei quem foi Lopes Chaves. // Mamãe! me dá essa lua, / ser esquecido e ignorado / Como esses nomes da rua.*

E da praça que não é praça no jardim que não é jardim.

● CARLOS ALBERTO PESSÔA, nascido em Irati, PR, é jornalista, escritor e, motivo de orgulho, andorilho urbano. Tentou ser cineasta, mas, como diz "a sétima musa não queria nada comigo". Escreveu sobre o futebol e seus personagens, entre eles, O Sábio de Chuteiras, sobre Adolfo Millmann, o Russo. Seu livro Modos e Modas (Travessa dos Editores), retratando Curitiba, já é um clássico.

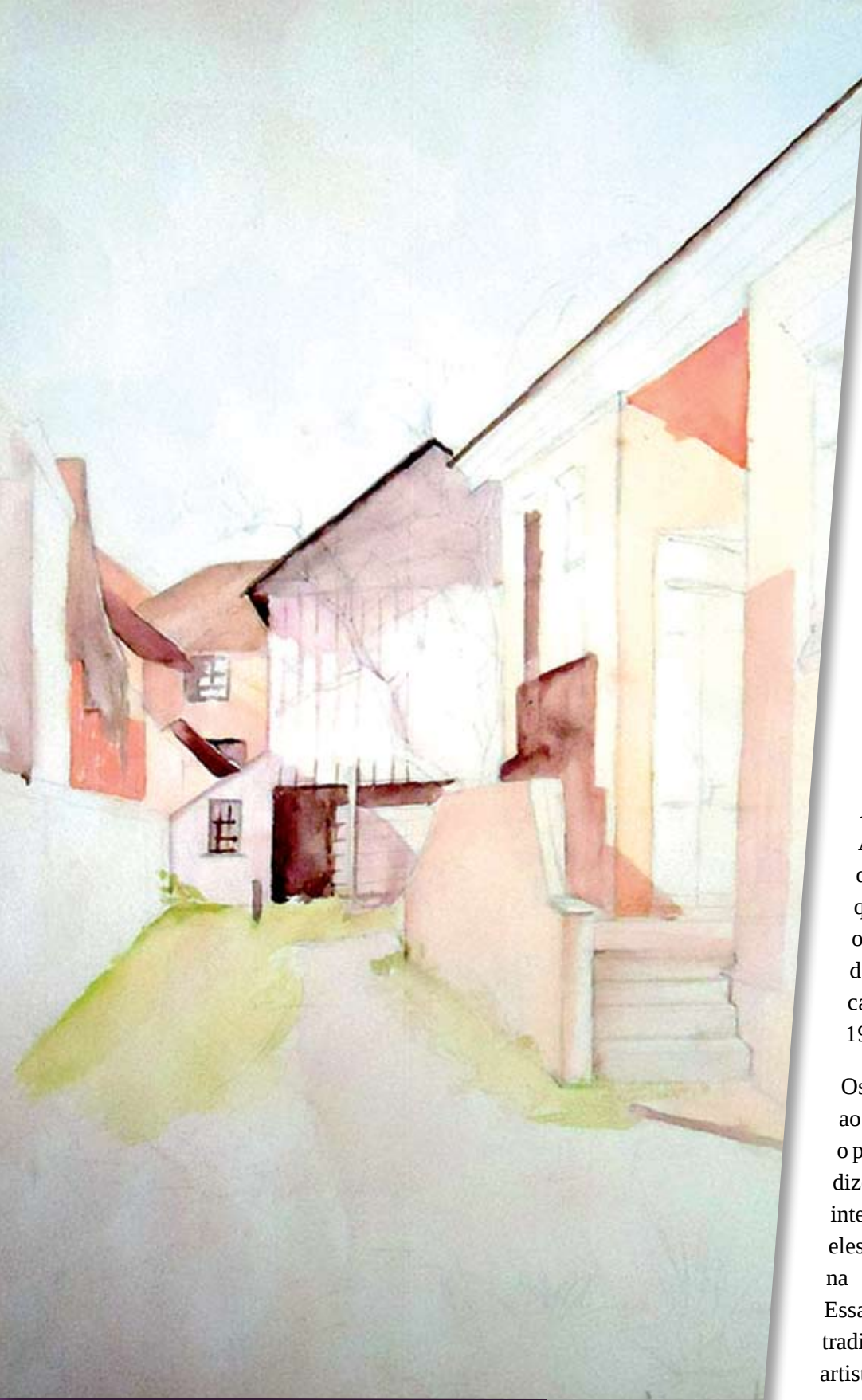


O PARANÁ QUE O PARANÁ PINTAVA

por RICARDO FREIRE

“Pintou estrelas no mura e teve o céu ao alcance das mãos.”
Assim expressou, em palavras, a magia que a arte pode
viabilizar ao artista e ao observador, a poetisa Helena Kolody.
Ela própria em seu apartamento elogiava uma paisagem que
lhe fora presenteada por Guido Viaro, talvez nessa paragem
curitibana ela se recordasse de sua saga, aquela que encetara
desde “os vikings navegantes”, até ancorar no “coração
planaltino” de Curitiba, seu amor.

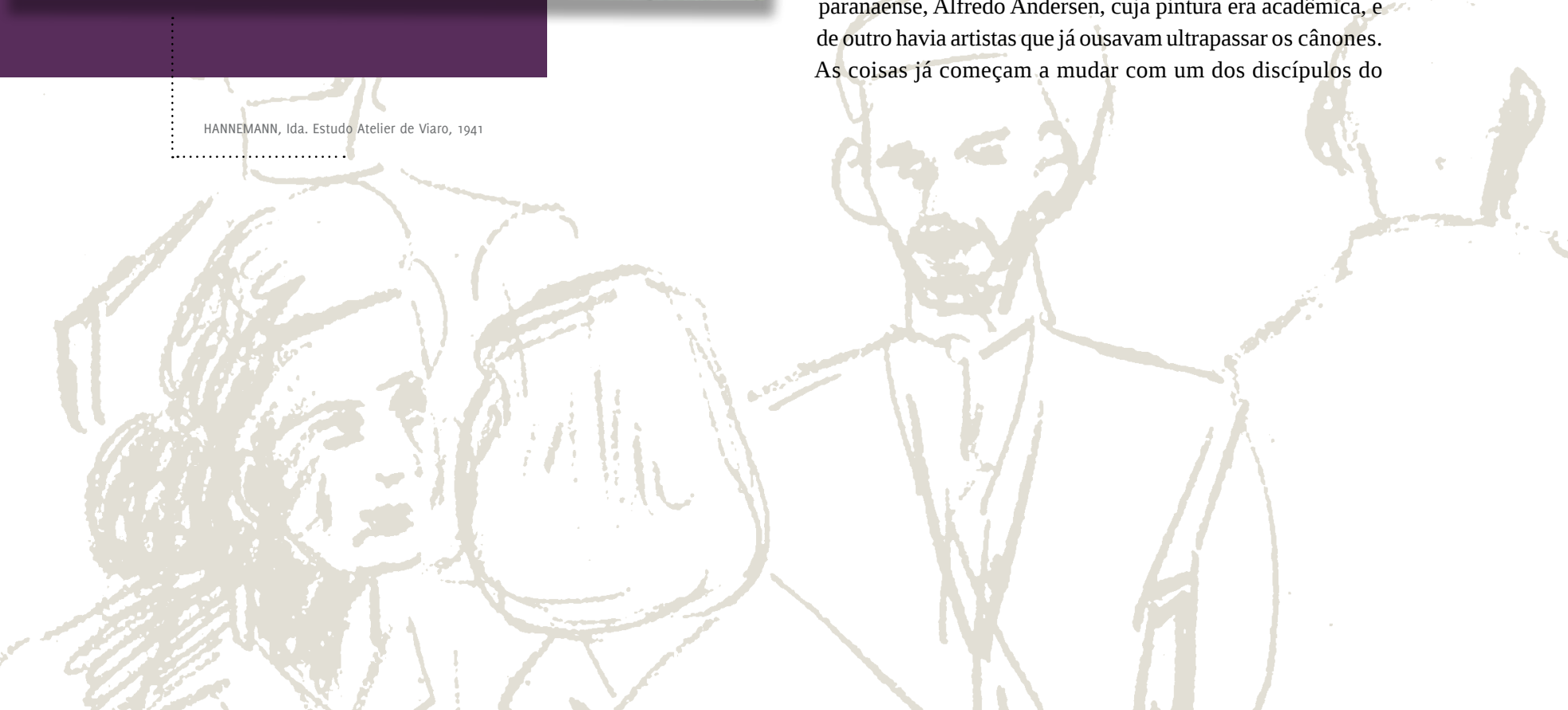
Em 1941, *Paisagem Interior*, o primeiro livro de poemas de Helena
é lançado. O título diz respeito à vida interior, à complexidade do
ser revelada, no caso dos poetas, através das palavras e, no caso
dos artistas plásticos, por meio de suas obras, pois se a caligrafia já
revela os escaninhos da alma, a pintura então entrega um retrato fiel
do pintor.



HANNEMANN, Ida. Estudo Atelier de Viaro, 1941

As “paisagens interiores” dos artistas paranaenses, aliás, nesse começo de década começavam a receber os ventos da mudança. No ano anterior Miguel Bakun retornara de vez a Curitiba, após mais uma aventura no Rio de Janeiro; é nesse começo de década que o “homem sem rumo” descobrirá e revelará maravilhado, perante o silêncio e riso dissimulado dos colegas, que o azul com o amarelo resultava no verde. Transcorreria algum tempo, ainda, para que o artista sofresse o enxovalho da crítica e para que seu cálice transbordasse, enfim, de tantas chacotas. O jovem Erbo Stenzel estava no Rio de Janeiro, em seu penúltimo ano de estudos na Escola Nacional de Belas Artes, onde estudava escultura desde 1939 e onde outro conterrâneo seu dava aula, Zaco Paraná. Ainda não havia no Estado uma academia de arte, Alfredo Andersen, na verdade, morrera esperando que uma escola do gênero fosse construída. Aqueles que queriam estudar e tinham condições iam à Europa ou, se demonstravam grande talento, ganhavam bolsa do Estado para estudar na capital do país, como fora o caso de Stenzel e como aconteceria, no ano seguinte, 1942, com Poty Lazzarotto.

Os ventos da semana de 1922 ainda não haviam chegado ao Paraná. Em carta de João Turin a Erbo Stenzel, de 1942, o pai da escultura aconselha seu pupilo ao estudo e arremata dizendo que a palavra “moderno” estava arruinando gerações inteiras de jovens talentosos, pois ao buscar a modernidade eles acabavam buscando algo que estava fora deles, quando, na verdade, tinham que buscar dentro de si mesmos. Essa é justamente a década em que a discussão sobre o tradicional e o moderno entrará na pauta de discussões dos artistas. De um lado havia os discípulos do pai da pintura paranaense, Alfredo Andersen, cuja pintura era acadêmica, e de outro havia artistas que já ousavam ultrapassar os cânones. As coisas já começam a mudar com um dos discípulos do



HANNEMANN, Ida. Atelier de Viaro, 1941



mestre, Theodoro De Bona, que ao regressar de Veneza, realiza uma exposição, em 1938, de sua produção na Itália, causando grande impressão nos artistas pelos novos ares que trazia. A mudança começa, entretanto, a se fazer sentir com a presença de duas personalidades marcantes: Guido Viaro e Poty Lazzarotto.

Desde 1928 o italiano Guido Viaro morava em Curitiba. Trouxe na bagagem experiências artísticas da Itália e de Paris. Mais do que isso, Viaro trouxe um elemento novo àqueles que iam até ele para aprender a pintar: a liberdade, a ideia de que o mais importante era representar a essência, não a forma. Viaro inicia pintores na arte subjetiva e expressionista, em oposição ao objetivismo e realismo vigentes então. Em 1941 Viaro começou a agregar em sua escola, uma velha casa que sofria com as enchentes, na Praça Zacarias, alunos e alunas que mais tarde fariam parte de uma nova geração de artistas e que deixariam seu nome gravado na história da arte. Entre a geração que passou por Viaro estavam os jovens Fernando Velloso, Domício Pedroso, Ida Hannemann de Campos, Miguel Bakun e, inclusive, o contista Dalton Trevisan.

Na velha escola havia risos, troca, ensinamentos, entusiasmo. Mais tarde Viaro levaria seus alunos e conquistaria outros na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Ida Hannemann de Campos relembra aquela

época com saudosismo, de Viaro oferecendo-lhe balas, mas quando tinha que ser seco ele era. “Ao analisar uma vez um desenho ele disse-me que faltava fermento. Não entendi, então ele explicou que faltava que a obra crescesse, tivesse mais vida, vivacidade, mais essência”, relembra a artista. Ida não era a única mulher da turma. Também frequentava as aulas aquela cuja obra seria reconhecida, no futuro, pela tocante carga de melancolia: Leonor Botteri, sempre envolta numa aura cinzenta, apesar de muito bela. As duas artistas, aliás, seriam premiadas com a medalha de bronze no primeiro salão de artes paranaense, poucos anos mais tarde.

Em 1944 um importante incentivo aos artistas, principalmente àqueles que não podiam ter ou manter um ateliê, foi a ação da Prefeitura de ceder, por intermédio de Nilo Previdi, um espaço para que alguns artistas montassem seus ateliês. O espaço era um velho sobrado da Praça Tiradentes, um pouco à frente de onde hoje se encontra o Mercado das Flores, próximo ao Paço da Liberdade. Dentre os artistas que lá se estabeleceram estavam o próprio Nilo Previdi, Loio Pérsio, Alcy Xavier, Miguel Bakun e Marcel Leite. Segundo Alcy Xavier o edifício estava em situação precária, faltavam até degraus na escada. Utilizavam os dois andares superiores, enquanto no térreo funcionava um bar de pouca boa fama. Um ar parisiense e de boemia reinava naqueles dias. Os artistas ocupavam um espaço comum, salvo Bakun que se isolava em outro compartimento. As conversas e discussões giravam em torno da arte e da política ou mesmo de ideias socialistas. Esse mesmo grupo, mais tarde, participará de um curso de gravura de Poty Lazzarotto e formará o núcleo do Centro de Gravura, instalado no porão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Em novembro desse mesmo ano um grande avanço se dá nas artes plásticas do Estado, com a criação do Salão Paranaense de Belas Artes. A primeira edição aconteceu no auditório do Instituto de Educação, então chamado de Escola de Professores. Os grandes vencedores foram dois discípulos de Andersen, De Bona e Estanislau Traple. O primeiro salão e os seguintes certamente consideravam como mais relevante a arte dita acadêmica. Isso só se romperia de vez após a revolta dos artistas no “Salão dos Não Conformados” em 1957.

Enquanto isso Poty Lazzarotto, em 1943, já no Rio de Janeiro estudando na Escola Nacional de Belas Artes, realiza sua primeira exposição e ilustra seu primeiro livro, “Lenda da Herva Mate Sapecada”, de Hermínio da Cunha César. Em 1945, é premiado no Salão Nacional de Belas Artes e recebe uma bolsa de estudos ofertada pelo governo francês.

Enquanto Poty partia para a França, em 1946, outro importante artista de lá retornava para Curitiba, após longa estadia na Europa, onde se especializara na pintura de animais. Arthur Nísio, o pintor da obra “Chegada de Zacarias Góes e Vasconcellos” da coleção do Palácio Iguaçu. Outro artista que retorna ao Paraná nesse mesmo ano é Lange de Morretes, vindo de São Paulo, onde trabalhava como assistente científico na USP.

1946 foi, aliás, um ano bastante importante para o movimento cultural: em abril, Dalton Trevisan e Erasmo Pilotto lançam a Revista Joaquim, a qual receberia importantes contribuições de Poty Lazzarotto e outros intelectuais no Brasil, fonte de discussões sobre arte e literatura. Teve papel relevante na disseminação da ideia de que o moderno e universal deveria suplantar o tradicional e local. Poty opina que valorizavam demais a prata da casa, sem que se soubesse se ela valia tanto assim; o artista, aliás, após seu retorno de Paris, inicia um programa de cursos de gravura pelo país, no anseio de repassar o que aprendera e, conseqüentemente, renovar.

A década é fechada com uma grande conquista: a criação, em 1948, da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Seus primeiros professores foram artistas já celebrados na cidade, Theodoro de Bona, Estanislau Traple, Guido Viaro e Turin. Dentre os primeiros alunos estavam Domício Pedroso, Adalice Araujo, Anna Maria Comodos e Fernando Velloso, o qual, a propósito, relata que nesse final de década havia uma falta muito grande de informações acerca da arte. Não se viam publicações que tratassem de movimentos como o impressionismo ou cubismo, movimentos já ultrapassados na Europa, mas ainda desconhecidos no Paraná. Um livro de arte era raro e quando aparecia era disputado com sofreguidão.

A década que preparou o caminho para as grandes mudanças dos anos 50 termina com a morte de João Turin, em 1949, e, no ano seguinte, com o retorno de seu aluno do Rio de Janeiro, Erbo Stenzel, aquele que daria a Curitiba as gigantes estátuas da Praça Dezenove de Dezembro e semearia de bustos a cidade inteira.



HANNEMANN, Ida. Estudo Ateliér de Viaro, 1941

RICARDO FREIRE é licenciado em História pelas Faculdades Integradas Espírita, especialista em História Antiga e Medieval pelo Instituto Tecnológico e Educacional. Historiador do Museu Oscar Niemeyer.

Encenando a palavra
ou palavreando a cena

ou estremecendo

o imaginário

O rego

por EDSON BUENO

Quem acompanha o trabalho do Grupo Delírio sabe que, por todos os lados, gostamos mesmo é de falar. Às vezes pelo coração, às vezes pelos órgãos genitais, às vezes até pelos cotovelos, não importa. O negócio é dizer coisas, buscar novas sinceridades e expressões em palavras, palavras e palavras. Nos últimos tempos, o exercício de reelaborar para o teatro as obras de grandes escritores tem sido a nossa diversão favorita. Pois continua. Paulo Leminski é a nossa mais recente pesquisa. Quem nunca leu Leminski não conhece as delícias de sua poesia, o perfume de sua literatura ágil, malandra, espertíssima, elegante, erudita e única.



Penetrar (ô palavra danada!) em sua escrita é abandonar-se na milionária riqueza verbal do seu talento e inteligência. Então que um dia escolhemos encenar sua poesia didática, romanceada, reflexiva e verborrágica, intitulada **METAFORMOSE – Uma Viagem Pelo Imaginário Grego**. Valeu pelo teatro que fizemos em uma década. Leminski, sem pudores, permite-se envolver e envolver-nos, como novelo de mil texturas e cores, numa aventura onde tudo pode significar tudo e modificar-se ao sabor da imaginação e do desejo. Heróis mitológicos são desmembrados e a poesia das palavras é o fio que une uns aos outros e, ao mesmo tempo, os transforma, segundo a vontade de entender a aventura humana pelos caminhos da mitologia. É um rumo perigoso, complexo, que invariavelmente leva ao próprio coração. Pensar mitologias é pensar a vida, sem compromissos com a lógica e muito menos com a verdade. Porque a verdade é apenas o que ela significa como sentimento no momento presente. Passado e futuro não existem em **METAFORMOSE**. O que existe é a palavra que reflete ideias e pensamentos que só têm significados e importâncias no momento em que são ditos. Segundos depois que ecoaram, deixam de existir e dão lugar a outros, que não precisam estar conectados com os anteriores. Não é uma viagem para compreender; talvez, com alguma sorte, para significar. De todo modo, a preocupação de Leminski em seu relato **METAFORMOSE** é a de narrar. “Narro, logo existo!” Estar contando é a condição primordial para não morrer, estar se metamorfoseando é a condição primordial para não dar de cara com a Medusa e não virar pedra. Leminski não queria virar pedra, artista nenhum também quer. Ou será que alguns querem? De qualquer forma, como pensador, escritor, gênio e provocador, Leminski usa e abusa dos mitos gregos para

pensar/definir o significado de existir sem preocupações cronológicas. Compreende tudo ao mesmo tempo, como um voo de Ícaro, despreocupado com os raios do sol. Leminski não tem medo de cair, tem medo de parar durante o voo. O Grupo Delírio abandona-se prazerosamente nas palavras do maior poeta curitibano. Deixa-se levar por sua loucura selvagem e busca arrancar prazeres em cada significado. Viver é sofrer, rir, gozar, expandir-se, encolher-se, enlouquecer e, antes de morrer, recuperar a cada segundo a liberdade de ser. **METAFORMOSE** é um libelo de liberdade na prisão que a cultura e o tempo impõem ao homem. Os atores do Grupo Delírio dizem mitos: Medusa, Teseu, Afrodite, Centauro, Eco, Narciso, Hércules, Minotauro, Ícaro e Leminski. Expressam-nos na arena, mas com a mesma liberdade com que o grande poeta os escreveu e descreveu. Em meio ao caos! Em meio ao turbilhão das transformações! Com o necessário desprendimento do que não tem lógica, a não ser na palavra, na ação e na atemporalidade. Nossa viagem ao mundo imaginário do mito grego é a entrega sem reservas à humanidade de Paulo Leminski, a quem homenageamos; apaixonados por sua literatura, por seus esplendores e misérias... por sua alma livre! Com o espetáculo “**METAFORMOSE – REFLEXÕES DE UM HERÓI QUE NÃO QUER VIRAR PEDRA**” damos boas-vindas ao público para uma viagem de **METAMORFOSE/METAFORMOSE!** Garantimos, não será uma viagem fácil; mas se estiverem com o coração aberto ao caos, arrancarão de nosso Paulo Leminski grande prazer, porque encenamos um lugar que não é passado nem futuro... talvez nem presente! Mas é palco, teatro, poesia, palavra, palavra e palavra! Amém!



● **EDSON BUENO** é diretor de teatro há mais de 30 anos. *Metaformose Leminski*: reflexões de um herói que não quer virar pedra, que escreveu e dirigiu com o Grupo Delírio Cia. de Teatro, foi contemplado com o Prêmio Funarte Myriam Muniz. Sua peça *Kafka* foi a mais premiada da edição 2009 do Troféu Gralha Azul. Diretor prolífico e polêmico, fez do teatro a sua vida.

Metaformose Leminski

Fragmento

Seis atores que vão chegando, ficando, se aprontando, naturalmente como se não fosse nada, mesmo que seja. Diego liga o som, um jazz toca e improvisado, por uma destas bandas poderosas, quando se juntam os melhores músicos e vão viajando na música até tudo se consumir no que tiver que ser. (Por exemplo: “Around midnight” com John Coltrane e Miles Davis; ou “In a sentimental mood”, com Duke Ellington e John Coltrane).

Uma garrafa de vinho e algumas taças.

Abrem a garrafa. Um som.

Tiago – E pensar que neste exato momento Ícaro voa, sobre o mar Egeu, com as asas de cera criadas por seu pai Dédalo, o arquiteto do labirinto. Sabem? Não sabem? E na Frígia, O Rei Midas beija sua filha e a transforma em ouro. Quem dá mais?

Marcel – Na entrada de Tebas, a Esfinge pergunta a Édipo: Qual o animal que pela manhã tem quatro pernas, à tarde tem duas e à noite tem três?

Guilherme – Nas portas do inferno, Hércules luta com o cão Cérbero.

Diego – Zeus transforma em pedra uma ninfa indiferente ao seu falus ereto.

Martina – Odisseu destrói Tebas, usando um cavalo de madeira para entrar em sua fortaleza.

Marcia – Titãs, Gigantes e Cíclopes guerreiam contra Zeus.

Tiago – Amontoando montanhas, atirando rochedos. Todos em luta com o pai que os fulmina com raios. A vida de Zeus cabe dentro de uma fábula, aliás, de todos os deuses, de todas as vidas, de todas as fábulas. Narro, logo existo.

Marcia – E Dédalo?

Tiago – Ah, sim. Mais baixaria. Dédalo, o arquiteto do labirinto, funcionário do Rei Minos, marido da Rainha Pasífae. Acontece que ela, traidora, pérfida, jaguara, zoofílica, tarada, diria mesmo que vagabunda no último grau, resolveu arder-se em desejos pelo touro branco que Poseidon, o senhor dos oceanos, tinha feito sair das ondas do mar. Entenderam? Não entenderam? Touro mesmo, um bicho chifrudo, soltando vento pelas narinas! E o que fez Dédalo? Mancomunou-se com a rainha e construiu um perfeito simulacro de vaca. A rainha Pasífae entrou nele, virou assim de costinhas... o touro bufando aproximou-se e assim, sem mais nem menos se consumou o coito maldito... da rainha e da grande besta. E vocês pensavam que já tinham visto de um tudo! Não viram é nada! Pois então que dessa monstruosidade, nasceu o Minotauro, mistura de homem e cabeça de touro... em volta de quem Dédalo construiu o labirinto.

Diego – A casa monstruosa para um ser monstruoso.

Tiago – Muitos candidatos a herói entraram no labirinto para matar o Minotauro. Ninguém nunca voltou e o Minotauro seguiu representando o medo

milénar que todos nós temos da escuridão e do desconhecido. Todo medroso é um reacionário. Todo medroso tem medo da liberdade. Todo reacionário tem medo do labirinto e do Minotauro. Até que.

Diego – Um dia apareceu Teseu, apaixonado pela princesa Ariadne, que deu-lhe um rolo de fio para entrar no labirinto e não se perder... Tinha como voltar, mas não sabia como matar o monstro que nem conhecia.

Tiago – De olho nas águas, Narciso vê Medusa. Fecha os olhos, e mergulha na noite, onde as fábulas sonham fábulas. Quem é Narciso agora?

Guilherme – Teseu.

Tiago – E o Minotauro. (Apontando **Marcia**) – Ariadne.

Marcia – Ariadne entrega-se atenta, olhos nas ondas e nas estrelas. Recoberta de luar e paixão. (Para Narciso, de olho nas águas) – Segue Teseu, com o novelo, porque quero-te livre do labirinto, seguro de qualquer perdição. Eu te entrego. Eu me entrego. Vibra o cordão, eu estremeço contigo.

*Metaformose, Paulo Leminski.
Editora Iluminuras, 1994.*



—●●●●●—
*Signore / Sivuplé / me dá um chops /
tindobre panhe / vou até pedir rollmops / se
a south / colabora / tutto el mondo / vai pro
ahu / kaput / gudibai / ai loviu / muchacha
/ ragazzina / ninguém bucha / que eu taco
/ gasolina / na babucha / chucrute /
abacaxi / com vinavuste / são coisas /
que só Curitiba enruste.*

(Samba de Paulo Vítola e Marinho Galera)

ACRÓPOLIS, A HERESIA

por DANTE MENDONÇA



Na arqueologia curitibana, Acrópole foi um dos pontos centrais do que conhecemos como o *paraíso dos gastrônomos de caixa-baixa*. Inaugurada no início do século passado, a Acrópole da Rua XV de Novembro foi a primeira *casa restauradora* do centro de Curitiba a oferecer ao distinto público lanches rápidos e, uma das maravilhas do mundo, sorvetes de creme, baunilha, nata, chocolate e frutas da estação. Para saborear os gelados do italiano Bruno Birindelli, recém-chegado de Lucca, a fila passava pelas portas do cinema e só fez aumentar quando Birindelli anunciou aos fãs da pipoca outras de suas maravilhas: banana split, milk shake, sundae e a vaca preta. O item de resistência da casa eram as fatias borrachudas de pizza, com o queijo escorrendo pelas bordas, insopitavelmente guarnecidas com um copo longo de vitamina de leite e frutas. Esta dupla de peso fez por humilhar o até então poderoso Prato Feito (PF).

Junto com a mitologia grega conhecida através dos livros de Monteiro Lobato, outra história restou para o imaginário curitibano: a lenda de que a famosa pizza com vitamina da Acrópole seria invenção do grego Koutoulas.

Como diria o poeta Paulo Vítola, *são coisas que só Curitiba enruste*. Somando-se ao fato de que o maior dos escritores da Cidade Sorriso é pessoalmente sisudo, esta foi mais uma das contradições curitibanas. Lanchonetes concorrentes e vizinhas, a Acrópole era do italiano Birindelli e a Savoia do grego Evângelo Koutoulas.

Entre a rua Dr. Muricy e o Palácio Avenida, a dois passos da Boca Maldita, aquela quadra poderia hoje ser chamada de *Zona do Euro*: de um lado tinha a Acrópole do Birindelli, no meio o Bar Mignon do Amatuzzi e o Bar Triângulo, na outra ponta a Savoia do Koutoulas. Sendo que aqui e acolá podiam ser encontrados portugueses, franceses, polacos, ingleses e os ubíquos judeus das joalherias.

A Acrópole, no imóvel alugado na XV, fechou no começo da década de 1970 e Bruno Birindelli morreu em 2009. Deixou para a nova geração a lanchonete Itália em endereço próprio, na Cândido Lopes, quase em frente ao INSS.

Evângelo Koutoulas Filho é o herdeiro do que restou de um conglomerado de pequenos negócios no centro de Curitiba: a agora Savoy, a La Gôndola e outros estabelecimentos comerciais na mesma quadra da Rua das Flores, então XV de Novembro. Hoje dono da movimentada lanchonete, pizzeria e pastelaria Evangelo's & Cia (na rua Desembargador Westphalen, 82), se a família Koutoulas ainda estivesse vivendo na Grécia, poderia estar



numa situação tão periclitante quanto Hércules: depois de seus Doze Trabalhos, agora querem cortar sua polpuda aposentadoria. Já no segundo ato da tragédia econômica grega, dizem as línguas de fino trato que o famoso churrasco giratório grego está sendo feito com lixo hospitalar. *Se non è vero, è ben trovato*, diria o Birindelli, porque aquele rolo compostado parece recheado de gaze e esparadrapo.

Na célebre crônica *Curitiba, a fria*, o falecido Fernando Pessoa Ferreira foi o primeiro a se referir ao *paraíso dos gastrônomos de caixa-baixa*. Das boas coisas ao alcance de qualquer um, recordou com água na boca da Cinelândia, no final da galeria Tijucas, onde seus falecidos garçons Bora e Conrado serviam uma batida imortal, acompanhada de camarões abissais inenarráveis, sopa de tartaruga, filé de jacaré e paca, tatu, cutia também.

Assim como a Acrópole, o Bar Cinelândia, na parte externa da galeria do Edifício Tijucas e nos fundos da Boca Maldita, já não existe mais. Da mesma estirpe, no centro ainda restam o sorteio de pernil do Bar Stuart, o cachorro com verde e duas *vinas* do Triângulo, o pernil com queijo do Mignon, os testículos de boi do Ligeirinho, a canja de galinha do Gato Preto e outros bons botequins para *gastrônomos de caixa-baixa*.

No roteiro da baixa gastronomia, o curitibano padrão tem orgulho de seus sanduíches da categoria *ogro*. O *X-Montanha* é uma das bizarrices de estimação. Bem ao lado da UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná), antigo Cefet, na lanchonete Montesquieu fica a pastelaria do japonês Hiroyuki Ota, ou simplesmente

seu Zé, cuja especialidade é esse sanduíche inspirado no Pico Marumbi, na Serra do Mar: vem com um ou dois hambúrgueres, maionese, salada, presunto, queijo... e um pastel no meio! Que pode ser de carne, palmito ou queijo.

Outro das bizarrices é o *Mumu-chorão* do Billy, o campeão dos notívagos esfomeados do Batel. Este sanduba ogro é o preferido da crítica especializada na baixa gastronomia: hambúrguer feito na casa, queijo, ovo, presunto, salada e muita, mas muita cebola frita. Com meio quilo de quitutes, a lambança é impressionante!

Restos da cultura helênica, a Acrópole do italiano Bruno Birindelli é uma vaga lembrança. Para os abonados frequentadores do Île de France, uma heresia. Quando perguntamos na Boca Maldita, os mais velhos trocam lembranças.

- Serviam uma pizza com vitamina incomparável. Era do grego Koutoulas.
- Esse grego não era parente do Jorge Lacerda, o governador de Santa Catarina que morreu num acidente de avião em São José dos Pinhais?
- Jorge Lacerda era grego?
- Filho do Komninos Lakierdis. Troiano era o Irineu Bornhausen.
- Os jovens, é claro, sabem da Acrópole graças ao Wikipédia.
- Vem do grego *κρόπολις*. Era o posto mais alto e seguro de uma região. Embora existam outras, a Acrópole de Atenas ficou como sendo a única. A palavra Acrópole tem sido usada na arqueologia para denominar os centros das cidades antigas ou sítios arqueológicos mais importantes.
- Não conheço a Acrópole. Só passei em frente ao Acrótona, ali na rua Cruz Machado. É muito frequentada pelas *mulheres de Atenas* e dizem que serve o melhor arroz à grega da cidade.
- É linda. A especialidade da casa é pizza!

Se você já enjoou da gororoba de sábado – a feijoadade medíocre do cunhado, a abominável lasanha da mamma –, experimente mudar de classe social. Explico: esqueça que você é um cidadão ou cidadã da classe média, com ares de bacana, e mergulhe de corpo e alma no roteiro da baixa gastronomia de Curitiba. São multidões de pastéis, sanduíches, empadas, empanadas, crepes, espetinhos, bolinhos, croquetes, bocados vários. Delícias que se oferecem à gula do passante em barracas, tascas, botecos, birosacas – quando não em isopores volantes e tabuleiros improvisados.

Governo do Estado do Paraná

Beto Richa Governador
Paulino Viapiana Secretário de Estado da Cultura
Valéria Marques Teixeira Diretora-Geral da SEEC

Revista Helena

Consultoria Editorial
Ernani Buchmann

Edição Executiva
Thaísa M. Teixeira Sade Coordenadora de Comunicação | SEEC

Projeto Gráfico | Edição de Arte
Rita Soliéri Brandt Coordenadora de Design Gráfico | SEEC
Adriana Salmazo Zavadniak Designer | CDG | SEEC
Maico Amorim Designer | versão digital

Revisão
Marjure Akemi Kosugi

Apoio Administrativo
Aloisio Douglas Miecznikowski Assessor Jurídico | SEEC
Lucelia Maria de Oliveira Halizak Chefe do Grupo Financeiro Setorial | SEEC
Matias Marino da Silva Chefe do Grupo de Planejamento Setorial | SEEC
Regina Iório Assessoria da Diretoria-Geral

Autores e colaboradores publicados nesta edição

Adélia Maria Lopes
Adélia Maria Woellner
Alvir Riesemberg
Arnoldo Monteiro Bach
Bento Munhoz da Rocha Netto
Carlos Alberto Pessôa
Carlos Roberto Antunes dos Santos
Cláudio Lacerda
Dante Mendonça
David Carneiro
Edson Bueno
Eduardo Rocha Virmond
Eloi Zanetti
Eric Han Schneider
Ernani Buchmann
Fábio Campana
Helena Kolody
José Marconi
Josef Zipperer
Kraw Penas
Lígia Kaori Iha Nakazato
Luiz Claudio de Oliveira
Luiz Guilherme Rangel Santos
Luiz Postal
Marcio Renato dos Santos
Marta Morais da Costa
Manoel Coelho
Nego Miranda
Nicolau Bley
Nilson Monteiro
Noel Nascimento
Paulino Viapiana
Paulo Venturelli
Ricardo Freire
Richard Bischof
Tania Buchmann
Ulisses Iarochinski

Capa | Luiz Postal ilustração

Agradecimentos
Deodato Mansur | Omni Informática
Família Koutsoukos Amadori
Família de Helena Kolody
Fundação Cultural de Curitiba
Instituto Histórico e Geográfico do Paraná

Impressão
Departamento de Imprensa Oficial do Estado – DIOE
Papel Chambril 120g | miolo e 230g | capa



Esta é uma publicação da
Secretaria de Estado da Cultura do Paraná | SEEC

Edição de lançamento | Ano 1 | número zero | junho 2012

Tiragem | 5 mil exemplares
Distribuição gratuita

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores.
Proibida a reprodução parcial ou total dos textos, fotos e ilustrações
por qualquer meio, sem autorização prévia.
Todos os direitos reservados.

Sugestões e críticas devem ser encaminhadas para
seec@pr.gov.br

Helena na web
www.cultura.pr.gov.br
www.facebook.com/revistahelena
issuu.com/revistahelena

Alguns textos desta publicação foram adaptados à nova ortografia.



COMPARTILHE SUA REVISTA HELENA



DAVID, Jacques-Louis | Helena e Páris | detalhe
1788 | óleo sobre tela | 146 x 181 cm

Histórias de vida
Literatura da economia
Geografia de gente
Música da memória
Plantações de futuros
Dança dos ventos
Trânsito de destinos
Exposição de ideias
Embarque de desejos
Retratos nem pensados
Fábricas de motivos
Filmes revividos
Almas reunidas

E Helena!

Um pouco
de muito
da nossa
cultura

